

JOSENILDO FARIAS NETO

*REFLEXÕES SOBRE A
PRÁTICA DOCENTE E O
ENSINO DE LÍNGUA
INGLESA*



Editora
Performance

JOSENILDO FARIAS NETO

**REFLEXÕES SOBRE A
PRÁTICA DOCENTE E O
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA**

Arapiraca-AL
2025



Editora
Performance

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante
– CRB:1664

F224r Farias Neto, Josenildo.
Reflexões sobre a prática docente e o ensino
de língua inglesa / Josenildo
Farias. –2018.
265 f. : il. Color.



ISBN: 978-65-5366-332-9

Orientador: Paulo Rogério Stella.
Dissertação (Mestrado em Letras e
Linguística) – Universidade Federal
de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de
Pós-Graduação em Letras e
Linguística. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 113-119.
Apêndices: f. 120-246.
Anexos: f. 247-265.

1. Língua inglesa – Ensino e aprendizagem.
2. Linguística aplicada.
3. Ensino médio – Prática docente –
Arapiraca/AL.
4. Transgressão.
5. Livro didático de língua inglesa. I. Título.

CDU: 81'33=111

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA	 PPGLL
---	--	---

TERMO DE APROVAÇÃO

Josenildo Farias Neto

Título do trabalho: "REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA"

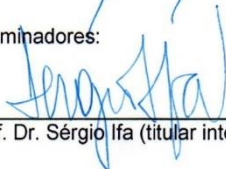
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGÜÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



Prof. Dr. Paulo Rogério Stella (orientador) – PPGLL UFAL

Examinadores:



Prof. Dr. Sérgio Ifa (titular interno) – PPGLL/UFAL .



Profa. Dra. Rosângela Nunes Lima (titular externo) – UNEAL

Maceió, 14 de agosto de 2018.

À dona Arlete, minha primeira professora de inglês, que na quinta série do Ensino Fundamental, ao primeiro contato que teve comigo, proferiu a seguinte frase profética: “Você vai ser um professor de inglês quando crescer”.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Paulo Rogério Stella, que em nosso primeiro encontro na UFAL, quando ainda buscávamos um tema para dissertar, soube despertar em todos nós, sobretudo em mim, de maneira desafiante e provocadora, a intenção de pesquisar algo que me incomodasse em minha prática docente. Em suas palavras: *“Observem seu proceder, suas salas de aula, suas práticas como professores. Algo os incomoda ou não funciona como deveria? Pensem nisso!”*. A você, professor, o meu muito obrigado!

Agradeço também ao professor Sérgio Ifa, por compor esta banca examinadora e também por suas palavras, quando em uma de suas aulas, reservou um tempo para tecer comentários sobre um trabalho que eu apresentara. Suas sábias críticas construtivas me ajudaram sobremaneira neste processo de pesquisa.

Sou grato à professora Rosângela Nunes de Lima, que gentilmente aceitou participar desta banca examinadora. Agradeço-lhe por ter sido minha interlocutora ao longo de minha trajetória no magistério, em especial, nos anos em que estive sob sua coordenação no Projeto do PIBID/Uneal, de março de 2014 a fevereiro de 2017.

Às professoras Andrea da Silva Pereira e Cátia Pitombeira, que contribuíram com esta pesquisa, na banca de qualificação. Graças à avaliação criteriosa de vocês pude repensar o meu lugar como profissional na área de educação.

Aos amigos Douglas, Ismar e Sanádia, que tornaram essa caminhada na pesquisa acadêmica mais agradável, trazendo cientificidade às nossas discussões teóricas nas diversas reuniões informais que tivemos em minha casa.

A todos os demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, (UFAL) que contribuíram para meu processo de formação acadêmica, em especial à professora Andréa Pereira, por ter promovido esse “mergulho em minha própria prática”, despertando certa inquietude, bem como curiosidade em pesquisar sobre um proceder autoetnográfico.

À minha amiga, irmã de coração, Vânia Silva, que sempre me recebe em sua casa desde a época em que éramos estudantes de graduação. A você, o meu muito obrigado por sabiamente me fazer refletir sobre a finitude a que todas as coisas estão pré-determinadas.

Ao Williams, grande amigo e companheiro, que mesmo estando ausente fisicamente, conseguiu se fazer tão presente.

Aos meus colegas, membros do grupo de pesquisa *Observatório da Linguagem em Uso* (ObservU) pelos riquíssimos e proveitosos debates que tivemos em nossos encontros.

À minha mãe, Teresinha Farias Neto -, a esta última, me fogem as palavras...

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.”

Paulo Freire

RESUMO

A chegada do livro didático de língua estrangeira nas escolas públicas tem contribuído para um trabalho com melhores resultados no tocante ao ensino/aprendizagem de inglês. Sendo o livro previamente escolhido pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2011), seguindo, portanto, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM-LE) (BRASIL, 2006), esse deve estar como pregam os pré-requisitos reportados na seção destinada aos conhecimentos de línguas estrangeiras (BRASIL, 2006), que asseguram que devem ser trabalhadas em língua estrangeira as seguintes habilidades: a leitura, a prática da escrita e da comunicação oral contextualizada. Desse modo, o presente estudo tem como principal objetivo estabelecer reflexões sobre a prática docente no ensino de língua inglesa município de Arapiraca/AL, tomando por base atividades gramaticais presentes na primeira unidade do livro “*Take Over 3*” (2013) em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública. O trabalho está dividido em quatro capítulos. A Metodologia é de natureza qualitativa, BORTONI-RICARDO (2008) de cunho etnográfico CHIZZOTTI (1991) e paradigma interpretativista. Para a pesquisa, adoto como instrumentos de coleta: diários reflexivos, planos de aula, e questionários. Apresento como *corpus* o livro didático mencionado. O trabalho está ancorado nas pesquisas de STELLA (2013, 2014) voltadas para novos letramentos e formação de professores. BAKHTIN (1981), PENNYCOOK (1999), MOITA-LOPES (2011,2013) ALMEIDA FILHO (1993). A pesquisa proporcionou-me reflexão sobre minha prática pedagógica no tocante à gramática, permitindo-me conhecer outras possibilidades de atuar enquanto professor, indo além do conteúdo programático do livro didático, refletindo e transgredindo conteúdos pré-estabelecidos desvinculados do contexto sócio-histórico e cultural dos alunos.

Palavras-chave: Livro didático de Língua Inglesa - Linguística Aplicada- Práticas de sala de aula – Transgressão

Sumário

1. INTRODUÇÃO	15
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	29
2.1 Momentos iniciais da Linguística Aplicada – Um breve histórico	30
2.1.1. Linguística Aplicada na contemporaneidade	35
2.2. Contexto da Pesquisa e Participantes	41
2.3. Procedimentos para a Coleta de Dados	42
2.3.1. Plano de Aulas.....	50
2.3.2. Diários.....	51
2.4. Descrevendo os Instrumentos de Pesquisa.....	53
2.4.1. Os planos de aula	54
2.4.2. Questionário de pergunta única sobre a noção de gramática	55
2.4.3. Questionário planejado aplicado aos alunos	58
2.4.4. Diários reflexivos do pesquisador	59
2.4.5. Narrativas dos alunos	60
3. REFERENCIAL TEÓRICO	61
3.1. Conceito de língua	61
3.2. Visão dialógica bakhtiniana	63
3.3. O ensino de inglês na escola pública.....	66
3.4. Reflexões sobre o ensino de língua inglesa na escola pública de Alagoas	70
4. O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA	74
4.1. Proposição de Aula Baseada em uma Abordagem Contextualizada.....	92
4.1.1. Material de Aula.....	93
4.2. Onde estão as transgressões?	96
5. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	97
5.1. Análise da Pergunta Inicial de Pesquisa.....	97
5.1.1. Pergunta inicial de pesquisa	98
5.1.2. Classificação das respostas à pergunta feita aos alunos	100
5.1.3. Análise das respostas dos alunos	102
5.1.4. Análise global a partir do capítulo I do livro didático.....	105
5.2. Análise dos Diários Reflexivos do Pesquisador	111
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
APÊNDICES.....	133
ANEXOS	260

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01: Resumo dos Instrumentos para coleta de dados.....	48
Tabela 02: Quadro esquemático/ Avaliação do PNLD.....	83
Tabela 03 Análise das respostas dos alunos	102

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01: Capa do livro “Take Over”, vol. 3	26
Figura 02: Plano de aula (primeira aula)	55
Figura 03: Pergunta de pesquisa.....	56
Figura 04: Questões aplicadas aos alunos.....	58
Figura 05: Diário reflexivo do pesquisador	59
Figura 06: Narrativa dos alunos	60
Figura 07: Texto inicial do livro. (p.12)	84
Figura 08: Atividade do livro (Unidade 1, p.13)	85
Figura 09 Atividade do livro (Unidade 1, p.13).....	88
Figura 10 Atividade do livro (Unidade 1, p.14).....	89
Figura 11: Plano de Aula (Apêndice - A, P.121).....	92
Figura 12: Pergunta Inicial de Pesquisa (Apêndice – C)	98
Figura 13: Gráfico / Respostas dos alunos	100
Figura 14: Recorte do Diário 1 do professor	106
Figura 15: Recorte do Diário 1 do professor	106
Figura 16: Recorte do Diário 1 do professor	107
Figura 17: Recorte de atividade do aluno: aspectos positivos	107
Figura 18: Recorte de atividade do aluno: aspectos negativos.....	108
Figura 19: Narrativa de um aluno.....	109
Figura 20: Recorte do diário 1 do professor	111
Figura 21: Recorte do diário 1 do professor	112
Figura 22: Recorte do diário 2 do professor	114
Figura 23: Recorte do diário 2 do professor	114
Figura 24: Recorte do diário 3 do professor	115
Figura 25: Recorte do diário 4 do professor	115
Figura 26: Recorte do diário 6 do professor	116
Figura 27: Recorte do diário 7 do professor	117
Figura 28: Recorte do diário 8 do professor	117

ABREVIATURAS E SIGLAS

FALE	Faculdade de Letras
LA	Linguística Aplicada
MEC	Ministério de Educação e Cultura
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPGLL	Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
TELP	Test of English Language Proficiency
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

1. INTRODUÇÃO

Foi frustrante constatar que os bons conceitos quantitativos que eu sempre conseguira como estudante no ensino básico, e também em meu percurso de graduação, fizeram pouquíssima diferença quando precisei usar a língua inglesa em um contexto real de uso. As regras e exceções que havia decorado quando aluno, e que reproduzia em minha prática docente, agora caíam por terra. Eu era um professor de inglês brasileiro, estudando em um país estrangeiro, que, ao primeiro contato com um nativo, paulatinamente já começara a problematizar: “O que há de errado com a gramática que estudei na escola quando aluno, e que agora reproduzo de maneira estéril em minhas aulas como professor?”.

Profissionalmente falando, sou licenciado em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), e atuo como professor concursado da rede estadual e municipal. Ministro aulas também em uma escola particular e cursinho na cidade de Arapiraca/AL. Minha carreira como docente de língua inglesa, doravante LI, nestas instituições ao longo dos últimos dezessete anos, foi fator preponderante para que pudesse estudar ao longo de seis semanas em um país que tem inglês como língua materna. Este processo empírico me proporcionou vivenciar *in loco as* inquietações no que concerne ao estudo de LI, mais especificadamente – de gramática, ao passo que me fez constatar que as regras que eu ministrava não se distanciava daquilo que já há quase duas décadas era postulado por Almeida Filho (1993), ao apontar que em linhas gerais tem predominado no ensino de línguas a noção centralizante da estrutura gramatical em torno do que se montam as unidades de planejamento escolares e dos livros didáticos.

Como bom discípulo desta prática hegemônica, eu continuava ministrando atividades de preencher lacunas, e em um estudo de gramática como estrutura fixa a ser decorada, que não funcionava naquele cenário de prática concreta da língua. A referida viagem para esses estudos aconteceu no ano de 2013,

quando, fui submetido a uma seleção feita e patrocinada pelo governo do Estado de Alagoas, juntamente com a FULBRIGHT para viajar aos Estados Unidos com intuito de estudar em uma Universidade Americana. O objetivo do projeto era que aprimorássemos nossa pronúncia, metodologia e didática no que se refere ao ensino de inglês. Estudei na Universidade *Miami Dade College* na cidade de Miami, e assim pude aperfeiçoar meus conhecimentos como professor de LI, e ter contato com a língua e a linguagem em uso real. Fui submetido a um exame de proficiência: *Test of English Language Proficiency* (TELP) e também avaliação de currículo. Sendo aprovado, embarquei para os Estados Unidos em Janeiro de 2013.

Inquietação é a melhor palavra de que disponho para retratar meu estado ao inferir a dinâmica que a língua viva nos apresentara àquela ocasião, suas características multifacetadas, a citar: contrações, rupturas, implícitos, silenciamentos, dentre outros recursos que, até então, eu os ignorava. Essa experiência germinou em mim a necessidade de interpelar o que havia de errado com minha própria prática pedagógica. Passei a indagar-me se existia algo que pudesse ou devesse ser melhorado - transgredido¹.

Foi com minha chegada ao Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística na UFAL (PPGLL), em 2014/I, frequentando o curso como aluno especial, que principiei a pensar em minha pesquisa. A problemática do ensino de gramática como simples regra a ser decorada, e também minha própria prática pedagógica continuavam latentes e muito me inquietavam. Posto isto, em uma das aulas na disciplina *Seminários em Linguística Aplicada*, ministrada pelo professor Dr. Paulo Rogério Stella, apareceram os primeiros indícios de que as questões que me incomodavam poderiam ser minimizadas, compreendidas ou

¹Aqui, uso o termo transgressivo uma vez que corroboro com Pennycook (2013) ao sugerir a necessidade de romper padrões pré-estabelecidos. Esta visão transgressiva chama atenção para os limites normativos do enquadramento disciplinar e epistemológico, e para a importância de encontrar modos alternativos de construir a realidade.

quicá resolvidas. Nesta aula, o referido docente sugeriu que, para melhor desenvolver nossas pesquisas, pensássemos em algo que nos preocupava na sala de aula, em nossa prática pedagógica, bem como algumas dificuldades apresentadas pelos alunos; uma questão que estivesse ligada com nosso dia a dia na docência.

Eu me encontrava na linha de pesquisa em Linguística Aplicada, área essa compreendida como sendo transdisciplinar, que identifica, investiga e oferece soluções para problemas relacionados com a linguagem da vida real, e, na ocasião estudava com um profissional interessado em questões na área de ensino de línguas, transculturalidade, letramentos e identidades – não poderia estar em lugar mais profícuo. Foi desta forma que o direcionamento de minha pesquisa começou a brotar. Não demorou muito para que chegasse a uma resposta para o tópico de meu estudo: minha prática pedagógica e o ensino de gramática. Movido pelo interesse neste tema, elaborei este estudo que tem como objetivo geral: **refletir sobre minha própria prática pedagógica, ao ministrar aulas de língua inglesa em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio.**

Com minha passagem pelo PPGLL, meus estudos - uma vez que tinha a prática, mas me faltava a teoria - me fizeram constatar que diferentes metodologias no ensino de línguas estrangeiras vêm surgindo devido às diversas ferramentas proporcionadas mediante o advento das novas tecnologias que estão quase sempre à disposição dos docentes. No ensino de LI, pesquisas apontam para uma diversidade de abordagens metodológicas que objetivam otimização nesta área. No entanto, apesar dos avanços tecnológicos que reconfiguram o espaço didático no ensino de LI, ainda é muito forte a presença de um ensino pautado em estudo de formas de análises linguísticas isoladas. No que se refere à qualidade de ensino no estado de Alagoas, este apresenta índices preocupantes.

Segundo dados de pesquisa realizada por Stella e Tavares (2014), o estado de Alagoas apresenta os piores índices econômicos, sociais e educacionais. Os números são extremamente preocupantes e requerem certa consideração.

Alguns desses dados, apontados pelo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), medem a qualidade da educação no Brasil por meio da atribuição de conceitos. O referido órgão atribuiu o índice de 2.7 ao estado de Alagoas para as séries finais do ensino fundamental público em 2012. Consoante com dados estudados por Stella e Tavares (2014), os números são preocupantes:

Se comparado à média nacional de 3.7, que já é baixa em relação aos países considerados desenvolvidos cuja média é 6.0, podemos inferir que há uma grande lacuna na qualidade de ensino na região, colocando Alagoas em último lugar entre os estados brasileiros. (STELLA; TAVARES, 2014)

Levando-se em conta esta lacuna na qualidade de ensino no referido Estado, quando se observa o contexto de sala de aula, são muitos os problemas que assolam a escola pública e que estão refletidos não só no ensino de LI, mas também no âmbito escolar em geral, a saber: salas superlotadas, escolas sucateadas, metodologia inadequada, e também a desvalorização do profissional da área de educação.

Infelizmente, essa desvalorização se reflete na prática pedagógica de muitos professores que, em grande parte, atribuem menor importância ao ensino de LI, limitando-o somente ao ensino de gramática, leitura e tradução. Eles garantem perpetuação da distância tanto física quanto intelectual dos alunos em relação aos processos globalizantes, garantindo a manutenção do binômio poder-conhecimento², presente na instituição escolar (STELLA; TAVARES, 2014).

Muitos professores tentam inovar em sala de aula, trabalhar com novas tecnologias e pensar em metodologias de trabalho mais dinâmicas que possam tornar as aulas mais

² Baseado na teoria do determinismo científico não dissociado da condição de classe social.

interessantes e atrativas para seus alunos. No entanto, ao se depararem com a falta de estrutura nas salas, o alto número de alunos, bem como uma lacuna de apoio pedagógico, o ensino de LI na escola pública termina se resumindo em estudo de gramática descontextualizada, tradução de texto e estudo de vocabulário. Professores e alunos, aqui vistos como vítimas nesse contexto, uma vez que não é tão simples para mudar essa realidade, ficam desmotivados por sofrerem essas deficiências que o sistema educacional lhes impõe (STELLA; CRUZ, 2014). Estes problemas levam o aluno a perguntar “Por que aprender inglês, professor?” Nesta pergunta, para Leffa (2009), encontra-se a armadilha da autoexclusão, que é ainda mais eficiente no caso da LI, uma vez que em alguns casos a LI é vista como uma ameaça à língua materna, a cultura nacional e até o patriotismo.

Retomando o panorama desta problemática no referido Estado, estas questões corroboram para que Alagoas seja protagonista de outro dado alarmante: a evasão escolar. Stella e Tavares (2014) apresentam a questão da evasão no Ensino Médio e da diminuição desproporcional do número de escolas. Segundo dados apontados através de pesquisa feita por Stella e Tavares (2014), o texto *Alagoas em números* (SEPLADE, 2011) – anuário produzido pelo governo estadual, que está disponível online para consulta – mostra que, em 2009, o Estado possuía 2.912 escolas de ensino fundamental e somente 315 de ensino médio. Ainda consoante com o referido anuário, nesse mesmo ano de 2009, as escolas de ensino fundamental receberam 651.408 matrículas e as de ensino médio, 133.638. (STELLA; TAVARES, 2014).

Como já reportado até este ponto, as estruturas gramaticais estudadas na escola, que apresentam a linguagem e resumem-na em termos como flexões e tempos verbais, preposições, advérbios, adjetivos, conjunções, verbos regulares e irregulares e assim por diante, passaram a me inquietar cada vez mais. Essa abordagem não dá ênfase a um aspecto primordial no ensino de uma língua: a comunicação. Há algumas tentativas de se inserir o método comunicativo em sala de aula, no entanto, esse método não consegue ir além de comandos simples como: pedir

para entrar na sala, desculpar-se, pedir licença. O uso do método comunicativo vai além de comandos simples. “Uma aula comunicativa requer exposição à comunicação no idioma almejado de forma efetiva, constante, partindo de situações e necessidades reais que acontecem através da interação entre todos os envolvidos no contexto da sala de aula” (STELLA; CRUZ, 2014).

Vários autores, sobretudo aqueles que comungam com a linha teórica bakhtiniana, concordam com o conceito de gramática como estando ligada a uma prática dialógica, a um sistema que está em constante mudança, e acima de tudo contextualizado. Estudar gramática é uma das várias alternativas no estudo de um idioma, mas não é a única, tampouco exclusividade propiciada pelo livro didático.

O professor de inglês deve privar pela autonomia, que segundo Paiva (2005), sugere um conceito que engloba os fatores de interferência externos e os diferentes graus de independência no processo de aprendizagem. Ainda de acordo com esta autora, decorar regras para se sair “bem” em uma prova escrita não é sinônimo de aprendizagem, como bem prega Paiva (2009, p.38):

De uma coisa eu tenho certeza: ninguém vai se sentir motivado se, ano após ano, ficar memorizando regras gramaticais e fazendo os mesmos exercícios cansativos e sem sentido. Arrisco-me a dizer que os alunos se beneficiariam muito mais se, ano após ano, cantassem as músicas de sua preferência e interpretassem suas letras ou até mesmo tentassem traduzi-las.

Considerando a preocupação com o estudo de gramática como estrutura normativa desvinculada das práticas sociais comunicativas, tão logo, descontextualizada, bem como outro olhar epistemológico no tocante à mesma, os objetivos específicos a serem elencados nesta pesquisa são:

- Identificar por meio de minha própria experiência docente, o modo de ensino utilizado durante as aulas de gramática, visando refletir sobre minha prática pedagógica no ensino de língua inglesa;
- Observar nos alunos as concepções de gramática construídas ao longo de sua formação escolar;
- Analisar se ocorreram mudanças em minha prática docente, através de minhas ações didáticas e metodológicas, realizadas ao longo do processo de pesquisa.

Apresento a seguir perguntas norteadoras que me encaminharam na busca dos objetivos específicos:

- Qual meu posicionamento ao ministrar aulas de gramática de língua inglesa?
- Quais as concepções de gramática internalizadas pelos alunos, no decorrer de sua formação?
- Houve mudanças durante ou após esse processo de pesquisa?

Reitero aos leitores desta dissertação que minha pesquisa não se propõe a buscar uma metodologia que resolva todos os problemas no ensino de LI, tampouco intenciona supervalorizar um método único de abordagem no ensino desta língua. Entendo que os estudos qualitativos interessam-se na razão pelas quais as coisas acontecem, tentando compreendê-las, estudando o porquê de elas serem de tal forma. Isto posto, almejo com meus estudos promover reflexões sobre minha prática pedagógica, buscando um melhor proceder na mesma -, no entanto, este melhor proceder pode não ser o único, tampouco o mais viável para outras pessoas. Reafirmo: não é minha intenção buscar fórmulas mirabolantes, e sim descrever meu percurso até aqui, e, quem sabe inspirar outras pessoas a também relatarem suas inquietações no mundo acadêmico e tentar, por conseguinte investigá-las.

Posto que meu estudo prelude de um olhar questionador sobre uma estrutura normativa, penso que se contrapondo a isto, faz-se premente entender a língua com cientificidade, considerando-a como uma construção histórica e cultural em constante transformação, em outras palavras, a língua concebida como discurso, não como estrutura ou código a ser decifrado, que constrói significados e não apenas os transmite. Compreendendo que o sentido da linguagem está no contexto de interação verbal e não no sistema linguístico. Conforme admite Bakhtin,

[...] o essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma linguística utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma. Em outros termos, o receptor, pertencente à mesma comunidade linguística, também considera a forma linguística utilizada como um signo variável e flexível não como um sinal imutável sempre idêntico a si mesmo (BAKHTIN, 1981, p.93).

Nesta concepção bakhtiniana, o importante não são as formas gramaticais estáveis, mas sim a realização estilística e a modificação das formas abstratas da língua em seu campo social, em outras palavras a língua acontece a partir dos falantes em interação. Minha concepção de ensino de língua estrangeira, doravante LE, comunga com os pressupostos acima, obviamente compreendo que o filósofo citado se referia à língua materna, no entanto, seu conceito de signo variável e flexível perpassa por outras línguas, pois como se sabe, o ensino de uma LE deve oportunizar um espaço para que o aluno reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural diversas. Para Moita Lopes (2011), a LE deve tratar o aluno como agente produtor de

sentidos, construindo significados em relação ao mundo em que vive.

Esta pesquisa se justifica por, primeiramente, ter contribuído para minha formação enquanto professor de LI, e posteriormente enquanto pesquisador. O contato direto com os docentes deste programa, (PPGLL) bem como as leituras indicadas por eles, promoveram mudanças de paradigmas e também epistemológicas a respeito da maneira como conduzia minhas aulas. As modificações ocorridas em minha prática ao longo deste processo de pesquisa, a exemplo de um professor que apenas reproduzia materiais de ensino pré-determinados pelo conteúdo programático do LD, e agora buscando transgredir as atividades propostas, refletindo sobre minha prática pedagógica, contribuíram para uma abordagem mais significativa e inclusiva no ensino e aprendizagem de LI, permitindo-me reformular e ressignificar meu lugar enquanto professor.

Em segundo lugar, tendo em consideração à formação de professores, esta pesquisa contribuiu para que repensasse o lugar em que sempre me estabeleci enquanto profissional, ou seja, um docente que sempre reproduzi materiais pré-estabelecidos ao invés de também produzi-los, questioná-los, melhorá-los. Almejo poder influenciar positivamente outros colegas professores e professoras de escolas públicas, sobretudo aqueles que buscam aperfeiçoar sua prática. Aqueles que também enfrentam dificuldades semelhantes às que encontro no dia a dia, e que possa apresentar-lhes alternativas de trabalho que contribuam para uma diminuição nos números negativos no ensino público em Alagoas, tal qual já aludido nesta introdução.

Levando-se em consideração a posição geográfica³ que a cidade de Arapiraca/AL ocupa, os alunos advindos das cidades

³ Arapiraca fica localizada geograficamente no centro do Estado de Alagoas, fator este que contribui para que vários alunos das cidades circunvizinhas matriculem-se em escolas desta cidade, conseqüentemente precisando se deslocar diariamente para chegarem às unidades de Ensino. As escolas, além de comportar os alunos locais, precisam também dispor de vagas para os advindos de outras cidades.

circunvizinhas são em grande número nas salas de aula. A grande maioria nunca teve um livro didático de inglês, nem estudou em escolas de idioma, e alguns não dão importância à necessidade de se estudar uma LE. São alunos que viajam todos os dias, estudam em salas superlotadas e tiveram professores de inglês que não tinham formação na área, apenas estavam substituindo outro educador em sua ausência.

Consoante com os Parâmetros Curriculares Nacionais de LE “a meta principal para o ensino de línguas estrangeiras no Ensino Médio é a comunicação oral e a escrita” (Brasil, 2001, p.15). O referido documento considera essas habilidades como ferramentas imprescindíveis no mundo globalizado, principalmente no tocante à formação profissional, acadêmica e pessoal. Em outras palavras, é relevante que os envolvidos no processo pedagógico façam uso da língua que estão aprendendo em situações significativas, isto é, que não se limitem ao exercício de uma mera prática de formas linguísticas descontextualizadas. O aprendizado de uma LE pode oportunizar uma consciência sobre o grau de potencialidade e a diversidade que se desenvolvem na interação humana. Saliento que as competências oral e escrita não podem ser adquiridas meramente através de estudos de análise linguística. Muitos autores, a citar Krashen (1977,1985), defendiam e ainda defendem atualmente que o ensino explícito de gramática não contribui para a aprendizagem do idioma.

Outro agravante no estudo de gramática como estrutura normativa é a ordem em que os itens linguísticos específicos são introduzidos e praticados. Essa escolha reflete algum tipo de sequência estrutural e nível de dificuldade percebido, como salienta Holden (2009), a maioria dos planos de ensino nos livros didáticos de LI tenta progredir ao fazer as novas formas linguísticas acompanhar aquelas que já foram introduzidas. Em outras palavras, as coisas “fáceis” são introduzidas antes das mais “difíceis”, ou complexas. Por exemplo, o verbo “*to be*” normalmente é ensinado bem no início do curso de inglês - mesmo que descontextualizado - o presente desse verbo pode

levar então ao “*Present Continuous*”, que também usa o verbo “*to be*”. Por sua vez, a familiaridade com o “*Present Continuous*” facilitará a aprendizagem da forma do “*Past Continuous*” – mas não necessariamente ao modo como é empregado em inglês, isso porque o domínio da forma desses tempos verbais não necessariamente ajudará os alunos a usar o idioma correta ou efetivamente, porque usar o idioma é diferente de reconhecer sua forma, sua estrutura. Essa estrutura, segundo Comrie (1995), “é um sistema abstrato de regras que o falante nativo de determinada língua usa para se expressar”. Inúmeros autores concordam com o conceito de gramática como estando ligada a uma prática dialógica, a um sistema que está em constante mudança.

Aprender gramática é uma das várias alternativas no estudo de um idioma, mas não é a única. Além disso, precisa ser apresentada e praticada num contexto significativo, de maneira contextualizada, como aponta Antunes (2014):

falar de “linguagem contextualizada” ou de “gramática contextualizada” é um tanto quanto redundante, uma vez que, como atividade de interação social, a linguagem nunca ocorre isoladamente, fora de qualquer contexto; a gramática somente ocorre como parte de uma atividade verbal particular, em resumo: a linguagem é inerentemente contextualizada; a gramática é inerentemente contextualizada. (p.40)

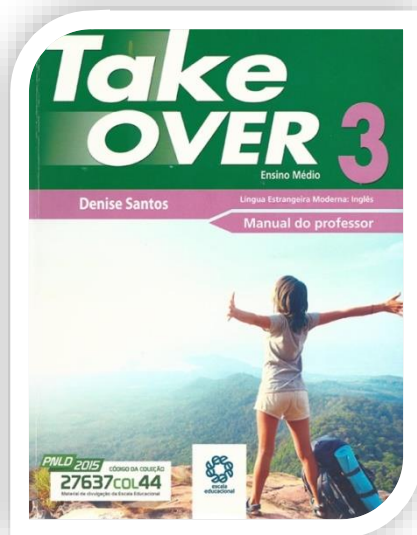


Figura 01: Capa do livro “Take Over”, vol. 3.

No que se refere ao ensino de inglês como LE a abordagem tradicional de ensino tem início no século XVIII e, apesar de terem acontecido alterações advindas com os documentos oficiais, a citar, PCN e OCEM, essa abordagem tradicional perdura até os dias atuais. Trata-se de uma metodologia de ensino pautada nos pressupostos da gramática e tradução. Schultz (2005), considera que essa abordagem secular tem como objetivo explicar a estruturação gramatical da língua e acumular conhecimento a respeito dela e de seu vocabulário, com a finalidade de se estudar sua literatura e traduzir.

Tendo em vista o que fora aludido até este ponto, considero minhas reflexões relevantes para os estudos linguísticos e para a linha de pesquisa em Linguística Aplicada porque, em primeiro lugar, como linguistas, estudamos a linguagem em sua relação dialógica com a esfera social, verificando a construção das identidades e a produção de sentidos, em outras palavras, passando por este processo, observo as

transformações ocorridas, que culminaram em reflexões sobre minha prática pedagógica – que à época tinha a gramática como principal referência no estudo de línguas – senão a única. Em outras palavras, ao iniciar esse estudo, a gramática como estrutura normativa da língua ocupava lugar de destaque em minha prática pedagógica. Outros tópicos apresentados no livro didático eram sempre menos relevantes. A língua enquanto estrutura imóvel que não aceitava influências externas era minha praxes. Esta abordagem não permite com que os alunos analisem, deduzam e tirem conclusões sobre regras impostas e reflitam sobre seu uso em prática real. Trata-se de abordagem que não assegura que o ensino de gramática esteja intimamente relacionado com as práticas sociais da linguagem, conforme recomendam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio.

Este trabalho se enquadra nas Ciências Sociais pelo fato de os envolvidos estarem inseridos no mesmo contexto social, e pela aproximação do sujeito pesquisador e o objeto a ser pesquisado. Sobre esta aproximação, Minayo (2009) estabelece que:

é preciso ressaltar que nas Ciências Sociais existe uma identidade entre sujeito e objeto. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos. (2009, p.13)

Ressalto também minha condição de refletir sobre minha prática pedagógica, viabilizando a possibilidade de me tornar parte também do estudo, pois como lembra Lévy-Strauss (1975) ao mencionar que sobre ciências sociais ela constitui-se: “Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, e o observador é, ele próprio, uma parte de sua observação”. (p.215)

Dialogando com esta aproximação entre sujeito pesquisador e objeto de estudo, reitero que um dos objetivos da disciplina de LE Moderna é que os envolvidos no processo

pedagógico façam uso da língua que estão aprendendo em situações significativas, isto é, que não se limitem ao exercício de uma mera prática de formas linguísticas descontextualizadas. O aprendizado de uma LE pode garantir consciência sobre o grau de potencialidade e a diversidade que se desenvolvem na interação humana.

Ao ser exposto às diversas manifestações de uma LE, o aluno constrói recursos para compará-la à língua materna, de maneira a expandir seus horizontes e sua capacidade interpretativa e cognitiva. Perceber que as construções gramaticais não são rígidas como apresentam alguns livros didáticos, e que as possibilidades linguísticas definem os significados construídos nas interações sociais é de grande importância para conceber a gramática de outra forma.

Após esta parte introdutória, discorro como foi estruturada esta dissertação:

No primeiro capítulo, apresento a metodologia que norteia a pesquisa, retomo os momentos iniciais da LA, e seu escopo contemporâneo no que tange a seu caráter indisciplinar (MOITA LOPES 2011). Esclareço também nesta seção que minha pesquisa enquadra-se como qualitativa, por “procurar entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.9).

Apresento também instrumentos de pesquisa, a saber: a) planos de aula baseados no conteúdo programático, b) questão inicial sobre gramática aplicada aos alunos, c) questionário (wh-questions) envolvendo questões linguísticas, d) Meu diário reflexivo produzido após aulas ministradas, e) respostas de diários reflexivos dos alunos que foram elaboradas em narrativas.

No segundo capítulo, abordo a discussão teórica, expondo diferentes visões de gramática, e em seguida topicalizo a situação do ensino de LI na escola pública, como também no Estado de Alagoas. Esclareço minha concepção de língua como interação verbal em processo dialógico, em consonância com Bakhtin/ Volochínov ([1929] 1981) e cito pressupostos teóricos que nortearam esta escolha. Apresento concepção de LE e trago

os documentos oficiais referentes ao ensino de LI na escola pública apresentados pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), PCN-LE (BRASIL, 2001) OCEM-LE (BRASIL, 2006). Abordo a situação do ensino de LI no estado de Alagoas segundo Stella (2013), e Stella e Tavares (2014), entre outros.

No terceiro capítulo, trago recortes de atividades do livro didático, analisando os tópicos gramaticais que despertaram esse estudo. Discuto também os requisitos de aprovação de livros pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, e apresento resultado de avaliação do livro em estudo. Recorro aos documentos oficiais no que diz respeito ao advento do livro didático de inglês; faço uma explanação sobre meus instrumentos de pesquisa em consonância com a gramática apresentada no livro; abordo questões históricas, ideológicas e pedagógicas do LD; comento o lugar do livro na perspectiva bakhtiniana. Apresento o livro utilizado na escola em que trabalho, ressaltando as questões que de certa forma influenciaram em minha prática, e apresento os instrumentos de pesquisa.

No capítulo final, passo para a análise dos dados coletados e discorro sobre os percursos pelas quais passei ao longo deste processo de pesquisa. Intento deixar claro para o leitor que a escrita desta dissertação resultou em um (re) pensar minha prática, bem como refletir sobre ela – ressignificando-a⁴.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentarei os aspectos metodológicos que norteiam esta pesquisa. De início, faço um breve histórico sobre os caminhos percorridos pela Linguística Aplicada desde sua concepção até a contemporaneidade, situando este trabalho nesta área de estudos. Em seguida, discorro sobre o paradigma de pesquisa qualitativa e interpretativista, de cunho etnográfico no

⁴Ao fazer alusão ao termo ressignificar, refiro-me a uma mudança epistemológica que advém através de uma reflexão crítica sobre meu próprio fazer, reflexão esta, que conseqüentemente culmina em uma ação, uma mudança.

qual o texto se insere, e também o contexto da pesquisa e participantes, e por fim, abordo procedimentos para coleta de dados.

2.1 Linguística Aplicada – Marco histórico e sua virada contemporânea

Moita Lopes (2011) considera que a Linguística Aplicada, doravante LA surgiu por volta de 1940, objetivando expandir materiais para o ensino de línguas. Momento este em que acontecia a Segunda Guerra Mundial. Somente com a Associação Internacional (a AILA), formada em 1964, aconteceu o primeiro evento internacional de LA. O campo de LA iniciou destacando a área de ensino- aprendizagem de línguas. Essa área começou devido ao progresso da Linguística como ciência no século XX, estabelecendo-se como estudo científico do ensino de línguas estrangeiras nos Estados Unidos. Assuntos relacionados à tradução passaram a ser o centro de interesse da LA ainda neste século.

Nas décadas de 1960 e 1970, questões relativas ao ensino de LE, principalmente o inglês, marcaram o início da LA no país. Naquela época, as dissertações de mestrado na área refletiam o pensamento de aplicação de teorias da Linguística para melhorias de técnicas de ensino em sala de aula, como reitera Moita Lopes (1999).

No entanto, segundo estudos de Moita Lopes (2011), no final da década de 1970, graças ao trabalho de Widdowson⁵, ocorre a separação de LA e aplicação de Linguística. Este pesquisador sugeriu que a LA se tornasse independente da Linguística, ao declarar que:

É uma suposição comum entre professores de línguas [como resultado das percepções de linguistas, preferiria

⁵ Henry Widdowson é uma autoridade no campo da linguística aplicada e do ensino de línguas, especificamente no aprendizado e ensino da língua inglesa. Ele ganhou um PhD em Linguística pela Universidade de Edimburgo em 1973.

acrescentar] que sua área deva ser de algum modo definida por referência a modelos de descrição linguística criados por linguistas [...] essa mesma suposição domina a linguística aplicada. O próprio nome é uma proclamação de dependência. Bem, não tenho nada contra linguistas. Alguns de meus melhores amigos são linguistas, etc. Mas acho que devemos ter cuidado com sua influência [...] E quero sugerir que a própria linguística aplicada como um ramo teórico da pedagogia de ensino de línguas deva procurar um modelo que sirva seu propósito. (WIDDOWSON, 1979a/1977, p. 235) *apud* Moita Lopes (2011).

Para Widdowson (1979 a, p.235) *apud* Moita Lopes (2011, p.15), “a LA só pode ser uma área autônoma de investigação na medida em que se livrar da hegemonia da Linguística e negar as conotações de seu próprio nome”, ainda conforme Moita Lopes (2011, p.17), uma enorme mudança na área de LA veio a acontecer, agora, a LA deixa de ser uma área restrita apenas a investigar contextos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e tradução, e passa a pesquisar outros contextos de ensino de aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos, e de outras disciplinas do currículo, além de outros contextos institucionais, por exemplo: os meios midiáticos, movimentos feministas, negros, indígenas, camponeses, ribeirinhos, além de empresas, delegacia de polícia, clínica médica, etc. Este é um marco que pontifica o momento em que a LA deixa de ser restrita e passa a englobar outros lugares para além da sala de aula.

No Brasil, durante muitos anos, os estudos em LA voltavam-se apenas ao ensino e aprendizagem de línguas, mais especificamente ao ensino de português como língua materna e também as línguas estrangeiras. Os focos dos estudos linguísticos restringiam-se às metodologias e sugestões para se alcançar um ensino de qualidade.

É a partir da década de 1990 que a LA assume e reafirma seu caráter interdisciplinar. Seu desenvolvimento no país é alavancado por estudos da Linguagem ou de línguas estrangeiras. Com a ascensão desse campo de estudo, aumentou também o

número de pesquisas, de artigos, publicações de periódicos acadêmicos, livros, revistas, e eventos nacionais e locais em LA. (CAVALCANTI, 2004; MOITA LOPES, 1999).

A partir do século XXI, há uma ampliação da LA no Brasil, atuando em diversos contextos educacionais, outras áreas profissionais, nas novas tecnologias da comunicação e informação – dessa forma a interdisciplinaridade passa a ser interesse de estudo da LA e se revela com um caráter inter/multidisciplinar em temas como: multimodalidade, educação, cultura, novos letramentos, novas tecnologias da comunicação, interculturalidade, internacionalização passam a fazer parte do bojo de estudos desse campo.

Esse caráter inter-/trans-/multi-disciplinar é defendido por Moita Lopes (2006) para uma LA, configurando-se numa quebra dos limites territoriais entre as áreas de conhecimento, e na promoção de uma integração para compreender a realidade (MOITA LOPES, 2006), numa perspectiva pós-estruturalista, antirracista, pós-colonialista, feminista, repensando a visão de modernidade ainda muito positivista. Considerando esse viés de pensamento, pretende-se que a LA, atenta às inovações advindas em um mundo contemporâneo, transgrida as formas convencionais de pesquisa utilizadas e busque novos caminhos, novos percursos, que possa cada vez mais dialogar e desenvolver pesquisas e novos saberes com outras ciências sociais.

Segundo Moita Lopes (2011) a LA é indisciplinar por dois motivos: primeiro porque recusa a se constituir como disciplina, ao mesmo tempo em que se reconhece como sendo uma área mestiça e nômade, e, segundo, porque procura pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados que não servem e que precisam ser esquecidos para entender o mundo contemporâneo.

Buscando compreensão neste mundo contemporâneo, minha pesquisa enquadra-se como qualitativa, uma vez que “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.34), ela também segue a linha do paradigma interpretativista, criado em 1920 pelos

filósofos Theodor Adorno e Jürgen Habermas. Segundo esse paradigma, o pesquisador é visto como agente no processo de pesquisa. Conforme Bortoni-Ricardo (2008),

O paradigma interpretativista surgido como uma alternativa ao positivismo, não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo (BORTONI-RICARDO, 2008, p.32).

À vista disto, entende-se que ao adentrar no mundo da pesquisa, o pesquisador é indubitavelmente também agente neste processo, ele produz conhecimento, interpreta fatos e dados. Nesta pesquisa, relato as vivências como docente de LI, que provocaram reflexões sobre a própria prática, ao abordar tópicos gramaticais, e, em consonância com a citação acima, atuei neste trabalho como sendo um professor-pesquisador em constante transformação ao longo desta pesquisa. A metodologia de cunho etnográfico possibilitou verificar esse processo de transformação, uma vez que tenta compreender múltiplos comportamentos e relações entre grupos de pessoas envolvidas em um contexto de estudo, a saber: professores, alunos em sala de aula, pais, funcionários, administradores de uma escola, etc.

A pesquisa de cunho etnográfico, segundo Chizzotti (1991 apud De Grande, 2011),

se caracteriza por promover a interação direta do pesquisador com os pesquisados em seus contextos naturais, para compreender suas práticas, comportamentos, motivações, concepções, além dos significados atribuídos a tais práticas.

Os interlocutores encontram-se dentro de um contexto social específico (comunidade, escola, família, trabalho, etc.) O propósito deste tipo de pesquisa é descrever e interpretar a cultura e o comportamento cultural dessas pessoas e dos grupos. O pesquisador deve estar ou se tornar familiarizado com o contexto no qual realizará seu estudo, negociar com os participantes o tempo que será exigido e determinar o grau de envolvimento que terá deles. Com isso, estabeleço meu posicionamento na etnografia, reiterando que é uma pesquisa de campo (escola), multifatorial, tendo em vista que parto de duas ou mais técnicas de coleta de dados, é indutiva devido ao acúmulo descritivo de detalhes. Encontro-me neste paradigma de cunho etnográfico por tentar entender, descrever e, algumas vezes, explicar, os temas que abordo ao longo desta pesquisa.

Na introdução deste trabalho, afirmei que o objetivo geral da pesquisa é: **refletir sobre minha própria prática pedagógica, ao ministrar aulas de língua inglesa em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio.** Esse interesse despertou em mim a necessidade de compreender, analisar e refletir sobre minha prática pedagógica e as transformações advindas com minha passagem pelo PPGLL/UFAL. Minha pesquisa se apresenta como uma investigação que pode ser realizada dentro do escopo teórico da LA, área marcada pelas fronteiras disciplinares por permitir o agenciamento de saberes vindo de outras áreas do conhecimento, pondo em evidência “discursos que possam inventar a vida social, tirar de debaixo do tapete o que a modernidade continua a esconder e rejeitar”, ou seja, “de legitimar um cereal de pureza, de essencialismo, de fundamentalismo” (MOITA LOPES, 2013).

Seguindo esse parâmetro, o estudo que desenvolvo é valoroso porque trata de uma questão relevante no âmbito escolar: o lidar com a gramática normativa – estudo esse que permitiu que eu refletisse sobre meu proceder ao lidar com questões de LI, voltadas para estudos gramaticais, e que, principalmente direcionou minha mudança de postura ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa. Eu era um professor voltado para

práticas normativo-estruturais no que concerne ao ensino de gramática, ou seja, o ato de decorar regras era muito presente em minhas aulas. Passo então a refletir sobre esta prática e começo a apresentar a gramática como estando voltada para o estudo da língua em contextos reais de uso. Ao término desta pesquisa, compreendo que mesmo trabalhando com a gramática de forma contextualizada, a estrutura continua presente. Minhas análises me levaram a entender que não havia nada de errado com minha formação, e que era minha abordagem que deveria ser reconfigurada e não a gramática enquanto estrutura, pois esta, sempre estará presente.

Adoto como fundamentação teórica a leitura enunciativo-discursiva, embasada no filósofo Mikhail Bakhtin, para compreender os conceitos de língua e linguagem, uma vez que entendo como sendo essencial na busca de resposta para minhas inquietações, tomando por base o livro didático de inglês e a minha prática docente.

Pretendo pôr em evidência o uso da linguagem dentro do contexto social no qual se desenvolvem ações humanas, para isto, é fundamental pensar na concepção de linguagem interativa, entendendo que ela “é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discurso nela envolvidos” (BRAIT e MELO 2005, p.65). Essas pesquisadoras mencionam que o trabalho metodológico, analítico e interpretativo dos discursos que segue o pensamento bakhtiniano possibilita a descrição, análise e interpretação das marcas e articulações enunciativas que caracterizam os discursos e sua constituição, tal qual os sujeitos envolvidos no processo discursivo.

2.1.1. Linguística aplicada na contemporaneidade

Pensando no desafio proposto pelo ensino e suas barreiras na contemporaneidade, autores como Moita Lopes (2006, p.86), bem como outros autores como Boaventura de Sousa Santos (2007) e Milton Santos (2006), dentre outros,

apontam para o desafio que concerne em reconhecer as minorias, dar voz às classes menos favorecidas, reconhecer a diversidade dos grupos sociais que estão à margem da sociedade globalizada, e assim poder intervir sobre tais questões sociais que outrora eram esquecidas pelos estudiosos da área de linguística. Os problemas que os interlocutores da minha pesquisa vivenciam no contexto de sua vida social, fazem menção aos citados por tais autores, uma vez que são em maioria alunos advindos das camadas sociais com menor poder aquisitivo, que enfrentam problemas estruturais e administrativos como falta de transporte público, merenda escolar, falta de professores, atraso do livro didático, greve, bem como outras situações.

Na contemporaneidade, os pesquisadores da LA preocupam-se com novas teorias que intencionam entender melhor a vida em sociedade, embasados em críticas à modernidade, teorias pós-modernas críticas, em teoria *queer*, teorias feministas, antirracistas, teorias pós-coloniais, etc. Voltar o olhar para tais teorias é pertinente para uma releitura das ações e comportamentos que fortalecem a hegemonia social na formação dos indivíduos e nos levam a repensar o lugar, a forma e condições com que ela se apresenta.

Ainda com relação a essa discussão trazida por Moita Lopes (2011), sobre os novos rumos tomados pela LA, é premente aqui evidenciar que o processo de transformação da sociedade coloca para as Ciências Sociais muitos questionamentos, principalmente em relação ao sujeito social, que anteriormente era visto de forma homogênea, com suas identidades apagadas, numa condição subalterna. Esse novo olhar que se lança para o sujeito tornou-se central nessa vertente de estudos e seu desenvolvimento epistemológico.

Por conseguinte, sendo a LA um campo pertencente às Ciências Sociais, desdobra-se a partir dessa concepção e passa a construir noções que problematizam as anteriores, transformando o sujeito em ponto fundamental para se compreender a realidade social nos seus diversos aspectos.

Alguns conceitos na LA contemporânea são pauta de discussões em eventos em LA, alguns deles, valorosos para o construto metodológico deste trabalho, a saber: linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2013), Linguística aplicada transgressiva (PENNYCOOK, 1998), e uma LA de desaprendizagem (FABRÍCIO, 2008).

A respeito do conceito de LA indisciplinar, Moita Lopes (2013) tem chamado essa área de investigação de indisciplinar porque é um campo que aspira dialogar com o mundo da vida, cujas questões se tornaram mais complexas, e principalmente porque deseja ousar pensar diferente para compreender o mundo atual. Seguindo esta concepção, nas palavras do autor:

A LA indisciplinar é uma LA que deseja falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou tornaram-se complexas ou deixaram de existir. Como Ciência Social, em um mundo em que a linguagem passou a ser elemento importante, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos. (MOITA LOPES, 2013, p.19).

Considero minha pesquisa relevante, pois esta trata de questões contemporâneas como o ensino de LI, que transcende a concepção de um conhecimento pré-estabelecido, moldado e compartimentalizado, e que descortina o universo de significações sobre o estudo de gramática, e sua dimensão conceitual sobre o papel do ensino e da aprendizagem.

É neste pensar diferente que problematizo sobre a prática de decorar regras, em função da norma que mecaniza o ensino limitando a avaliação apenas a uma prova que traz a gramática como um fim em si mesma - descontextualizada das práticas sociais de inserção do conhecimento de mundo dos alunos.

Essa nova LA agora assume uma postura política voltada para o diálogo com outras áreas de conhecimento, assumindo agora uma característica “nômade”, pois essa área do saber perpassa por áreas como: sociologia, história, filosofia, antropologia, essa LA dialoga como todas essas áreas sem necessariamente pertencer a nenhuma delas.

Por ter esse aspecto nômade, a LA encara o desafio de sobreviver, pois ela, enquanto disciplina, não se encontra atrelada à estrutura institucional de centros de pesquisa em linguística. Moita Lopes (2013, p. 19) acrescenta que “ela é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça, nômade, e principalmente porque deseja ousar, pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados”. Esse pesquisador também nos faz refletir sobre o fato de que tanto “na pesquisa como na vida social, raramente os pesquisadores/as são pessoas que se amoldam em formas ou pensam homogeneamente” (MOITA LOPES, 2013, p. 15).

Apresentando novos olhares à LA e trazendo à baila assuntos voltados para a diversidade e o que chama de “problemas do mundo real” Kumaravadivelu (2013, p. 138), traz para discussão questões de relações de poder, que envolvem e constituem esse sujeito social, tais como questões de gênero (com ênfase nas teorias feministas e *queer*), identidade, ética, ideologia e violência. Outros que se destacam na descrição dos sujeitos sociais são Pennycook (2013); nas teorias pós-modernas críticas; Moita Lopes (2013); na teoria *queer*, Butler (2008); nas teorias feministas; Souza Santos (2006) na decolonialidade; Magalhães (2004), nas teorias antirracistas; Kumaravadivelu (2013), nas teorias pós-coloniais, dentre outros.

Parafraseando Kumaravadivelu, em referência aos “problemas do mundo real”, minha pesquisa se propõe a suscitar reflexões sobre minha prática docente que estava vinculada a um modelo tradicional de ensino, esse modelo tradicional desembocava em um problema uma vez que a prática do “decorar” continuava presente em minha abordagem. Segui então

um percurso metodológico emergido na ação-reflexão-ação que me redirecionou para um novo lugar, que me fez repensar e agir de uma nova forma que atenda às reais necessidades que o ensino de LI objetiva, em referência à aprendizagem dos envolvidos.

Com relação ao conceito de transgressiva, Pennycook (2013) sugere a necessidade de romper com padrões pré-estabelecidos. Essa visão transgressiva chama a atenção para os limites normativos do enquadramento disciplinar e epistemológico e para a importância de encontrar modos alternativos de construir realidades. Para o pesquisador,

A teoria transgressiva assinala a intenção de transgredir, política e teoricamente, os limites do pensamento e da ação tradicionais, não somente entrando em território proibido, mas tentando pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito. Almejar atravessar fronteiras e quebrar as regras; tem como meta um posicionamento reflexivo sobre o que e por que atravessa; é entendida como em movimento em vez de considerar aquilo em relação ao que é “pós”; é pensada para a ação e a mudança. (PENNYCOOK, 2013, p. 82)

Nesta pesquisa entendo que adentro por “território proibido”, pois ao me voltar ao estudo de gramática sob outra perspectiva, considero que estou em confronto com um sistema que ainda continua a ser apresentado de forma estrutural, e que ao propor alguma mudança, adentro em área de conflitos com outras formas de entender e ministrar aulas de gramática. Para viabilizar certa mudança, seria necessário “desaprender” a abordagem gramatical cristalizada no ensino de LI. Foi a esta abordagem que sempre estive submetido enquanto aluno e, que, inconscientemente replicava essa prática enquanto professor na sala de aula ao abordar tópicos gramaticais. Era necessário “desaprender” essa prática e descortinar meios para dialogar com

o diferente, em um mundo fluido, repleto de oscilações e novos conceitos que eu, enquanto atuante nessa área, precisava considerar.

No que se refere ao conceito de espaço de desaprendizagem, para Fabrício, (2008), é premente buscar uma LA que aposte na “desaprendizagem” como possibilidade de conhecimento, igualmente, esse conhecimento só se faz possível quando acompanhado de uma reforma do pensamento que crie as condições para o processo de desaprender e inclua movimentos de legitimação de saberes considerados marginais (indisciplinados, não institucionalizados, desprestigiados).

Para esta pesquisadora a LA deve ser vista como um espaço de desaprendizagem e desconstruções, ela garante que:

Não obstante, esse novo horizonte de trabalho, comprometido política e eticamente com a transformação social, comporta também os “ecos”, por assim dizer, de procedimentos históricos, em que propostas de “desconstruções” frequentemente resultam na substituição da tradição por outros regimes igualmente encapsuladores de condições e perspectivas. (FABRÍCIO, 2002, p.49)

Na visão da autora os estudos linguísticos precisam abraçar a pluralidade dos tempos atuais, os novos saberes. Corroborando com esta visão, pretendo construir inteligibilidade sobre o *corpus* da pesquisa: a primeira unidade do livro didático de LI, mais especificamente nos exercícios gramaticais abordados nele, refletindo e descrevendo sobre as mudanças pelas quais passei ao abordar, anteriormente, a gramática como estrutura prescritivo-normativa e, posteriormente, ao abordá-la e interpretá-la sob aspectos funcionais de uma língua viva – em constante mudança, através de uma abordagem gramatical que leve em conta um estudo de regras por dedução, como pregam as

OCEM (2006) concernentes ao que prescreve sobre o ensino de LI.

2.2. Contexto da pesquisa e participantes

Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual na cidade de Arapiraca/AL. Para a sua realização, escolhi uma turma de 3º ano do Ensino Médio, por ser a turma em que eu ministrava aulas de LI. A faixa etária dos alunos era de 16 e 17 anos e, em sua grande maioria, advindos da zona rural, uma vez que Arapiraca ocupa posição geográfica central no estado.

Minha aproximação com a turma facilitou o processo de realização deste trabalho, e, com relação a essa cooperação entre alunos e pesquisador, corroboro com os procedimentos de Minayo (1999) ao assegurar que devemos buscar aproximação com os participantes de nossa pesquisa, pois, desta maneira procedendo, a troca de conhecimentos é mais significativa. Para esta autora, os participantes precisam ser esclarecidos sobre o que será investigado e possíveis repercussões que possam advir com o trabalho. O processo de coleta e análise de dados é baseado no diálogo e negociação, sem que haja obrigatoriedade ou pressão para com os participantes da pesquisa.

Sabendo que usaria o espaço escolar, mais especificamente minha turma de 3º ano do Ensino Médio, solicitei autorização⁶ da escola para a realização da pesquisa. Em seguida, convoquei os pais para uma reunião, momento no qual socializei meu estudo, explicando-lhes a importância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁷. Todos assinaram sem que houvesse objeção de colaborar com a pesquisa.

Com a chegada do livro didático, por volta do II semestre de 2015, socializei a pesquisa com os alunos, explicando-lhes quais eram meus objetivos, como eles poderiam participar e de que modo eu faria a análise de dados. Cuidei para que não ficasse

⁶ A declaração da autorização da escola encontra-se no Anexo B.(p. 267)

⁷ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se no Apêndice G (p. 246)

nenhuma dúvida, e que todos se sentissem bem ao longo do processo. A turma se mostrou interessada em contribuir e, conseqüentemente passamos a trabalhar com o livro, que seria o *corpus* inicial de estudo. Saliento aqui que, o livro serviu de base para observação da gramática, e que esta observação propiciou uma posterior reflexão sobre minha prática pedagógica.

A turma era composta por 34 alunos. As aulas de inglês eram duas por semana com a duração de 50 minutos cada uma, mais especificamente na segunda e na sexta-feira. As atividades eram realizadas concomitantemente ao conteúdo programático, que por sua vez não foi interrompido, pois meu *corpus* de análise era o próprio livro que trabalhávamos.

O livro usado pela turma era o *Take Over3* (2013)⁸, cuja escolha foi feita por todos os professores de inglês da escola, em momento de reunião em que foi consultado o catálogo de material didático disponibilizado pelo MEC. Vale salientar que algumas editoras enviam os exemplares para consulta por parte dos professores. Na avaliação do PNLD (2014),

A coleção *Take Over* norteia-se por uma fundamentação teórico-metodológica concebida por teorias socioculturais de aprendizagem. Em consonância com essa visão, fundamenta-se em uma concepção de linguagem como produção e negociação de sentidos e a compreensão de letramento como uma prática sociocultural relacionada a usos contextualizados e inter-relacionados dentro de determinada comunidade e em um dado contexto sociocultural.

2.3. Procedimentos para Coleta de Dados

Descrevo a seguir o processo de coleta de dados, que teve início no segundo semestre de 2015, sempre em diálogo com

⁸ O livro é da editora educacional, com responsabilidade editorial de Denise Santos (2013).

os objetivos da pesquisa. Para este trabalho foram usados como instrumentos: planos de aula; questionário de pergunta única; questionário planejado; diários reflexivos do pesquisador e diários reflexivos em forma de narrativas dos alunos, Estes diários conferem à minha investigação a característica de uma pesquisa narrativa, uma vez que disponho dessas narrativas livres para posteriores análises. Neste momento da pesquisa, eu era um professor amador no tange a coletar dados para um trabalho deste porte. Por este motivo, muitos instrumentos foram reunidos, no entanto, não foram necessários, tampouco possível estudar/analisar todos eles. A seguir, descrevo percurso metodológico de cada um deles.

Iniciei meus estudos elaborando planos de aula⁹ baseados no conteúdo programático do livro didático. As aulas tinham duração de 50 minutos, duas vezes por semana totalizando 15 planos de aulas ministradas ao longo de um mês e três semanas. A turma era composta por 34 alunos e as aulas aconteceram no turno vespertino. O objetivo dos planos era o de preparar as aulas antecipadamente, viabilizar recursos didáticos, bem como pensar em maneiras de como os alunos seriam avaliados no que diz respeito ao conteúdo que havia sido ministrado.

O objetivo geral de minha pesquisa propunha “refletir sobre minha própria prática pedagógica, ao ministrar aulas de LI em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio”. Iniciei com um olhar sobre os tópicos gramaticais presentes no primeiro capítulo do LI. Para atingir um dos objetivos propostos, elaborei uma pergunta visando compreender o entendimento dos alunos sobre a palavra “Gramática”. Cuidei para não interferir nas respostas dos alunos, pedindo para que lessem e dessem suas opiniões livremente sem se preocuparem com número de linhas ou questões ortográficas. O cabeçalho da questão tinha o seguinte enunciado: *“Prezado (a) aluno (a)”*. *Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção*

⁹ Os planos de aula encontram-se no Apêndice A (p.121)

*que você tem ao ouvir a palavra “GRAMÁTICA”*¹⁰. Esta atividade, ancorada no viés etnográfico, foi usada para construir significados a partir de elementos informativos que coletei junto aos alunos, buscando identificar, por meio das respostas dos mesmos, a analogia que faziam sobre gramática.

Ao recolher os questionários, cuidei de separá-los de acordo com a visão de gramática advindas dos alunos. De um total de 34 alunos, 15 alunos responderam sobre a pergunta Gramática como uma estrutura normativa que rege o funcionamento da língua, 13 alunos responderam que a Gramática está intimamente ligada com o falar bem uma língua (oralidade) e 06 alunos alegaram não saber definir o que é gramática. Consoante com as respostas dos alunos, verifiquei que as opiniões não são homogêneas. Observei que os alunos que declararam desconhecer o conceito de gramática, não cometeram nenhum desvio gramatical ou de escolha de registro, no tocante à gramática normativa. Este fato me fez concluir que o fato de não saberem conceituar gramática, não foi fator de impedimento para que fizessem uso da língua escrita com a gramaticalidade a ela conferida.

Na sequência, visando responder aos objetivos específicos da pesquisa, foi realizada uma segunda atividade, aplicando um questionário planejado¹¹ para extrair as concepções sobre gramática, livro didático e o ensino de LI na escola, conforme abaixo descritas:

- 1- *Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?*
- 2- *Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?*
- 3- *Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?*
- 4- *Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?*
- 5- *A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?*

¹⁰ O questionário de pergunta inicial encontra-se no Apêndice C (p.137).

¹¹ Os questionários planejados encontram-se no Apêndice D (p.166)

A atividade citada acima foi aplicada para 32 alunos. Como resposta à primeira pergunta: “Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?”, pode-se fazer o seguinte resumo: 22 alunos responderam que o livro era bom, que atendia as suas expectativas: Ex.: *“Eu considero um ótimo livro. Pois, a várias atividades que nos ajuda a compreender melhor os assuntos, tendo também textos onde podemos treinar mais nossa leitura, facilitando nosso aprendizado”*. [sic]

O total de 10 alunos encontrou algum aspecto do qual discordaram com relação ao livro. Ex.: *“O livro que utilizamos em sala não se pode negar que é necessário, porém em todos os anos em que estudei inglês até hoje observei que recebíamos livros com muito conteúdo e que não chegávamos nem a metade então acho que os livros didáticos da língua inglesa deveriam ser mais explicativos já que subtende-se que alunos tem diferenças em níveis educacionais e o ritmo que os livros usam são muito acelerados”*. [sic]

Na segunda pergunta: *“Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?”* Nessa questão, 11 alunos relacionaram o bom uso e entendimento da língua inglesa com questões ligadas diretamente à metodologia e capacitação do professor. Ex.: *“Bem, Nosso professor atual busca ensinar a Língua Inglesa de forma simples e prática. Entendo perfeitamente suas falas, informação que valida o “listening” usado nos outros anos letivos. Através do professor, é possível tirar dúvidas e usá-las dentro da escola”* [sic]. O total de 21 alunos alegou que reconheciam a importância de estudar LI na escola. Ex.: *“Na escola vejo a língua inglesa de uma forma ótima a cada dia aprendo algo novo, um significado de uma palavra que não sabia”*. [sic]

Na terceira pergunta: *“Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?”* O total de 30 alunos disse que fora da escola usam a língua inglesa em filmes, festas, *internet*, *games*, etc. Ex.: *“Utilizo bastante, no dia-a-dia, às vezes até mesmo sem perceber, pois algumas palavras são de origem estrangeira mas*

usamos tanto que se tornam comuns.”[sic] O total de 2 alunos alegou que não usam a Língua Inglesa fora da escola e também não atribuíram a ela grande importância. Ex.: “Na escola tenho a língua inglesa apenas para o entendimento da matéria, entretanto, não uso muito para comunicação”. [sic]

Para a quarta pergunta: “*Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?*”, o total de 27 alunos respondeu que a gramática era apresentada de forma básica, simples e prática. Ex.: “*É apresentado apenas o básico*”. O total de 2 alunos deixou em branco; 2 afirmaram que dependia do professor, e um afirmou que era ruim, mas que está melhor.

Na quinta pergunta: “*A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?*”. O total de 25 afirmou que sim. Ex.: “*Sim, a gramática nós ajuda a dar sentido ao que escrevemos, por exemplo, em uma mensagem mandada para um amigo no dia-a-dia*”. {sic} O total de 2 deixou em branco e 5 mencionaram que a gramática estudada não tinha importância para eles. Ex.: “*Não muito, pois a gramática apresentada na escola não é muito aprofundada*”.

Outro instrumento de pesquisa foram os diários reflexivos produzidos por mim ao longo deste processo. Os referidos diários foram escritos ao término de cada aula, referente ao tópico da aula ministrada que fora planejada anteriormente. Os diários visavam refletir sobre a prática docente, descobertas e inquietações concernentes a cada aula vivenciada. Neles, relato e reflito sobre o proceder da aula, minhas conjecturas, problemas relatados pelos alunos, ressignificações que ocorreram em minha prática ao longo deste trabalho, questões de língua/linguagem, etc. Saliento que apesar de alguns fatores negativos relatados neles, foram estes que, de certa forma, contribuíram para meu amadurecimento profissional.

Os alunos também produziram diários reflexivos. Pedi para que eles escrevessem em forma de narrativa sobre as perguntas que havia feito no início da pesquisa. Percebi que ao escreverem em narrativas, a fluência da escrita acontece mais naturalmente, sem que haja interferência por parte do

pesquisador. Ancoro o discurso escrito na teoria de Bakhtin ao postular que:

(...) o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN, 1981, p.123).

Esses dados coletados serviram de base para as análises que fiz no capítulo referente às mesmas. Reitero que, apesar de ter coletado vasto material para este trabalho, minhas análises foram concentradas nas respostas atribuídas pelos alunos no tocante à gramática e, principalmente nas análises do meu diário reflexivo, uma vez que este último deu suporte para eu pudesse analisar minha própria prática pedagógica.

A seguir, apresento tabela com instrumentos, as expectativas que tive ao aplicá-los, o objetivo de pesquisa, a frequência, os participantes e o local onde se encontram (anexos). Em seguida descrevo a base teórico-metodológica dos Planos de Aula e Diários Reflexivos.¹²

¹² Os planos de aula e os diários reflexivos foram instrumentos realizados concomitantemente no período de agosto a setembro de 2015.2, correspondente ao início do segundo semestre.

TABELA 01: RESUMO DOS INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

INSTRUMENTOS	EXPECTATIVAS	OBJETIVOS DE PESQUISA	FREQUÊNCIA	PARTICIPANTES	APÊNDICES
<p align="center">Planos de Aula</p>	<p>Preparar com antecedência material didático a ser usado no decorrer da aula; Providenciar outros recursos que possam complementar conteúdo proposto pelo livro didático. (jornais, músicas, revistas, etc.).</p>	<p>Subsidiar material para produção de diários reflexivos que descreverão o decorrer das aulas proporcionando material para posterior análise.</p>	<p>Ao longo do semestre 2015.2</p>	<p>O pesquisador</p>	<p>Os planos de aula somam um total de 15, e constam no Apêndice A</p>
<p>Questionário de Pergunta Única <i>“Prezado (a) aluno (a)”. Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra “GRAMÁTICA”.</i></p>	<p>Compreender o conceito de gramática por parte dos alunos.</p>	<p>Estar a par da noção de gramática concebida pelos alunos, e traçar metas de estudo a partir das respostas.</p>	<p>Uma única pergunta antes de iniciar a trabalhar com tópicos gramaticais.</p>	<p>Os alunos</p>	<p>Esta pergunta inicial encontra-se no Apêndice C e teve a participação de 34 alunos</p>
<p>Questionário Planejado (5 perguntas)</p>	<p>Entender as respostas sobre o livro didático de inglês, o uso de inglês na escola e fora dela, o estudo de gramática na escola e sua utilidade fora do ambiente escolar.</p>	<p>Identificar a importância dada ao estudo de inglês, bem como a relevância (ou não) de estudos gramaticais.</p>	<p>Um questionário contendo perguntas, que foi aplicado ao longo da pesquisa.</p>	<p>Os alunos.</p>	<p>O questionário conta com a participação de 32 alunos e encontra-se no Apêndice D</p>

INSTRUMENTOS	EXPECTATIVAS	OBJETIVOS DE PESQUISA	FREQUÊNCIA	PARTICIPANTES	APÊNDICES
Diários Reflexivos (Pesquisador)	<p>Produzir material que permita análise sobre meu proceder, especificamente no tocante ao estudo de gramática. Observar se a aula que previ ocorreu como o programado e se surtiu os efeitos desejados no momento da elaboração, e discorrer sobre questões de língua e linguagem.</p>	<p>Oportunizar o pensar crítico sobre minha prática pedagógica, uma vez que os diários são entendidos como gênero que atua como instrumento para a reflexão crítica. Liberali (2000)</p>	<p>Ao término de cada aula foi produzido um diário reflexivo relatando o resultado de cada atividade planejada. Os diários foram produzidos ao longo do semestre 2015.2</p>	<p>O pesquisador</p>	<p>Foram produzidos 15 diários reflexivos, oriundos das aulas planejadas para a Unidade I do livro didático. Os diários estão reunidos no Apêndice E</p>
Diários Reflexivos (Alunos)	<p>Espera-se que os alunos possam, em forma de narrativa, descrever sobre o livro didático, a gramática, bem como o uso desta gramática, dentre outras questões.</p>	<p>Oportunizar que os alunos escrevessem suas considerações, suas impressões sobre os tópicos ministrados.</p>	<p>Ao final de atividades, foi solicitado que os alunos produzissem um diário sobre o conteúdo estudado, emitindo suas opiniões, aspirações, dentre outras contribuições. Atividades realizadas ao longo do semestre 2015.2.</p>	<p>Todos os alunos da turma.</p>	<p>Os diários reflexivos produzidos pelos alunos ao término de atividades que abordam estudo de gramática estão no Apêndice F, e contabilizam 31 produções.</p>

2.3.1. Planos de Aula

O plano de aula foi usado como instrumento do trabalho metodológico. Após as aulas que seguiram a metodologia dos planos, parto para um outro momento, que é a produção de diários e reflexão sobre meu proceder ao longo da pesquisa. Os diários me fizeram refletir sobre minha pesquisa que se inicia com uma forma de atuação pedagógica do fazer docente, segue para uma reflexão, e, em seguida para uma nova ação sobre essa prática assegurada pelos diários reflexivos.

Ao escrever sobre esses diários, ou seja, buscar “teorias” para minha prática, comungo com o estudo de Freire (1979), quando o mesmo alega que teoria é sempre a reflexão que se faz do contexto concreto, isto é, deve-se partir sempre de experiências do homem com a realidade na qual está inserido, cumprindo também a função de analisar e refletir essa realidade, no sentido de apropriar-se de um caráter crítico sobre ela. Esse caráter de transformação tem uma razão de ser, pois provém antes de tudo, da sua vivência pessoal e íntima numa realidade contrastante e opressora, influenciando fortemente todas as suas ideias, Freire (1979, p.93).

Como reportado na tabela, os planos de aula somam um total de 15. Nesses planos, busquei entender que o planejamento está presente em várias de nossas ações, uma vez que ele norteia a realização das tarefas que iremos desempenhar. Entendo que o planejar é crucial em bastantes setores da vida social e, em se falando de docência, o plano de aula é essencial para se evitar uma aula descontextualizada, desmotivada e sem objetivo específico.

Para Libâneo (1994) “o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino”. Isto posto, o planejamento de aula é um instrumento que cito em minha pesquisa como essencial para o educador elaborar sua metodologia conforme o objetivo a ser alcançado, precisando ser criteriosamente adequado para as

diferentes turmas, havendo flexibilidade caso necessite de alterações ou adição de recursos.

2.3.2. Diários

Tendo usado o gênero *diários* em meu trabalho, discutirei a seguir a importância e detalhamento do uso desse instrumento de pesquisa que leva a uma reflexão crítico-reflexiva embasada nas descobertas e críticas realizadas por Liberali (1999).

Após ministrar as aulas seguindo o plano de aula elaborado, escrevi após cada uma delas um diário sobre o proceder da aula. Busquei entender que a escrita desses diários são reações às aulas ministradas e portando deixam de ser apenas um meio de examinar o conhecimento, tornando-se também um meio de gerar conhecimento, uma vez que ao escrevê-los estou descrevendo, refletindo e conseqüentemente revendo, reavaliando minha prática pedagógica.

Segundo Zabalza (1994, p. 91) os diários podem ser entendidos como “o espaço narrativo de pensamento dos professores”, isto é, como documentos da expressão e da elaboração do pensamento e dos dilemas desses professores. Dessarte, ao escrever sobre o proceder de uma aula, estou relatando as experiências positivas, os problemas, alguma inadequação, a utilidade ou não dos recursos didáticos, o interesse da turma, o objetivo almejado, meu próprio desempenho, etc.

Os diários na perspectiva de meu trabalho são entendidos como instrumentos de pesquisa que direcionam a uma reflexão sobre meu próprio proceder enquanto professor pesquisador, por conseguinte, esse entendimento corrobora com Liberali (2000), ao definir que os diários são entendidos, assim como as autobiografias como gêneros que atuam como instrumentos para a reflexão crítica. Refletir sobre a própria prática pedagógica exige autocrítica sobre meu próprio trabalho permitindo por conseguinte um repensar para um refazer.

Os diários pressupõem certo grau de elaboração linguística e discursiva mais estável, ademais, os mesmos devem apresentar algumas características, como declara Liberali (1999), sendo elas: escrever, informar, confrontar e reconstruir. Cuidei para que meus relatos nos diários reflexivos seguissem esses pré-requisitos, que, conforme a autora são itens resumidos da seguinte forma:

- escrever: que aparece como uma sustentação dos pontos de vista através da descrição concreta das ações;

- informar: que se desenrola como explicações das ações que são assim generalizadas e passíveis de sustentar os pontos de vista apresentados;

- confrontar: que se realiza por meio da apresentação de pontos de vista através de critérios referentes aos aspectos sociais, culturais e políticos que são privilégios nas práticas descritas e explicadas; e,

- reconstruir: que se materializa na descrição de sugestões sustentadas para reformulações das práticas descritas a partir de dados e critérios usados no confrontar.

Passo agora a explicar de que forma os quatro tópicos acima estão presentes em meu diário reflexivo.

O *escrever* perpassa por redigir o passo a passo na elaboração da aula, tendo o cuidado de deixar clara a descrição concreta das ações e o uso do tempo verbal no passado, uma vez que estou descrevendo sobre uma aula que já foi ministrada.

O *informar* está inserido no contexto de explicar o desenvolvimento desta aula. Essas explicações formam a base para as ações que me levaram a pensar de forma crítica sobre minha prática pedagógica.

O *confrontar* faz menção também de um *feedback* sobre o desenvolvimento da aula. Algumas questões podem ser levantadas nesse ponto: Minha aula surtiu o efeito programado? Houve interesse por parte da turma? Alguma imprevisibilidade? A resposta para essas perguntas criam base para o início do próximo passo: reconstruir.

O *reconstruir* é o pensar a respeito de possíveis “lacunas” que não foram preenchidas na aula programada. Neste item o professor reflete sobre possíveis recursos que poderiam ter sido providenciados para o enriquecimento desta aula, e ao refletir sobre determinados problemas que surgiram ao longo da aula, ele tem a oportunidade de reconstruir essa prática, cuidando para que no próximo plano essa lacuna possa ser preenchida.

Estes quatro passos descritos constam em meus diários reflexivos, no entanto alguns podem não necessariamente estar na ordem descrita, seguindo uma linearidade textual, uma vez que se trata de narrativas livres e memorialísticas sobre a aula ministrada.

Concebendo os diários reflexivos como narrativas, posto que Clandinin e Connelly (2000) lembram a incerteza que acompanha o próprio processo de escrita, em especial quando se trata de texto de investigação a que se propõe. Estes autores canadenses conceituam que os diários tratam de um espaço tridimensional em que: leva o autor a olhar para frente e para trás, para dentro e para fora de si mesmo e localizar-se espacialmente. Desta forma, em meu trabalho, o olhar para fora de mim mesmo através de análise dos diários, leva a repensar a minha própria prática ao observá-la sob um prisma do olhar de pesquisador, estando “fora” deste processo, para permitir um autoconhecimento enquanto professor, e conseqüentemente outro proceder em minha prática docente.

2.4. Descrevendo os instrumentos de pesquisa

De início elaborei planos de aula em consonância com o conteúdo do livro didático. Em seguida apliquei uma pergunta inicial com intuito de entender as noções de gramática circulantes na sala de aula. Depois, apliquei um questionário abordando questões do livro didático e da forma de como a gramática é apresentada nele. Dando continuidade, produzi diários reflexivos ao término das aulas, aqui, a parte que abordo o estudo de gramática será referenciada com mais ênfase. Pedi para que os

alunos produzissem em forma de narrativas seus conceitos sobre gramática, livro didático, e o uso da LI na escola e fora dela. Nesta parte do trabalho, discutirei os dados coletados, bem como o professor que eu era ao ministrar aulas de gramática, e minha mudança ao longo do processo.

A coleta foi organizada em cinco partes, de início descrevo sobre elas, e posteriormente passo para a análise de dados. Foram elas:

1. Planos de aula;
2. Pergunta feita para os alunos sobre o que é gramática;
3. Questões aplicadas aos alunos com intuito de obter suas opiniões sobre o livro didático de inglês e a gramática apresentada nele;
4. Diário Reflexivo do Pesquisador: Apresento recortes de meu diário reflexivo que fora produzido ao término de cada aula, abordando reflexões que contribuíram para mudança na minha postura com relação à ensino de gramática;
5. Narrativas dos alunos. Também em forma de diário reflexivo, os alunos descreveram suas opiniões sobre o livro didático de inglês e sobre o ensino de gramática abordado pelo mesmo.

2.4.1 Os Planos de Aula

Os planos de aula somam um total de 15. Os mesmos foram elaborados observando o conteúdo programático do LD. Saliento que, em muitos deles, a aula teve um outro direcionamento, uma vez que, dependendo da temática da aula e interesse da turma, outros direcionamentos eram tomados, fazendo com que o plano assumisse caráter flexível. Uma vez que os planos não são materiais de análise, apresento o primeiro deles para caráter ilustrativo.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio (primeira aula)

Tópico: Apresentação

Duração: 50 minutos

Descrição: Apresentação do Livro didático de inglês e possíveis comentários sobre a obra.

Objetivo Geral:

1. Despertar a curiosidade dos alunos em conhecer todas as sessões do livro que iremos trabalhar durante o ano letivo.

Objetivos Específicos:

1. Conhecer as partes que compõem o livro;
2. Promover debate sobre a capa do livro;
3. Pedir para que os alunos discutam sobre os tópicos trabalhados em cada unidade.

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: Pedirei para que os alunos observem a capa do livro didático e atribuam sentidos à figura e ao título (Take over 3). Em seguida, iremos explorar todas as partes que compõem o livro, tecendo comentários, buscando o objetivo de cada atividade, observando a apresentação da gramática, do vocabulário, do listening, e da obra como um todo.

Avaliação: Observarei o posicionamento da turma, suas aspirações quanto ao que gostariam de encontrar no livro, bem como temas que desejam estudar.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

Figura 02: Plano de aula (Apêndice A, p. 121)

2.4.2 Questionário de pergunta única sobre noção de gramática.

Antes de abordar atividades gramaticais, com o intuito de não influenciar nas respostas dos alunos, apliquei uma atividade em forma de pergunta única, para colher respostas sobre a visão de gramática concebida pelos alunos. Abaixo, apresento a atividade e em seguida faço análise sobre a mesma.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

A Gramática, estuda a escrita, as orações, os sujeitos e períodos. Aprofundando os conhecimentos da escrita correta e impondo regras para nossa escrita.

Figura 03: Pergunta de Pesquisa (Apêndice B, p. 136)

Esta foi a pergunta inicial que propus aos alunos antes de abordar tópicos gramaticais presentes no livro. Minha intenção era a de colher as respostas dos alunos. No entanto, ao cursar a disciplina Tópicos Avançados e Linguística Aplicada 2 – Análise Dialógica de dados em LA, com os professores Drs. Paulo Stella e Andrea Pereira, a referida professora me fez refletir sobre alguns aspectos que até então não havia pensado. A começar pela formalidade de como a atividade foi proposta: símbolo da

Universidade, curso, e nome do aluno. A professora Dra. Andrea Pereira (PPGLL/UFAL) me fez refletir sobre o quão formal eu estava sendo, e que, se atividade fosse aplicada em narrativa livre, o resultado poderia ter sido melhor.

A pergunta em si, demonstra muita formalidade, ao iniciar com “Prezado (a) aluno (a),” bem como certo afastamento e solicitação implícita de escrita formal.

Ainda de acordo com o parecer da referida professora, o tópico “gramática” em caixa alta e entre aspas, aponta para um professor que supervaloriza o estudo de gramática, colocando-a em situação de privilégio com relação a outros tópicos de estudo.

De início, estranhei a análise, mas, com o passar do tempo percebi que eu era um profissional que sempre ministrara aulas de gramática como estrutura normativa a ser decorada e superior a outros estudos relacionados à língua e à linguagem, e, apesar deste método de decorar regras parecer desestimulante para os alunos, eu continuava intrinsecamente a valorizá-lo e cobrá-lo dos alunos.

A partir desta reflexão passei a observar minha postura em relação a estudos gramaticais e busquei outra abordagem que descreverei ao longo do trabalho.

2.4.3 Questionário planejado aplicado aos meus alunos do 3º ano.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA - PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
ALUNO: JOSENILDO FARIAS NETO
ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO ROGÉRIO STELLA

Aluno (a): FERNANDO PEREIRA SILVA SOUZA 3º "A"

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro [REDACTED]

É um livro bem legal
na trabalhar, e tem boa professores capacitadas

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Vejo essa uma língua importante, não uso com
frequência e língua inglesa e não entendo muito

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Vejo com muita frequência nas lojas e a uso
bastante.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Da pior maneira possível

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Não

Figura 04: Questões aplicadas aos alunos (Apêndice D, p.166)

Com esta atividade meu intuito era de que os alunos discorressem sobre suas opiniões sobre o LD de LI, bem como o uso dessa língua no contexto escolar e fora dela. Almejei também entender a forma de como a gramática era apresentada na escola e se esta gramática tinha algum uso fora do ambiente escolar. Como identifica-se na figura, a abordagem de língua e gramática

como estruturas fixas “compartimentadas” ainda estavam em meu subconsciente. No capítulo seguinte que trata das análises, apresento estudo sobre essas práticas no interior da minha concepção de gramática como docente atuante no ensino de LI.

2.4.4 Diários Reflexivos do Pesquisador

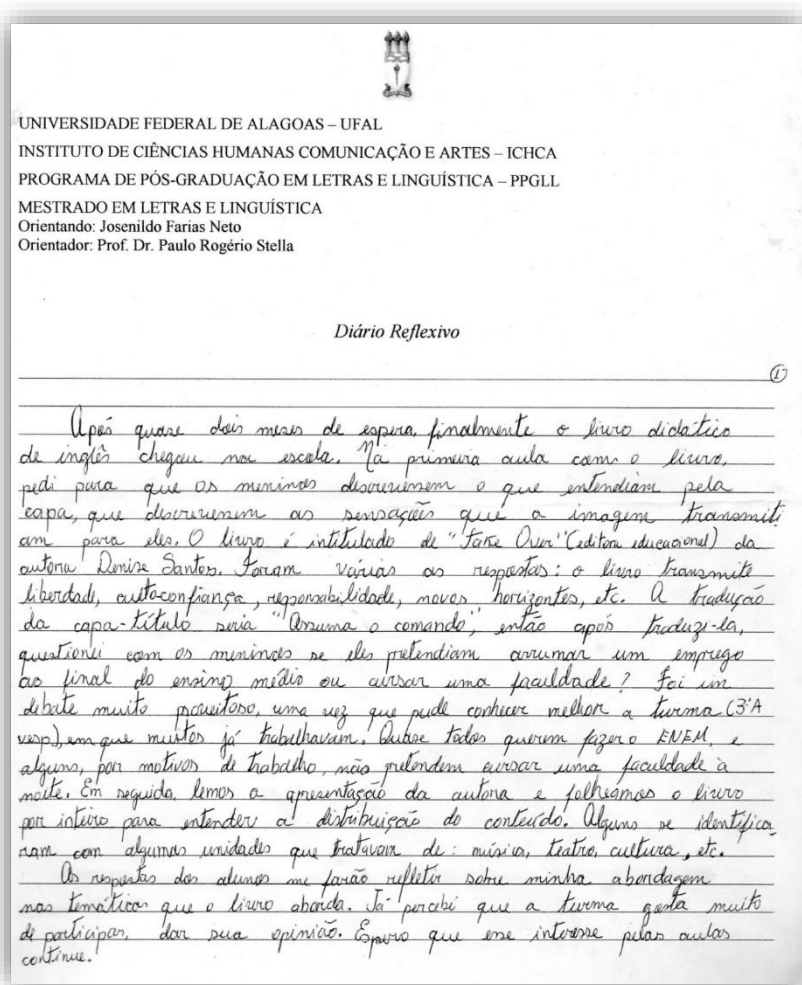



Figura 05: Diário Reflexivo do Pesquisador (Apêndice E, p.200)

Os diários reflexivos eram produzidos ao término das aulas e tinham como objetivo descrever o decorrer das aulas, bem como permitir que pudesse refletir sobre minha prática pedagógica mediante os tópicos trabalhados na aula ministrada. Os diários eram feitos na escola ou em minha casa, a depender das atribuições a mim conferidas naquele dia. Somaram um total de 15 diários, e através deles pude pensar de forma crítica sobre minha própria prática. Ao término da pesquisa, ao analisar o instrumento citado, percebi que ia de encontro a uma prática homogeneizante que sempre estivera presente em minhas aulas sem que eu percebesse.

2.4.5 Narrativas dos alunos


 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
 MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
 Orientando: Josenildo Farias Neto
 Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
 Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno (i)

<p>↓ LIVRO DA JINONES É BASTANTE INTERESSANTE POIS TRABALHA COM DEPERCA FORMA COMO TRATO, CONVERSAS EM INTERNET, DEKIR E MUSICAS.</p>
<p>↓ A LINGUA JUBESA É BASTANTE IMPORTANTE QUONIAM MENTE BUNTOS UMOS NAVEGUE NA INTERNET ASSISTIR UMA SERIE OU JTE MESMO QUITE MUSICAS, FAZER CONFEIAS ETC.</p>
<p>↓ NA ESCOLA DAVORA JA MAIS BVESTIANTOS POIS É UMA LINGUA COMERCIAL MUNDIAL MENTE.</p>
<p>FOI UMA FORMA DECORATIVA QUE A GRAMATICA FOI APRESENTADA A GRAMATICA QUE É UTILIZADO EM SAZA DE AUA NÃO USO PRA WA A NÃO SER NA PROVA.</p>
<p> </p>
<p> </p>
<p> </p>
<p> </p>
<p> </p>

Figura 06: Narrativa dos alunos (Apêndice F, p. 215)

O intuito desta atividade foi que agora, em forma de narrativas, os alunos ficassem mais à vontade para discorrerem sobre questões relevantes para minha pesquisa, a saber: o livro didático de inglês e a forma como a gramática é apresentada nele.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresento a concepção de língua como interação verbal em processo dialógico, segundo Bakhtin/Volochínov ([1929] 1981) e cito pressupostos teóricos que nortearam esta escolha. Apresento concepção de LE, e trago os documentos oficiais referentes ao ensino de LI na escola pública apresentados pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), PCN-LE (BRASIL, 2001) OCEM-LE (BRASIL, 2006). Abordo a situação do ensino de LI no estado de Alagoas segundo Stella (2013), e Stella e Tavares (2014).

3.1. Conceito de língua

Toda língua está inserida em um processo de construção histórica e cultural em constante mudança. Portanto, como princípio social e dinâmico não se limita a uma visão sistêmica e estrutural do código linguístico. É heterogênea e ideológica. Nessa perspectiva, a língua é repleta de sentidos a ela conferidos por nossas culturas, nossas sociedades. Ela organiza e determina as possibilidades de percepção do mundo e estabelece entendimentos possíveis. Segundo Bakhtin/ Volochínov ([1929] 1981), toda enunciação envolve a presença de duas vozes, a voz do eu e do outro, em que a língua é compreendida como realidade concreta e não uma abstração científica. Nessa perspectiva, os sentidos não são inerentes à língua, mas construídos por meio de interação entre sujeitos em determinados contextos de uso, em um certo momento sócio-histórico. A língua por sua vez é um produto ideológico que reflete e refrata a realidade que lhe é exterior, assim, a mesma é constituída socialmente e, por conseguinte deve ser aprendida/compreendida, isto é, vinculada às práticas sociais

de maneira dialógica, pois é por meio da interação com os outros que nos conhecemos e constituímos-nos. Através do uso das múltiplas manifestações das linguagens em suas práticas sociais, o sujeito age e reflete sobre a sua realidade e a dos grupos sociais a que pertence, podendo mantê-la, reforçá-la, questioná-la, inclusive transformá-la.

Para este filósofo, não há discurso individual, no sentido de que todo discurso se constrói no processo de interação e em função de um outro. E é no espaço discursivo criado na relação entre o eu e o tu que os sujeitos se constituem socialmente. Portanto, é no engajamento discursivo com o outro que damos forma ao que dizemos e ao que somos.

Nesta concepção, a LE apresenta-se como um espaço para ampliar o contato com outras formas de conhecer, com outros procedimentos interpretativos de construção da realidade. Isto posto, a LI oportuniza um espaço para que o aluno reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural diversas. Para Moita Lopes (2013), LE deve tratar o aluno como agente produtor de sentidos, construindo significados em relação ao mundo em que vive. Em outras palavras, a língua concebida como discurso, não como estrutura ou código a ser decifrado, constrói significados e não apenas os transmite.

Em síntese, não há como se falar de língua através de sistemas imutáveis, de normas estruturais rígidas, muito menos considerá-la como uma enunciação monológica sem considerar suas interações sociais. É no processo interativo que a língua se constitui. Sobre isso, Bakhtin/Volochinóv ([1929] 1981, p.123) afirmam que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação

verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Dialogando com essa perspectiva dialógica bakhtiniana reitero o conceito de língua adotado nesta pesquisa: a língua sendo concebida em situações reais de comunicação. Entendo ainda que, esse uso real da língua permite que os alunos estudantes, não só da língua nativa, mas também de uma LE, no caso a LI, possam percebê-la em uso real, tornando essa língua significativa para os alunos, indo além de memorização de códigos e estruturas normativas.

Na segunda página do livro didático de LI citado nesta pesquisa, a gramática é apresentada por um método dedutivo como pregam os documentos oficiais, no entanto, percebi algumas atividades que ainda apresentam exercícios baseados em identificação dos tempos verbais. Essa abordagem é baseada em uma visão de língua voltada para tradução, estudo de vocabulário e gramática, o que, certamente difere do conceito de língua visto sob uma perspectiva dialógica, essa concepção de uma LE voltada para a memorização de regras tem causado falta de interesse e dificuldade por parte dos estudantes de LI.

3.2. Visão dialógica bakhtiniana

Os enunciados estão atrelados ao contexto sócio-histórico. Essa noção é valorosa para entendermos o posicionamento bakhtiniano a respeito de pesquisas que envolvam a língua. Para Bakhtin, os enunciados assumem extrema relevância no aprendizado de uma língua. Desta maneira, percebemos que, experiências como falar e escrever, são, antes de qualquer tentativa de categorização, uma experiência linguística com os diversos gêneros discursivos existentes no nosso tempo. E, são as formas relativamente estáveis desses gêneros (falar e escrever) que organizam as nossas expressões. Logo, quando falamos ou escrevemos, estamos na verdade atualizando formas relativamente consagradas no quadro das interações linguísticas,

ou seja, estamos interagindo em um processo dialógico.

Consoante Bakhtin, a língua é concebida como estando em um processo de interação. Neste caso, o indivíduo participa, concorda, discorda, realiza ações por meio da linguagem.

Para Bakhtin (1981, p.113) a linguagem caracteriza-se como “ponte lançada entre o homem e o outro homem”. Para este filósofo, que também foi professor¹³, é através da palavra que a pessoa se define em relação ao outro e à coletividade, pois este é o modo mais sensível e puro de reação social, de forma que:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 1981, p. 41).

É a partir dessa visão bakhtiniana acerca das palavras que nasce o dialogismo, conceito este que permeia toda a obra deste autor. Para ele, o diálogo é princípio constitutivo da linguagem, em outras palavras, em qualquer contexto comunicativo a linguagem está impregnada nas relações dialógicas, sendo o diálogo o meio de acesso entre os falantes. A língua, nessa concepção, é compreendida como realidade concreta e não uma abstração científica. Na perspectiva monológica, a língua é vista como um sistema estável, enquanto que, na perspectiva dialógica, o sentido da palavra é determinado por seu contexto.

¹³ Aos leitores interessados na experiência de Bakhtin como professor em duas escolas no interior da Rússia, refletindo sobre sua prática na sala de aula e o ensino de gramática, recomendo a leitura do livro *Questões de Estilística no ensino de língua*. Informações sobre esta obra encontram-se nas referências no final desta dissertação.

Bakhtin (1992, p. 297) alega que os indivíduos não se comunicam por meio de orações, nem trocam palavras, mas trocam enunciados que se constituem com os recursos formais da língua, de forma que a comunicação humana se dá, segundo ele, pelos gêneros textuais, que são frutos de um uso comunicativo da linguagem em sua realização dialógica.

Por consequência, a concepção de gramática ligada a essa perspectiva bakhtiniana de diálogo se encontra internalizada nos usuários de determinada língua. Esta gramática dialógica consiste em enunciados que o falante realmente domina e dos quais utiliza ao falar, numa situação de interação comunicativa.

Em referência aos estudos normativos e estruturais que tratam a língua como um sistema de normas imutáveis, Bakhtin (1981, p.96) acrescenta que:

Não encontraremos na língua nenhum sistema de normas rígidas e imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua. De um ponto de vista realmente objetivo, percebendo a língua de um modo completamente diferente daquele como ela apareceria para um certo indivíduo, num dado momento do tempo, a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva¹⁴ ininterrupta.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, para Antunes (2014) a gramática vista como elemento constitutivo da língua é sempre contextualizada, pois tudo o que dizemos está presente em um determinado contexto, uma situação social, com certa finalidade, portanto, tornar o ensino de gramática de LI contextualizado é um desafio que muitos profissionais enfrentam ao lidar com livros didáticos, uma vez que muitos livros

¹⁴ Não estão associados ao termo “evolutiva”, de acordo com a teoria bakhtiana, aspectos discriminatórios, oriundos de um pensamento evolucionista, pautado nos postulados de Darwin. Aqui, evolução corresponde aos processos de mudança da língua, sem que haja clara noção valorativa.

apresentam a gramática no final do manual, separada das práticas discursivas presentes nos textos que contemplam os capítulos a serem estudados.

Há autores que abordam a gramática separadamente da língua, como se ela não fizesse parte da mesma, apresentando-a como um compêndio a ser estudado separadamente, ou seja, um estudo de gramática prescritiva – apenas.

Reitero meu posicionamento de linguagem e gramática relacionado ao descrito anteriormente, uma vez que ao propor que o ensino de gramática parta de situações reais de uso do idioma, estou também trabalhando sob um viés comunicativo, dialógico, e contextualizado.

3.3. O ensino de inglês na escola pública

A nova *Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (9394/96) estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de uma LE moderna a partir da quinta série (6º ano hoje). No Ensino Médio, o ensino de uma LE era de caráter optativo.

Atualmente são dois os documentos que norteiam a educação nacional quanto ao ensino de LE: os Parâmetros Curriculares Nacionais de Línguas Estrangeiras (PCN-LE) (BRASIL, 2001) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEN-LE) (BRASIL, 2006), esta última lei sofreu alterações no que concerne a Reforma do Ensino Médio¹⁵.

Segundo os PCN a meta principal para o ensino de línguas estrangeiras no Ensino Médio é a comunicação oral e a escrita, o referido documento oficial considera essas habilidades

¹⁵ **LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017.** Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

como ferramentas imprescindíveis no mundo globalizado, principalmente no tocante à formação profissional, acadêmica e pessoal.

No entanto, desenvolver essas habilidades com competência no ensino público não é tarefa fácil, tendo em vista algumas contrariedades como: salas superlotadas, falta de material didático-tecnológico para trabalhar a oralidade e recursos áudio-visuais, a não habilidade por parte de alguns professores em trabalhar com aulas comunicativas, bem como a dificuldade dos alunos em escrever na LI.

Outro aspecto a considerar é a questão da desvalorização da disciplina no contexto escolar. Em artigo escrito por Stellla e Tavares (2014) obteve-se a seguinte fala de um professor de escola pública:

ensinar a língua inglesa, para mim, foi sempre um desafio, pois não tenho ainda domínio da língua. Mas dou o melhor de mim, isso tenho certeza, faço o possível para meus alunos aprenderem, embora a disciplina na escola não seja vista com a mesma importância das outras (NÚCLEO ALAGOAS, 2012, p.30).

Stella e Tavares (2014) apresentam no referido artigo um parecer segundo as OCEM-LE (BRASIL, 2006), que considera que existe uma espécie de mito circulante nas falas de professores, de alunos e mesmo de pais, sobre a impossibilidade de se aprender LE em escola regular (e pública). Considera-se que somente se aprende inglês em cursos livres onde se encontram professores treinados, ambiente adequado, etc. As OCEM-LE (BRASIL, 2006, p.236) atribuem esse mito a um conflito de objetivos da escola regular para o ensino de línguas estrangeiras e dos cursos livres. Para estes pesquisadores, o objetivo principal dos cursos livres é incluir o aluno no mundo exterior, fazendo-o se portar como um outro, assumindo uma identidade diversa daquela que o constitui originalmente. Ocorre, porém, segundo eles, que essa nova identidade pretendida nunca será completa,

porque esse sujeito será sempre um sujeito dividido entre dois mundos: o mundo a que realmente pertence e o mundo a que almeja, Stella e Tavares (2014, p.86).

Essa não completude identitária, ou melhor, a dualidade do sujeito, constitui-se no motor do aprendizado, que é o desejo de pertencer definitivamente sem, contudo, pertencer completamente. Ainda nas palavras dos pesquisadores, quando o processo de inserção é interrompido por falhas de ordens várias, o desejo identitário é frustrado, ocasionando o sentimento de incompletude e inferiorização em relação ao estrangeiro, o que leva ao desestímulo e à sensação de incapacidade por parte do aprendiz. No tocante ao ensino no curso livre e na escola regular, os pesquisadores nos lembram de que,

(...)o ensino regular não deve ter o objetivo de oferecer ou reproduzir as mesmas condições de aprendizado oferecidas em escolas livres. Na escola regular, o ensino deve servir para a inclusão do aluno no mundo que o rodeia, permitindo que utilize a língua como meio de construção de conhecimento para si e para os outros. (STELLA; TAVARES, 2014 p.86).

O sentido de inclusão, para os autores, se relaciona à preservação dos valores identitários do aluno e à reflexão sobre a cultura estrangeira, estabelecidas pelo processo de interação, ou melhor, de ação entre os participantes do processo que produz, por sua vez, modificações em ambos os participantes.

Ainda com relação ao ensino nas escolas regulares e escolas livres, Almeida Filho (2003), considera que o ensino de inglês nas escolas regulares produz resultados inferiores do que aqueles esperados e previstos pelos documentos oficiais. E, as escolas livres são aquelas que mantêm o melhor nível de ensino de inglês. Entretanto, algumas escolas livres podem, assim como as oficiais, oferecer ensino de qualidade questionável, principalmente por adotarem modismos e soluções mirabolantes sugeridas pelo mercado para atrair clientes (por exemplo, sono-

aprendizagem, método subliminar, neurolinguística, etc.).

As OCEM-LE (BRASIL, 2006), abordam o ensino de LE nas escolas públicas. O texto afirma que o ensino de LE fica a critério das escolas regulares e cursos livres, este último sendo apontado como estando em crescimento constante.

É indispensável que os livros de inglês apresentem material textual em consonância com o propósito de estudo de uma LE que proporcione desenvolvimento social, profissional e acadêmico, conforme apreçoam os documentos oficiais.

No tocante à comparação entre a LI nas escolas regulares e nos cursos livres, Stella e Cruz (2014), acrescentam que para as OCEM-LE, o fracasso do ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas dá-se pela tentativa de reprodução do modelo dos cursos livres no espaço da sala de aula cujas condições estruturais diferem grandemente daquelas oferecidas nesses cursos. Como resultado, constata-se um sentimento de incompletude e inferiorização em relação ao estrangeiro, o que leva ao desestímulo e ao fracasso em todos os níveis e à procura de alternativas fora desse espaço escolar.

A meta principal para o ensino de línguas estrangeiras no Ensino Médio, de acordo com os PCN, é a comunicação oral e escrita, e não o estudo da língua pela língua com ênfase na abordagem gramatical que se engessa em tópicos descontextualizados. O referido documento entende a comunicação oral e a escrita como “uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica ou pessoal” (PCN, p.34). Vale salientar que a abordagem metodológica pregada nos documentos oficiais sobre comunicação oral e escrita, em nenhum momento prega a supremacia de uma sobre a outra – considera ambas no mesmo patamar concomitante de importância. As pesquisas de Stella e Tavares (2014), em consonância com os documentos oficiais, corroboram que: os PCN afirmam que as línguas estrangeiras modernas, são consideradas no ambiente escolar como disciplinas pouco relevantes, no entanto, com a nova LDB 9394/96, considerando-se que se espera que o aluno seja capaz de ler,

escrever e entender uma LE sem muitas dificuldades, a disciplina torna-se tão elementar como as outras do currículo, primando pela formação do aluno.

3.4. Reflexões sobre o ensino de língua inglesa na escola pública de Alagoas.

Com base nas pesquisas feitas por Stella e Cruz (2014), o ensino de LI nas escolas públicas do Estado de Alagoas apresenta-se de forma precária em vários aspectos. As salas de aulas superlotadas, a falta de equipamentos como recursos audiovisuais, a não valorização do profissional da área de educação e também da disciplina são apenas alguns desafios a serem enfrentados.

Para melhor ilustrar tais dificuldades e apresentar outros problemas pelos quais o Estado passa, recorro a pesquisa de título “Formação de professores de inglês pré-serviço em Alagoas: uma reflexão sobre identidades”, que teve resultado publicado na RBLA, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 141-159, 2014 (STELLA; CRUZ, 2014), no qual os autores apresentam estudos que problematizam o ensino de LI no referido Estado.

Meu objetivo ao citar esse trabalho desses pesquisadores é de promover certa reflexão sobre alguns dos motivos pelos quais Alagoas encontra-se tão atrasada no que concerne ao ensino e aprendizagem de LI, e também em outras áreas, em se falando de educação.

Stella e Cruz (2014) argumentam que Alagoas se posiciona entre os Estados com os piores índices sociais, econômicos e educacionais no Nordeste e, conseqüentemente, no Brasil. Esses números negativos refletem a falta de investimento na educação e ajudam a alavancar os índices precários do referido Estado.

Os pesquisadores apontam também que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que mede a qualidade da educação no Brasil por meio da atribuição de conceitos, estabelece um índice de 2,7 em Alagoas para as séries

finais do fundamental público. Se comparado à média nacional de 3,7, que já é baixa em relação aos países considerados desenvolvidos cuja média é 6,0, podemos inferir que há uma grande lacuna na qualidade de ensino na região, posicionando Alagoas em último lugar entre os estados brasileiros nesse quesito (IDEB, 2012) (STELLA; CRUZ 2014)

Os números acima indicam que a falta de políticas públicas, e o contexto socioeconômico da região estão diretamente ligados aos índices negativos que assolam o Estado. Há também a falta de professores formados na área, que realça a ausência de políticas públicas para resolver ou minimizar o problema, como asseguram Stella e Cruz (2014, p.23):

Esse contexto reflete a quase inexistência de políticas públicas para a educação básica em geral, havendo, por isso, poucas ações efetivas de fomento à formação continuada dos professores de LI do ensino público. Há propostas que não saem do papel pela dificuldade em se conseguir qualquer incentivo, seja a projetos de intervenção dos professores em suas salas de aula, seja a quaisquer outras ações de desenvolvimento linguístico desses professores. Concretamente, as aulas de LI são ofertadas como complemento de carga horária a professores de outras disciplinas que se disponham a dá-las, o que provoca tanto uma descaracterização quanto um esvaziamento da necessidade do aprendizado dessa língua.

Tendo em vista tantas dificuldades, o ensino de LI nas escolas públicas de Alagoas termina sucumbindo na maior parte do tempo ao ensino de gramática. Como a maioria dos alunos não conseguem dominar outras habilidades, ensinar gramática parece ser mais viável.

O resultado da pesquisa de Stella e Cruz (2014) confirma que 45% do tempo de aprendizado de língua é ocupado pelo

ensino da gramática tradicional, 20% por tradução de sentenças, 15% por leitura de textos simples, 10% por exercícios de pronúncia e os outros 10% restantes são divididos em escrita, conversação e audição. Esse foco na gramática pode ser confirmado pelo depoimento de um professor entrevistado que afirma que “pelo fato da universidade receber alunos com pouca fluência no que diz respeito à aprendizagem de LI, acabavam focando os objetivos das aulas no ensino de gramática mesmo” (NÚCLEO, 2012, p. 23). (STELLA; CRUZ, 2014)

Os números supracitados divergem daquilo que pregam os PCN ao enfatizar que a **comunicação oral e escrita** são uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, e conseqüentemente é meta para o ensino de inglês no Ensino Médio. O estudo de gramática normativa como foco principal da aula de inglês vai de encontro com essa orientação, uma vez que decorar regras para se sair bem numa prova escrita não desenvolve tais habilidades.

Uma vez que este trabalho objetiva descrever mudanças no tocante ao uso de gramática em um processo reflexivo, apresento a seguir texto produzido por um dos participantes da pesquisa feita por Stella e Cruz (2014), onde o graduando é solicitado a descrever sobre aula que observara da professora de inglês. Os pesquisadores percebem certo distanciamento do graduando das práticas da professora observada.

Nas aulas a professora parece estar **mais preocupada em passar o conteúdo programático com bastante gramática** sem se importar com a interação dos alunos. **Ela escreve bastante** no quadro e os alunos **automaticamente** copiam em seus cadernos como se essa prática **fosse um procedimento automatizado**. As respostas das atividades aplicadas em sala de aula são dadas no quadro pela própria professora **sem nenhuma interação** com os alunos, eles **apenas copiam** as respostas ditadas e escritas no

quadro pela professora, como se a **aula fosse composta apenas de regras a serem seguidas**. (NÚCLEO, 2012, p. 45, grifos dos autores) (STELLA; CRUZ, 2014).

Esta citação reitera o quanto o ensino de gramática como uma estrutura a ser memorizada ainda é forte com relação ao ensino de inglês. O fato de não haver nenhuma interação com os alunos demonstra a mecanicidade no ensino da referida disciplina. Nas partes em negrito do texto, percebe-se o quanto o observador, neste caso o aluno graduando apresenta um relato reflexivo sobre a prática da professora, demonstrando certo distanciamento da mesma. (STELLA; CRUZ, 2014).

Uma vez que a professora preocupa-se com o conteúdo programático ao escrever bastante no quadro, há certa inércia por parte da professora, quanto a fazer alterações positivas no ensino de inglês. Sobre isso, Stella e Tavares (2014) reportam que,

(...) a sensação de fracasso expresso pelos professores no ensino e aprendizado de inglês na escola pública é consequência da repetição de práticas tradicionais de ensino e se manifestam não somente em certa inércia na atitude dos professores em relação às práticas, mas também na atribuição da responsabilidade desse fracasso aos outros. Desse modo, os professores parecem coniventes com a ideia da ineficiência do ensino público e regular; com a necessidade da existência de cursos livres; e, consequentemente, com a noção de que somente alguns privilegiados, que podem pagar um curso livre têm condições de sucesso na língua inglesa. Em resumo, os professores parecem agentes da exclusão de maneira geral (STELLA; TAVARES, 2014, p.86).

Dentre essas práticas tradicionais está o ensino de gramática descontextualizada. Diante disso, é preciso repensar nossa prática em sala de aula. É necessário refletir sobre as transformações às quais todos estamos submetidos. O mundo globalizado não permite um ensino isolado do resto do mundo. Ademais, políticas públicas que valorizem o ensino público regular devem ser postas em prática.

A conexão da oralidade com a escrita fica enfraquecida mediante o número de aulas insuficiente, o conteúdo programático, o calendário que rigorosamente deve ser seguido na escola, a não valorização da disciplina por parte do aluno e muitas vezes também do próprio professor que sucumbe às aulas de gramática como único meio de manter os alunos “ocupados”. Consequentemente, os alunos “aprendem” (ou decoram) apenas o básico. No sistema de ensino atual, para conseguir certa habilidade na oralidade e na escrita, muitos estudantes recorrem a cursos livres, destarte, o ensino fica enfraquecido devido a ausência de políticas públicas para a formação continuada de professores de LI.

4. O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA

Neste capítulo, recorro aos documentos oficiais no tocante ao advento do livro didático de inglês; faço uma explanação sobre meus instrumentos de pesquisa em consonância com a gramática apresentada no livro; abordo questões históricas, políticas, ideológicas e pedagógicas do LD; comento o lugar do livro na perspectiva bakhtiniana, e apresento o livro utilizado na escola em que trabalho, ressaltando as questões que de certa forma consubstanciaram minha prática, e apresento de os instrumentos de pesquisa.

Somente a partir de 2011 o Programa Nacional do Livro Didático (doravante PNLD) passou a contemplar as escolas públicas de Ensino Médio no Brasil com Livros Didáticos (doravante LD) de LI. Essa conquista foi de grande importância para melhores resultados no ensino e aprendizagem de LI no país,

uma vez que outras disciplinas como: português, matemática, geografia, história, dentre outras, já eram contempladas com o LD, sendo o de LI um dos últimos a serem distribuídos de forma gratuita para os alunos.

Pode-se então afirmar que o advento de um material de referência tornou-se um marco para professores e alunos que constantemente reclamavam da escassez de recursos para o estudo de inglês, ficando deste jeito a critério unicamente do professor que precisava copiar, pesquisar, elaborar apostilas e buscar outros materiais audiovisuais em diversos outros livros de LI.

Devido ao grande investimento feito pelo governo em material didático, muitas pesquisas surgiram com intuito de analisar os LD de inglês e também de outras disciplinas (MOHR, 1995; VASCONCELOS & SOUTO, 2003; SILVA, 2005; SOBREIRA, 2002; entre outros).

Muitos desses autores evidenciam a importância de analisar o conteúdo do livro, mas também de observar a utilização do livro por alunos e professores. Corroborando com tais estudos, me propus neste trabalho a observar as representações de gramática apresentadas no LD de LI, bem como o conceito que os alunos tinham sobre a gramática estudada por eles até então. Para tal, observei as atividades voltadas para gramática no LD, pesquisei os conceitos de gramática que os alunos tinham através de questionários, fiz diários reflexivos após 15 aulas, onde expus minhas observações ao término de cada aula ministrada, observando que é premente transgredir no sentido de evoluir, ir além do que é pré-estabelecido. Este trabalho proporcionou reflexões sobre a minha prática docente e almejo que outros colegas de profissão possam também refletir sobre os aspectos que considere importantes ao longo da pesquisa, principalmente no tocante às abordagens feitas no estudo de gramática. Para tanto, como aludido no início deste capítulo, irei discorrer sobre aspectos históricos, ideológicos e pedagógicos do LD. Abordarei orientações do PNLD e o funcionamento desse programa.

Grande parte dos livros didáticos usa a gramática estrutural como suporte para seu plano de ensino. Consequentemente, a ordem em que os itens linguísticos específicos são introduzidos e praticados reflete algum tipo de sequência estrutural e nível de dificuldade percebido.

A metodologia dos LD tenta progredir ao fazer as novas formas linguísticas acompanharem aquelas que já foram introduzidas. Em outras palavras, as coisas “fáceis” são introduzidas antes das mais “difíceis” ou “complexas”. Observando o LD no Brasil, não só de inglês, mas de outras disciplinas também, nota-se que ele acompanha as perspectivas de língua e métodos de ensino e aprendizagem de cada época.

Na primeira metade do século XX, o foco dos livros era na gramática e tradução (PAIVA, 2009). Em seguida aparecem os materiais audiovisuais, com a crença de que a escrita perturbaria o desenvolvimento da compreensão oral. A ênfase desse método estava na pronúncia e na entonação, valorizando o *listen and repeat*.

Não é difícil entender que esse conceito de língua como estrutura gramatical, herança medieval de ensino de língua materna e também estrangeira (FARACO, 2008), tem seu espaço garantido e valorizado nos LD desde o início da sua história.

Os LD retratam também aspectos ideológicos de cada época. Analisando atividades nos livros, notamos através de suas frases e exemplos, figuras que se destacam em cada período. Consoante Coracini (2011, p. 42), “[...] professores, alunos e livro didático são criação da história e do momento sociopolítico em que vivemos”. Nesse sentido, é necessário compreendê-los a partir dos próprios contextos sócio históricos nos quais eles estão inseridos.

Sendo, então o LD legitimado como instrumento de autoridade (SOUZA, 1999; TÍLIO, 2010) e também suporte para a aprendizagem, podemos inferir que, nos textos, nas fotos, na estruturação e na sequenciação das lições e dos conteúdos dos livros didáticos, são encontradas marcas dos discursos e atividades que estruturam a sociedade e, desse modo, constroem

as identidades da vida social, tanto de quem ensina como de quem aprende línguas estrangeiras (TÍLIO, 2010). Assim também, então, são construídos sujeitos falantes, padrões ou modelos, de determinadas línguas.

Aspectos como estes devem ser pesquisados, pois o professor é mais que um transmissor de conteúdo apenas - como ideologicamente alguns livros, mesmo de que forma implícita o concebem.

O professor é uma espécie de “ponte” entre o livro didático e as oportunidades criadas no ambiente de sala de aula, como o próprio livro didático pode ser uma “ponte” entre conceitos teóricos e tarefas (GIMENEZ, 2009, p. 9).

Em outras palavras, a conexão entre o LD e a realidade da sala de aula é imprescindível e deve ser feita pelo professor. O livro viabiliza “pontes” que se interligam com outras áreas de conhecimento, as oportunidades criadas em sala de aula em diferentes ambientes escolares criam outras necessidades: os alunos têm seu conhecimento prévio de determinados assuntos; sua cultura; seus anseios com relação ao futuro. Segundo Magno e Silva (2009 p, 17) “cada comunidade de aprendizagem é única, no sentido vygotskiano, em que o conhecimento se constrói mediante interações entre os participantes de cada grupo (...) cada comunidade que utilizar determinado livro poderá obter resultados diferentes”.

Então, o professor necessita ser sujeito atuante e intervir nesse processo construindo junto com o aluno um conhecimento que se adapte à sua realidade, ao seu contexto, às suas necessidades, não sendo um reproduzidor de uma verdade única pré-estabelecida.

Apesar dos avanços tecnológicos em se falando de material de apoio para o docente, infelizmente, são muitas as escolas que oferecem apenas o LD para o professor, sendo este, o único recurso disponível para esse profissional, e também para os

alunos. Assim, o LD é única referência para estudos e preparação de aulas, conforme reitera Sarmento (2010):

Assim, é fundamental que o professor tenha consciência do contexto educacional em que se insere para que, sobretudo o ineditismo proporcionado pelo PNLD venha a ser mais um dentre outros elementos no processo de ensino-aprendizagem, mas não o único. O LD afinal não deveria ser a única fonte de insumo/inspiração das aulas. (p.6)

Como defende a autora, o LD não deveria ser o único recurso nesse processo, mas apenas mais um dentre tantos outros recursos, que por sua vez deve estar em sintonia com o que prega os documentos oficiais, a saber, o Programa Nacional do Livro Didático que versa um conceito a respeito de língua como prática social e heterogênea que deve ser considerada pelos autores nos livros didáticos. Vejamos:

O edital do PNLD 2012 Ensino Médio, que contempla a parte específica das Linguagens, Códigos e suas tecnologias registra um conjunto de preceitos organizadores da proposta de avaliação dos livros didáticos da área. Desse modo, o processo foi orientado pelo entendimento de linguagem como atividade social e política, que envolve concepções, valores e ideologias inerentes aos grupos sociais; atividade em permanente construção, por isso heterogênea e historicamente situada; prática discursiva, expressa por meio de manifestação verbal e não verbal e que se concretiza em diferentes línguas e culturas. (PNLD, 2012, p.6)

Para que o professor desenvolva atividades que enfoquem a língua com todo seu dinamismo, ele precisa sair de

sua passividade, precisa reconhecer que o ensino não pode mais centrar-se na transmissão de conteúdos conceituais e previamente selecionados. O professor deve ser visto como um facilitador nesse processo e, acima de tudo, questionar a si mesmo se sua aula “muito bem programada” está dando espaço ao aluno ou fazendo-o apenas repetir um conteúdo que muitas vezes, para o estudante, é sem sentido.

Outro aspecto que carece de reflexão crítica é o fato de que o LD é confeccionado por pesquisadores, que em sua maioria não representam as diferentes realidades do país, centralizando um pensamento conservador, colonialista, que privilegia a região sul e sudeste do Brasil.

O docente, por sua vez, geralmente com longa jornada de trabalho, adota o livro e o utiliza sem maiores reflexões a seu respeito, tendo que aceitar como única alternativa para o ensino. Por essa razão, o desenvolvimento teórico é imprescindível, por isso, recomenda-se que a escolha dos livros seja feita a partir de um guia oferecido pelo MEC, isso porque as coleções didáticas que integram o PNLD são avaliadas por uma equipe pedagógica com formação específica na área, que seleciona aquelas que atendem aos critérios divulgados por um edital criado para esse fim. Após avaliação das coleções, o MEC publica o denominado “Guia de Livros Didáticos”, para cada componente curricular atendido pelo PNLD. Nesse Guia, que é distribuído para todas as escolas públicas do país, encontram-se resenhas das coleções selecionadas. Assim, os professores podem escolher as coleções que consideram mais adequadas para seu contexto de ensino. Esse sempre foi o processo seguido na escola em que trabalho.

As grandes editoras de renome no país dispõem de recursos para enviar exemplares de suas coleções para as escolas, enquanto as de pequeno porte não dispõem de recursos. Por este motivo, recomenda-se que a escolha dos livros seja feita a partir desse Guia enviado para as escolas. Essa é uma observação pertinente, uma vez que as editoras de pequeno e médio porte não conseguem atingir esse “*bom mercado*” que as grandes editoras atingem. Dessa forma, o Guia produzido pelo MEC é a fonte mais

democrática para análise e decisão de materiais adequados para adoção nas escolas públicas. O Guia também está disponível em versão eletrônica, e, estando o professor a par de sua teoria, corrobora com Pessoa (2009, p. 48) ao propor que desenvolvimento teórico:

É fundamental para que esses professores se tornem especialistas do processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e também pesquisadores de suas salas de aulas. Assumindo esses novos papéis, é bem provável que eles comecem a desconfiar dos livros didáticos e das teorias formais e, conseqüentemente, a romper com o processo de proletarização rumo à profissionalização docente. “Em poucas palavras, sem qualificação docente não há profissionalização.”

Admitindo que o livro seja um ato de fala impresso, ou seja, um ponto de partida que oportuniza discurso, debate e embate de ideologias, sendo, portanto dialógico, o livro também se constitui por elos no conjunto das comunicações verbais ideológicas. Ou seja, cada pessoa emite uma resposta a enunciados anteriores e espera por respostas, interligando-se a discursos passados e/ou contemporâneos: “responde (...), refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc”, como confirma Bakhtin e Voloshínov ([1929b] 2004: 123). Para ilustrar a dialogia ampla, eles citam que o livro “é uma simples gota no rio da comunicação verbal” (Voloshínov, [1929] 1981, p. 2). Segundo eles,

O livro, isto é, o ato de fala impresso (...) é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no

quadro do discurso interior, sem contar com as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influências sobre os trabalhos posteriores, etc.). Além disso, o ato da fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre, portanto, da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária (...) (Voloshínov e Bakhtin, [1929b] 2004, p. 123)

A observação dos autores nos faz lembrar que a utilização de outros recursos como: jornais, revistas, músicas, teatro, trava-línguas, contos, paródias, caça-palavras, desenhos, jogos, adivinhas e tudo o mais que possa usar a língua como veículo de comunicação, pode e deve ser usado pelo professor como complemento do livro didático, já que, como estabelecem os estudiosos acima citados, ele (o livro) não passa de uma simples gota d'água no universo infinito de construção do conhecimento.

O principal objetivo do PNLD, que se trata de uma política pública do Ministério da Educação (MEC), é o de subsidiar o trabalho pedagógico dos professores das escolas públicas atuantes na educação básica brasileira, através da distribuição gratuita de coleções didáticas de diferentes componentes curriculares. O livro didático surge então como grande protagonista para que as desigualdades em se falando de acesso aos recursos de se estudar LE sejam minimizados em nosso país. O Edital PNLD 2011 foi o primeiro a contemplar o inglês como LEM.

Nesse edital foram explicitadas perspectivas de promoção positiva da imagem dos negros, das mulheres, dos povos indígenas; bem como a temática de gênero; a promoção da

cultura dos direitos humanos, a saber: crianças e adolescentes; educação para a justiça social, anti-homofóbicas; antirracista, dentre outros aspectos sociais como o local e global que as coleções didáticas precisam atender.

Além de orientações pedagógicas, o Edital PNLD 2011 apresenta outros critérios de ordem técnica para avaliar as coleções, esses critérios incluem: a qualidade física dos livros, a qualidade da matéria prima, o acabamento, a documentação legal, a origem do papel, o atendimento às normas da ABNT, a formação dos autores, dentre outros elementos que são avaliados por rigorosa equipe designada pelo MEC. No geral, o critério base para avaliação é o atendimento por todas as coleções ao item básico que todo material didático deve primar pela promoção de uma educação voltada para a cidadania.

Quando comecei a trabalhar com o livro didático, pedi para que os alunos o folheassem por inteiro, observassem as imagens, gráficos, números, mapas, legendas e outros recursos de linguagem não verbal. Como seguimos um conteúdo programático, precisamos então organizar os conteúdos a serem abordados e, tendo uma visão linear do livro, seguia exatamente a ordem em que os itens eram apresentados. Meu objetivo com este proceder era de ouvir o que os alunos acharam do livro, quais suas impressões sobre ele, e o que esperavam do estudo de LI durante o ano letivo.

Apresento abaixo tabela de avaliação do Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 do livro usado por mim neste trabalho: *Take Over 3* (Denise Santos), editora escola Educacional:

TABELA 02: QUADRO ESQUEMÁTICO1 / AVALIAÇÃO DO PNLD¹⁶

Pontos fortes da coleção:	A abordagem da leitura como processo de interação.
Pontos fracos da coleção:	As atividades de produção oral, que são pouco diversificadas.
Destaque da coleção:	A seção “Tools for learning”, com informações adicionais sobre estratégias para a aprendizagem.
Pontos fortes do Manual do Professor:	A seção “Leia mais e reflita”, com a exploração teórico-metodológica de conceitos que fundamentam as atividades.

Como se percebe na avaliação feita pelo PNLD, um dos pontos fortes da coleção foi a abordagem da leitura como processo de interação.

O texto de abertura da primeira unidade do LD trata da capacidade, ou “dom” que algumas pessoas aparentam ter quanto ao estudo e domínio de uma LE. O texto dá margem para uma discussão relevante na sala de aula a respeito do que seria ter esse domínio, se poderia ser conquistado com o tempo, ou se algumas pessoas realmente já nascem predispostas para falar uma LE.

¹⁶ O guia encontra-se disponível no link: www.fnnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/.../4032-pnld-2015

Foreign Language Learning and Teaching

To many people, the most obvious way of reducing some of the power of the language barrier is to promote the teaching and learning of foreign languages in a variety of child and adult education settings. This widely practised approach is undoubtedly very successful, as can be judged by the millions who succeed in mastering a foreign language, even to levels that are comparable to those achieved by 'natural' bilinguals. English-speaking monoglots often express amazement at the linguistic proficiency displayed by foreigners [...] and conclude that foreigners must have a 'gift' for language learning, which they lack, or that English must be a particularly easy language to learn. There is no basis for these suggestions. A few gifted language learners do exist, but most people arrive at their fluency only as a result of hard work, expended over a considerable period of time.

(From Crystal, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 3rd edition, 2010. p. 388.)

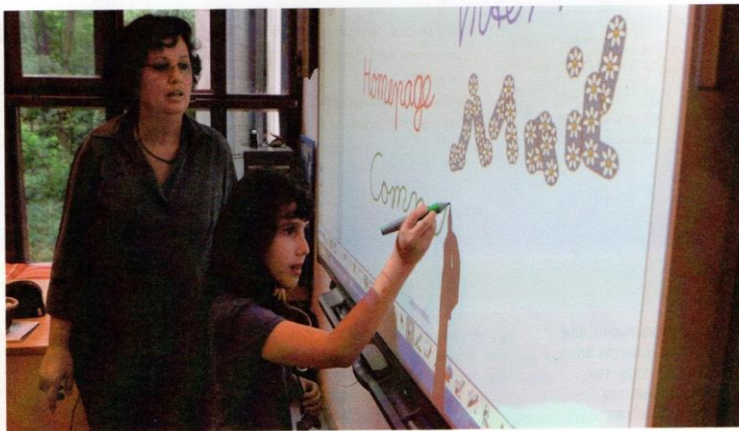


Figura 07: Unidade 1¹⁷, Texto inicial do livro - p. 12

O texto finaliza supondo que algumas pessoas podem ter nascido com esse dom, mas que para a maioria delas, para se alcançar uma boa fluência, somente como resultado de muito trabalho que leva bastante tempo para ser alcançado. Essas temáticas, apesar de serem importantes não aparecem nos exercícios de trabalho com o texto, tampouco são sugeridas no manual do professor. O que se percebe a seguir é um estudo de vocabulário, gramática e tradução. Vale lembrar que o PNLD solicita que o professor fique atento às atividades de compreensão

¹⁷ A imagem da página completa está no Anexo A no final do trabalho – (p. 250)

textual, “no sentido de criar situações que incentivem a construção de um posicionamento crítico pelos alunos”, e que a produção oral pode ser complementada com outras atividades que motivem situações de interação oral na LI (PNLD, 2014, p. 39). Dessa forma, seria interessante uma atividade que solicitasse a participação do aluno de maneira mais efetiva, onde ele pudesse dar seu ponto de vista no tocante à temática, de forma crítica e construtiva.

Na página seguinte¹⁸, segue um exercício de vocabulário e de gramática, e de estudo de tópicos do texto voltados para a tradução – apenas. A discussão sobre a temática do texto não é abordada num processo interativo como orienta o PNLD. Vejamos a figura abaixo:

1 Encontre pelo menos 15 *transparent words* no texto.

2 Associe os significados em português às expressões correspondentes em inglês. Se necessitar, volte ao texto para contextualização.

a. a força da barreira linguística	() as a result of hard work
b. abordagem amplamente praticada	() language learning
c. aprendizagem de línguas	() widely practised approach
d. uma língua particularmente fácil	() the power of the language barrier
e. como resultado de trabalho árduo	() a particularly easy language

3 Marque a alternativa em que o uso do gerúndio em “... the most obvious way of **reducing** some of the power of the language barrier...” é justificada.

a. () O verbo “reduce” é normalmente usado no gerúndio.

b. () O verbo encontra-se antes da palavra “some”.

c. () O verbo encontra-se depois de uma preposição.

d. () O verbo encontra-se perto da palavra “way”.

Figura 08: Unidade 1, Atividade do Livro - p.13

A primeira atividade escrita do aluno com o livro didático consiste em um vocabulário, o segundo de tradução, e o terceiro de gramática. Este último (terceira questão da figura acima) foi o que mais me chamou atenção, pois, o exercício

¹⁸ . A imagem da página completa está no Anexo A no final do trabalho – (p. 251)

solicita que o aluno tenha conhecimento do uso do gerúndio com suas especificidades na LI para poder acertar. Não considerando que a nomenclatura “gerúndio” seja indispensável para saber gramática – resolvi perguntar quem sabia na sala o que era gerúndio. Apenas 6 alunos, em uma turma com 34 presentes levantaram a mão.

Os alunos não conseguiram acertar o exercício, uma vez que além da definição de gerúndio, eles precisavam ter outros conhecimentos gramaticais para acertar, a saber: preposição, substantivos incontáveis, verbos.

Foi este exercício que despertou em mim o interesse de estudar a maneira como a gramática é apresentada no livro didático em que trabalho.

Passei a fazer alguns questionamentos:

- O que é saber gramática?
- Que professor eu sou no que se refere ao ensino de gramática?
- Quem sabe gramática sabe usar o idioma?

Naquela turma de 34 alunos havia aqueles que se saíam muito bem nas avaliações escritas e orais, mas que não acertaram o quesito em pauta. Muitos não sabem a diferença entre verbo regular e irregular, mas têm uma boa fluência em conversação e leitura. Por causa destas observações, passei a refletir sobre o uso da gramática com estrutura fixa e sua aplicação no ensino de língua como estando ligada a situações reais de uso. Percebi que era preciso transgredir aquele ensino de gramática que vinha fazendo ao longo desses anos. Em outras palavras, a gramática apresentada no livro ainda exige que o aluno domine tempos verbais e saiba diferenciá-los. No entanto percebi abordagens positivas no conteúdo gramatical do LD, pois a mesma apresenta um estudo gramatical que encoraja os alunos a chegarem a suas conclusões sobre os conceitos apresentados. Trata-se de um olhar para a gramática que confere certa autonomia aos alunos, levando-lhes a deduzirem o uso das regras gramaticais. Esta forma de ver a gramática não era concebida por mim, mas deveria ser transgredida. Essa gramática precisava ser apresentada em um

contexto dialógico – de uso real da língua, diferentemente do modo pelo qual sempre fora exposto enquanto estudante, e agora reproduzia enquanto professor.

Pensando na relação dialógica com os alunos que participaram do meu projeto de pesquisa, lembrei-me do artigo de Tavares e Stella (2014), intitulado de “Novos Letramentos e Formação de Professores/as de Inglês no Estado de Alagoas”, no qual os referidos professores citam que as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) guiam aos professores de línguas estrangeiras para um entendimento sobre princípios educacionais e sociais a serem considerados ao desenvolverem um planejamento linguístico para seus cursos, a realidade nas salas de aula ainda está relacionada a um ensino de LE de forma reprodutiva e instrumental. Forma esta distante das necessidades dos/as alunos/as e longe das orientações relacionadas aos novos letramentos. A referida citação me fez refletir sobre os autores dos livros didáticos de LI que usávamos na escola. Todos são da região sul ou sudeste do país, deste modo, não há representantes da região norte ou nordeste em se falando do catálogo disponibilizado pelo PNLD. São muitos os exemplos e textos que não condizem com as realidades dos sujeitos locais, e que, mesmo assim continuamos a reproduzir tais modelos como se fossem únicos.

Foi pensando em como *transgredir* esse conteúdo programático e gramatical que se afasta da língua em seu uso real, que li o texto “A linguística Aplicada Transgressora”, de Alastair Pennycook. O autor discutia no referido texto a necessidade de romper com padrões pré-estabelecidos, essa visão transgressiva chama a atenção para os limites normativos do enquadramento disciplinar e epistemológico e para a importância de encontrar modos alternativos de construir realidades. Para o pesquisador,

A teoria transgressiva assinala a intenção de transgredir, política e teoricamente, os limites do pensamento e da ação tradicionais, não somente entrando em território proibido, mas tentando pensar o que não deveria ser

pensado, fazer o que não deveria ser feito. Almejar, atravessar fronteiras e quebrar as regras; tem como meta um posicionamento reflexivo sobre o que e por que atravessa; é entendida como um movimento em vez de considerar aquilo em relação ao que é “pós”; é pensada para a ação e a mudança. (PENNYCOOK, 2013, p. 82).

Comecei a pensar em uma forma de transgredir a gramática no livro didático e a ser mais reflexivo e crítico no que concerne aos tópicos gramaticais. Apresento a seguir outros exercícios gramaticais e minhas reflexões sobre os mesmos.

Apesar de a coleção iniciar o trabalho com gramática retirando exemplos do texto, a funcionalidade dos tópicos gramaticais em contexto reais de comunicação não é trabalhada. Assim, precisei adaptar e ir além dos exercícios propostos pelo livro para não deixar dúvidas dos itens gramaticais apresentados nos exercícios. Apresento abaixo o exercício em que se supõe que os alunos dominem o uso do modal *verb must* e também dos *adverbs*. Acrescento que se percebe que apesar do exercício não ter funcionado em sala de aula, sua metodologia segue os Parâmetros para o ensino de LI, uma vez que instiga o aluno a deduzir o uso do tópico gramatical.

8 Marque a alternativa verdadeira sobre o texto.

- a. () Em “... English must be a particularly easy language to learn.” (line 7), *must* denota ideia de obrigação.
- b. () Em “... even to levels that are comparable...” (line 4), *even* significa “nem mesmo”.
- c. () Em “... which they lack...” (line 7), *which* refere-se a “‘a gift’ for language learning...”.
- d. () O advérbio *undoubtedly* em “... undoubtedly very successful...” (line 3) indica que o sujeito da oração não foi muito bem-sucedido.

Figura 09: (Unidade 1, Atividade do livro - p. 13)¹⁹

¹⁹ A imagem da página completa encontra-se no Anexo A no final do trabalho – (p. 251)

Observemos a letra “a” da questão acima. É solicitado para que os alunos acertem a ideia que o modal verb “must” apresenta no contexto. Apesar de haver uma tentativa de contextualizar o exercício retirando partes do texto inicial, não é dada nenhuma explicação antecedente para que o aluno acerte a questão. Na letra “d”, outros tópicos como advérbio e sujeito são apresentados.

Então, parte-se de uma suposição de que os alunos já conhecem essas estruturas gramaticais, e que é capaz de respondê-las. No entanto, sempre preciso intervir e explicar tópicos gramaticais em um momento que seria de interpretação de texto. O texto inicial, que apresenta uma figura que abre margem para várias discussões, serviu apenas de material de estudo de palavras e frases, ou seja, o texto sendo usado como pretexto para o ensino de gramática normativa, como afirma Antunes (2014).

Este tipo de exercício com abordagem gramatical como estrutura continua no exercício abaixo, em que é solicitado para que os alunos selecionem o tempo verbal correto. Vê-se que não há um contexto que sirva de referência para os alunos marcarem a alternativa correta.

10 Seleccione a alternativa que completa cada frase.

a. My brother ____ Portuguese for foreigners. He has a lot of students.
() teaches () teach () taught () has taught

b. Listen! That woman ____ English. Let's talk to her.
() speaks () is speaking () spoke () has spoken

c. Their son ____ English for many years.
() learns () learned () is learning () has learned

d. Last year my students ____ hard and achieved excellent results in their linguistic proficiency.
() work () worked () were working () have worked

Figura 10: (Unidade 1, Atividade do Livro - p.14)

Foram essas atividades²⁰ de gramática, dentre outras ao longo do primeiro capítulo do LD, que me fizeram pensar em uma outra forma de ministrar aulas que abordassem gramática, desta vez buscando uma prática de inclusão, levando em consideração as palavras de Leffa (2009, p. 121) resumidamente, ao mencionar que:

O conteúdo a ser trabalhado com os alunos não precisa ficar preso às regras da gramática, a lista de palavras ou até mesmo a determinadas habilidades, como a ênfase na leitura, proposta pelos PCNs. Pode ir além de tudo isso. Pode ser mais panorâmico ou mais específico. Pode trabalhar com poesia ou prosa, com esporte ou música, clássica ou popular, *heavy metal* ou *hip-hop*.

Pensando nessas outras possibilidades de ministrar uma aula mais inclusiva em que o aluno pudesse sugerir tópicos que gostaria de estudar, busquei uma forma de transgredir, refletir, fazer o que ainda não foi feito, adentrar em território proibido (Pennycook 1998), que iniciei um trabalho de gramática por meio de uma linha comunicativa. Procurei partir de situações em contextos reais de uso da LI, buscando exemplos e exercícios que explicitassem uma visão de língua em uso, como pode ser visto na atividade proposta a seguir.

A seguinte atividade está em consonância com uma abordagem contextualizada de gramática, que se propõe a ser diferente dos métodos tradicionais de ensino de LI, normalmente muito pautados em aspectos apenas estruturais da língua. Seguindo as orientações dos PCNs e das OCEM, sobre o ensino de LI, devem ser privilegiados fatores que propiciem, por vias dedutivas de interpretação, a autonomia do aluno, como agente produtor de sentidos em relação ao mundo em que vive. Lembro

²⁰ A imagem da página completa encontra-se no Anexo A no final do trabalho – (p.251)

aqui que esta atividade trata-se de uma proposta para apresentar tópicos gramaticais de forma contextualizada. Demonstro aqui tal atividade como uma forma de ilustrar o meu percurso enquanto professor-pesquisador e minha mudança de comportamento diante da minha própria prática pedagógica. Exponho, por conseguinte, o plano de aula elaborado como pano de fundo para essa atividade – que em sua concepção deveria ser realizada por meio de material impresso.

4.1. Proposição de Aula Baseada numa Abordagem Contextualizada

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - PPGLL
SUBJECT: ENGLISH LANGUAGE
TEACHER: JOSENILDO FARIAS

LESSON PLAN
Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: Construções com substantivos contáveis e incontáveis: O uso de "How many [subst.]/ How much [subst.]" (Gramática Contextualizada)

Duração: 50 minutos

Descrição: Iniciarei a aula com um debate sobre o uso de estrangeirismos tomando como ponto de partida comidas e bebida de uma rede de fast food. Apresentar os pronomes interrogativos *How many* e *How much*, sob uma perspectiva que leve o aluno a deduzir seus usos por meio de um pedido em uma rede de lanchonete com exercícios contextualizados.

Objetivo Geral:

1. Proporcionar com que os alunos aprendam o uso dos pronomes descritos acima e percebam a diferença dos substantivos contáveis e incontáveis.

Objetivos Específicos:

1. Incentivar a conversação através de perguntas;
2. Desenvolver argumentação e ponto de vista no tocante ao uso de estrangeirismos;
3. Trabalhar a diferenciação entre substantivos contáveis e incontáveis, bem como o uso de *How many* e *How much* em frases interrogativas que acompanham esses substantivos.

Materiais: Quadro e atividade com material impresso

Procedimento: Darei início à aula perguntando aos alunos o que eles acham a respeito do uso de estrangeirismos no Brasil. Em seguida, pedirei para que observem as comidas e as bebidas no pedido, e que passem para a próxima atividade que leva à reflexão sobre o uso de *How many* e *How much*. A aula será finalizada com uma atividade em forma de "tirinhas" em que o uso dos pronomes estudados aparece em contexto real de uso.

Avaliação: Ao final da aula, mediante respostas dos exercícios, como forma avaliativa, poderei pedir para conferir as respostas pedindo para que leiam em grupo ou individualmente. Vale salientar que este proceder não tem fins quantitativos.

Referências: A atividade foi elaborada pelo próprio professor e as figuras usadas são de domínio público.

Figura 11: Plano de Aula (Apêndice - A, p.121)

4.1.1. Material de Aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - PPGLL
SUBJECT: ENGLISH LANGUAGE
TEACHER: JOSENILDO FARIAS

Exercício

1- Observe o pedido feito na lanchonete *Bob's* e discuta com seus colegas sobre o uso de estrangeirismos referentes a comidas e bebidas. Há uma palavra “equivalente” que os substituam em língua portuguesa? Eles são realmente necessários? Qual seu posicionamento em relação ao uso de estrangeirismos no Brasil?





AM LANCHONETES LTDA

11.440.164/0001-56

R RUA QUINZE DE NOVEMBRO, 233 - CENTRO - ARAPIRAC,
- AL - 57300-340 - FONE: 11111111

DOCUMENTO AUXILIAR DA NOTA FISCAL DE CONSUMIDOR ELETRÔNICA

#|COD|DESC|QTD|UN|VL UN|R\$|(VL TR|R\$)|VL ITEM|R\$

001	17400	Cheese Barbecue BF	1,00	UN	X	5,95(1,50)	5,95
002	8716	Batata Media BF	1,00	UN	X	3,00(0,76)	3,00
003	8664	COCA COLA 500ML BF	1,00	UN	X	5,00(3,09)	5,00
004	17401	Cheese Barbecue BF	1,00	UN	X	5,95(1,50)	5,95
005	8716	Batata Media BF	1,00	UN	X	3,00(0,76)	3,00
006	17822	Milk Nuts Maracuja 500ml BF	1,00	UN	X	6,50(1,98)	6,50

QTD. TOTAL DE ITENS 006

SUBTOTAL 29,40

ACRÉSCIMOS 4,00

VALOR TOTAL R\$ 33,40

FORMA DE PAGAMENTO Valor Pago
Dinheiro 33,40

Número 000003543 - Série 001

Emissão 01/10/2017 22:10:39 - Via Consumidor

Consulte pela Chave de Acesso em

<http://nfce.sefaz.al.gov.br/consultaNFCe.htm>

2717 1011 4401 6400 0166 6500 1000 0035 4312 8510 3823

Protocolo de Autorização: 327170052260794 01/10/2017 22:10:39

CONSUMIDOR CPF: 842.435.624-15

JOSENILDO FARIAS



PEDIDO: 26

Sistema Linx Degust

www.linx.com.br

MD5:4C3608A534825EBF6FF17B876BC11C9C

Trib aprox R\$: R\$ 0,00 Fed. R\$ 9,59 Est. R\$ 0,00 Mun.

2. Observe as perguntas abaixo em relação à quantidade dos itens que foram pedidos e responda com um número (algarismo):

a- How many sandwiches chesse Barbecue BF? _____

b- How many *portions* of Batata Media? _____

c- How many *cans* of Coca Cola? _____

d- How many *cups* of Milk Nuts Maracujá? _____



Refletindo...



Note a presença das palavras *sandwiches*, *portions*, *cans*, *cups* nas perguntas a, b, c e d. Você consegue entender o motivo de estarem no plural?



Podemos contar um sanduíche, uma porção, duas garrafas, dois copos, mas em relação ao conteúdo, o líquido e total das batatas, torna-se difícil contabilizá-los.

É possível contar em números o quanto de Coca Cola há no pedido? A que conclusão você chega com relação ao uso do pronome interrogativo “How many”?

Agora, observe a pergunta:

How much Coca Cola is there?

Observe que, pode-se responder com: muita, pouca, no entanto, quantificar esse líquido é inviável neste caso.

Refletindo...



Nota-se então que os pronomes interrogativos *How many* e *How much* são usados antes de substantivos com sentidos diferentes. Você consegue perceber a diferença entre eles?

3. Complete agora com os pronomes interrogativos que você acabou de aprender. Fique atento aos substantivos a que eles se referem, se é possível quantificá-los em números (algarismos) ou não.

- a. _____ **water** is there in the cup?
- b. _____ **rice** is there for lunch?
- c. _____ **students** are there in the classroom?
- d. _____ **salad** do you want?
- e. _____ **money** do you need?
- f. _____ **dollars** does she have?

4.2. Onde estão as transgressões?

Como citado anteriormente, na atividade acima, me propus a sugerir uma atividade que topicalizasse um estudo gramatical sob um viés contextualizado, que transgredisse os padrões de ensino estrutural de língua inglesa. Entretanto, no exercício três, demonstro que continuo com as práticas padronizadas de colocar respostas em espaços, compartimentadas - resultado este das metodologias a que fui submetido em minha vida como estudante no ensino básico, e também na graduação. Essas estruturas continuam presentes em meu inconsciente, e, recolocando-me neste trabalho enquanto professor-pesquisador consigo então ponderar sobre elas, e entender que não há erro em ensinar estrutura, e sim, na metodologia pela qual essa estrutura é ministrada. Entendo através dessa atividade que continuo sendo um professor que ministra aulas de gramática, e que, as transgressões são feitas no entendimento do que vem a ser gramática, antes vista como regras ditatórias, e agora como estando ligada às práticas de uso de uma língua em contexto real, com todas as variações que são típicas de uma língua a serviço de seus usuários, atentando para o fato de que variações e erros não são sinônimos.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A coleta de dados foi feita inicialmente com a aplicação de um questionário com uma pergunta inicial de pesquisa com intuito de entender a noção de gramática concebida pelos alunos. Em seguida elaborei 15 planos de aula, que serviram de material para produção de meus diários reflexivos, totalizando 15 diários nos quais retrato minhas reflexões sobre as aulas que ministrara. Os diários são materiais de análise e neles abordo questões de ensino/aprendizagem de LI, e principalmente minhas reflexões após cada aula.

Após obter a resposta dos alunos sobre a noção de gramática e a maneira de como a mesma era apresentada no livro, me propus a apresentar outra concepção de estudo desta, advindo de uma proposta que contextualize a gramática. Em seguida apliquei um questionário com o intuito de saber a opinião dos alunos sobre esta outra forma de estudar gramática através de exemplos reais em sala de aula, com ênfase em uma abordagem comunicativa. Apliquei também questionário com intuito de saber a opinião dos alunos sobre o livro didático de inglês, o uso da LI dentro e fora da escola, a maneira como a gramática é apresentada na escola e a utilidade do estudo dessa gramática.

Os dados coletados que discuto aqui estão organizados da seguinte forma: primeiro, analiso as respostas dadas à primeira atividade aplicada em sala, e apresento um gráfico contendo categorizações atribuídas às respostas. Em seguida, exponho três tabelas com exemplos escritos que levaram a essa categorização. Depois, passo para uma análise global do primeiro capítulo do livro, dialogando com excertos das respostas dos alunos. Posteriormente, demonstro um modelo do diário reflexivo do aluno, e finalizo com análise de excertos do meu diário reflexivo.

5.1 Análises da pergunta inicial de pesquisa: Estruturas presentes de forma inconsciente em minha própria prática pedagógica.

5.1.1 Pergunta inicial de pesquisa



 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL FACULDADE DE LETRAS - FALE		
ALUNO(A)	[Redacted]	
Professor pesquisador:	Josenildo Farias Neto	
PROJETO DE PESQUISA		
1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".		
A Gramática, estuda a escrita, as orações, os sujeitos e períodos. Aprofundando os conhecimentos da escrita escrita e impondo regras para nossa escrita.		

Figura 12: Pergunta Inicial de pesquisa (Apêndice C, p. 137)

Na primeira aula, com intuito de não interferir nem influenciar nas respostas dos alunos, elaborei a atividade apresentada, a fim de entender a compreensão que os alunos tinham ao ouvir a palavra “gramática”. Considerei esta atividade relevante porque como objetivava refletir sobre minha prática pedagógica principiando de estudos gramaticais, então seria útil ter a noção dos alunos sobre o tópico em questão.

Parti do pressuposto de que, tendo contato com estudos gramaticais em língua portuguesa e em LI, mais especificamente no Ensino Fundamental II, não seria difícil para os alunos expressarem seu entendimento sobre o que seria gramática.

A atividade foi aplicada sem que eu fizesse nenhum tipo de comentário ou explicação anterior.

Analisando a estrutura da atividade sob um prisma semiótico notam-se:

- a. aspectos estruturais formais;
- b. timbre da Universidade e da Faculdade de Letras;
- c. a notoriedade do título: PROJETO DE PESQUISA;
- d. o distanciamento do tratamento com o aluno(a) ao tratá-lo (a) de Prezado (a);
- e. a palavra “GRAMÁTICA” em caixa alta e entre aspas;
- f. o número de linhas para a resposta: 25 linhas.

Partindo para a análise da atividade proposta, percebe-se que, inconscientemente, a gramática ocupava lugar de destaque em minha prática enquanto pesquisador e professor. Isto porque sendo aluno de escola pública e minha formação de professor ter sido também nas instituições brasileiras, essas instituições, ao longo do tempo, têm feito “vistas grossas” para implicações do caráter social da língua. É o que defende Geraldi (1996, p. 59), para quem a escola “age como se a língua culta fosse estática, inabalavelmente infensa a seu uso nos processos interlocutivos”.

Corroborando com este pesquisador, o lugar normativo e estrutural continuava presente de maneira muito forte no tocante à gramática – vindo desta realidade, minha abordagem não podia ser diferente. A atividade se distanciou do ideal que seria aplicá-la em narrativas livres, permitindo que os alunos participassem sem a formalidade que pudesse influenciar nas respostas. As características da atividade revelam que enquanto pesquisador, eu gostaria que meus alunos também reconhecessem o lugar primordial da gramática no ensino de LI e devolvessem para mim aquilo que eu gostaria de receber: respostas que supervalorizassem o ensino de gramática como um língua pronta, acabada.

Analisando os aspectos positivos da atividade, considerando que ela permitiu que eu, enquanto pesquisador refletisse sobre minha identidade enquanto professor, partindo de uma visão sociocultural, entendendo que a mesma é negociada, construída, modelada e organizada por seres humanos em práticas sociais intermediadas pela linguagem (Moita Lopes 2003; Smolka 2004) a atividade aplicada abriu caminhos para que eu iniciasse uma reflexão sobre minha prática pedagógica e percebesse o lugar em destaque que essa gramática sempre ocupou em meu proceder enquanto professor. Esse refletir, por sua vez, permitiu que buscasse outros teóricos que viabilizassem discussões que permitissem transformações em minhas práticas de sala de aula, a saber, Liberali, Magalhães e Romero (2003) Stella e Cruz (2014), Pennycook (1998) dentre outros estudiosos que discutem a construção de professores em processo de reflexão sobre sua prática pedagógica.

5.1.2 Classificação das respostas à pergunta feita aos alunos

Apresento abaixo gráfico contendo as respostas da pergunta inicial. As respostas foram classificadas em três grupos como ilustrado abaixo:

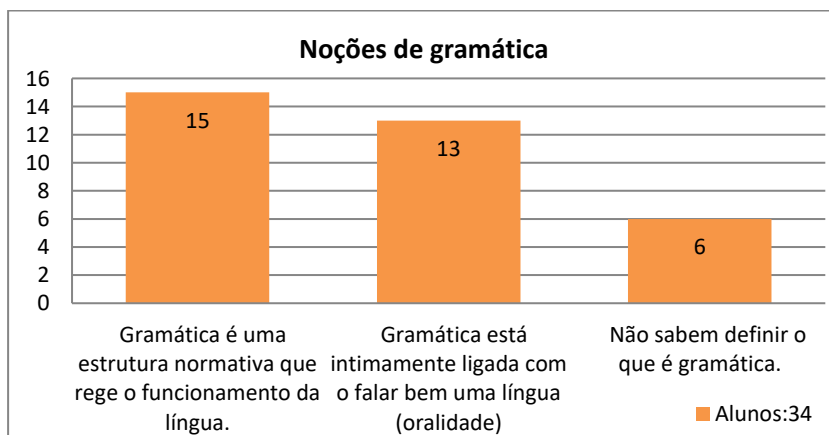


Figura 13: Gráfico: Respostas dos alunos

Ao recolher os questionários, cuidei de separá-los de acordo com a visão de gramática advindas dos alunos. De um total de 34 alunos, o resultado foi:

- 1- Gramática é uma estrutura normativa que rege o funcionamento da língua.
Total: 15 alunos
- 2- Gramática está intimamente ligada com o falar bem uma língua (oralidade)
Total: 13 alunos
- 3- Não sabem definir o que é gramática.
Total: 06 alunos

De acordo com as respostas dos alunos, repara-se que as opiniões não são homogêneas. Observei que os alunos que afirmaram desconhecer o que é gramática, não cometeram nenhum desvio gramatical ou de escolha de registro, no tocante à gramática normativa. Pude perceber também que há uma similaridade entre o grupo 1, que se referiu a gramática como sendo uma estrutura normativa e grupo 2, que entende a gramática como estando associada ao falar bem uma língua. Isto posto, poder-se-ia até uni-los em um só grupo (28 alunos), no entanto, o fato de terem citado a oralidade, me levou a catalogar como um grupo a mais.

5.1.3 Análise das respostas dos alunos (classificação)

TABELA 03: ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS

Primeiro grupo: (06 alunos) Relatou não saber o que seria gramática:	Análise
<p>- Não sei falar sobre o assunto...</p> <p>- Não estou lembrada...</p> <p>- Não sei muito bem o que é gramática...</p> <p>- Não me recordo o que é gramática...</p> <p>- Não me lembro o que é...</p> <p>- Não gosto quando o professor fala “Hoje vamos estudar gramática”... apesar de não gostar, tenho que estudar...</p>	<p>A palavra “não”, apareceu sete vezes nesse grupo de alunos. O uso deste advérbio de negação logo no início de algumas respostas possibilitou a compreensão de que o estudo de gramática não é algo bom, ou que não foi feito como deveria, fazendo assim com que os estudantes tivessem esse conceito negativo do estudo de gramática, não conseguindo ao menos descrever o que viria a ser gramática. Um aspecto interessante nessas respostas é o fato de que os alunos disseram não saber o que é gramática, no entanto, fazem muitíssimo bom uso dela (a gramática). Esse aspecto leva-nos a refletir sobre as práticas seculares de exigir que nosso alunado “decore” regras, nomenclaturas, exceções e diversos outros tópicos gramaticais.</p>
<p>Segundo grupo: (15 alunos) Descreveu gramática como estando associada a uma estrutura normativa que rege o funcionamento da língua.</p>	Análise
	<p>As respostas dos alunos desse grupo, que foi a maioria,</p>

- Gramática estuda palavras, pronúncias, análises sintáticas, separações silábicas...

- Gramática estuda a escrita, as orações, os sujeitos e períodos aprofundando os conhecimentos da escrita correta e “impondo” (grifo nosso) as regras para nossa escrita.

- Gramática é uma forma de escrever certo.

- Gramática é uma palavra muito clara que quando ouvimos nos dá uma ligação direta ao português, e principalmente a forma que falamos e escrevemos.

- Gramática é o estudo contextualizado das regras do português que obrigatoriamente devemos saber.

- Gramática é uma forma de se ligar ao português...

-A gramática serve para nos ensinar como as palavras são escritas, como as frases são formadas, como construir um texto, também ajuda a entendermos melhor nossa língua

-Quando eu escuto a palavra gramática eu penso na escrita da palavra e também na ortografia.

-A gramática faz parte do nosso cotidiano, como devemos usar a nossa escrita e o modo que devemos usar, como devemos criar as frases certas, entre outros motivos.

- Para mim, a gramática serve para nos ajudar a elaborar um texto corretamente, sem erros ortográficos.

-Gramática é uma forma de aprender como escrever bem, como regras e etc.

- Gramática seria as palavras, as regras de um determinado idioma.

- Gramática estudo da língua que tem por objetivo auxiliar a escrita mostrando as regras e formas adequadas de escrever palavras.

associam a gramática como sendo um compêndio de regras e exercícios concentrados na área da morfossintaxe. Ou seja, o estudo das formas morfológicas (substantivo, adjetivo, preposição...) e sintáticas (sujeito, objeto direto, predicado...) realizados simultaneamente. Estaria assim a gramática relacionada diretamente ao estudo das regras normativas e estruturais da língua.

No entanto, percebe-se que o estudo das “regras de uso real da língua” não foi citado pelos alunos. Os estudantes continuam submetidos ao estudo de uma gramática que privilegia as diferentes categorias das palavras, bem como o estudo prescrito pelas regras da norma padrão.

Para Marcuschi (2003, p. 60) o estudo de gramática deveria ser feito levando-se em conta situações reais de interação, pois, segundo ele, “São os usos que fundam a língua e não o contrário”.

<p>Terceiro grupo: (13 alunos) Conferiram à gramática o referencial de falar e se expressar coerentemente o qual todos devem seguir.</p>	<p>Análise</p>
<p><i>-...a fala é um modo em que nós podemos se expressa então também faz parte da gramática.</i></p> <p><i>-...gramática fala sobre a fala e interpretação de textos...</i></p> <p><i>-Acho que a gramática nos ajuda na forma de falar e de escrever.</i></p> <p><i>-É uma linha de regras que são impostas pela língua portuguesa. Como por exemplo: como devemos falar de maneira correta, escrever certo e entre outras...</i></p> <p><i>- Creio que se a gramática não fosse existente nós não falaríamos as palavras do modo correto.</i></p> <p><i>- Em poucas palavras, gramática é o estudo da fala.</i></p> <p><i>- É saber pronunciar ou escrever palavras de qualquer língua</i></p> <p><i>- Acho que a gramática nos ajuda na escrita e na fala que usamos no dia a dia.</i></p> <p><i>-Gramática para mim é a organização das falas que eu faço no meu dia a dia.</i></p> <p><i>-Gramática ajuda no melhoramento do uso da língua na hora de falar.</i></p> <p><i>- ...as normas escritas e faladas são chamadas de gramática</i></p>	<p>Neste caso, estaria a gramática intrinsecamente relacionada ao falar bem. Esse falar “bem” faz menção ao já citado estudo da norma padrão. Observa-se que a norma vale para oralidade e para a escrita. No entanto, nota-se uma ingênua compreensão do uso real da língua, uma vez que, segundo Neves (2003, p.20) “padrão linguístico que se proponha fora da observação dos usos não constitui um padrão real”, uma vez que as normas são decorrências naturais dos usos, não são definidas fora das atividades de interação.</p>

5.1.4. Análise global a partir do capítulo I do livro didático

A aula teve início a partir de um texto com tema “*Foreign Language Learning and teaching*” (Ensino e aprendizagem de LE), pág. 58. O texto aborda a temática de que alguns alunos nascem com um dom para aprender línguas estrangeiras, enquanto para outros alcançarem esse objetivo, é necessário muito esforço, bem como considerável tempo deve ser despendido para tal. Pedi para que os alunos lessem o texto e fizessem inferências a ele, buscassem as palavras cognatas bem como as que eles conhecem com a finalidade de melhor compreender o texto. Expliquei que não é necessário conhecer todo o vocabulário do texto, tampouco traduzi-lo por inteiro para entender a ideia geral do mesmo.

Iniciou-se uma discussão sobre um possível dom aprender línguas, bem como para o estudo de gramática. Os alunos questionam se: será que o dom para aprender gramática nasce comigo ou eu o adquiero com o tempo? Como já esperado por mim, a palavra gramática foi recorrente nesta discussão. Naquele momento, portanto, fiz uma pergunta aos alunos (Cf. Instrumento: Questionário de pergunta única) para saber a noção de gramática concebida pelos alunos.

As respostas para esta pergunta, como apresentada anteriormente em gráfico, foram organizadas em três categorias, a saber: gramática como estrutura, gramática como estando associada ao bem falar e escrever, e o grupo que mencionou não saber o que é gramática. Apresento excertos dos alunos com intuito de demonstrar padrões de respostas.

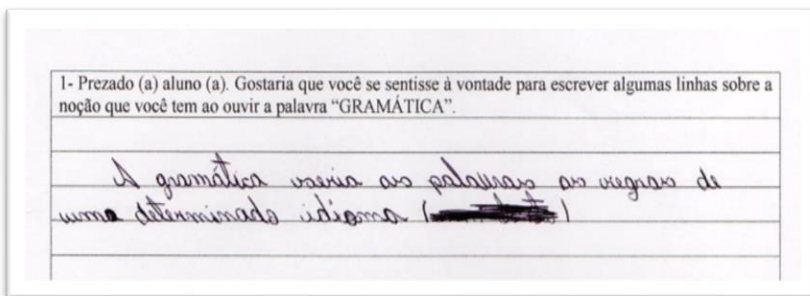


Figura 14: Recorte da atividade do aluno: Gramática como estrutura.

Um total de 15 alunos em um grupo de 34 atribuiu à gramática como sendo um conjunto de regras que precisam ser “decoradas”. Saliento que este total foi o mais expressivo, comprovando que a visão de saber gramática continua estando relacionada a um grupo de normas que estabelecem um padrão que precisa ser seguido.

Segundo grupo: Gramática: ler e falar bem

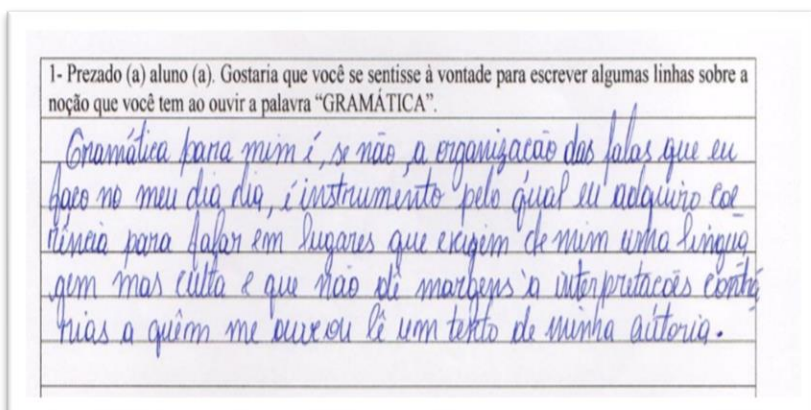


Figura 15: Recorte da atividade do aluno: Gramática: ler e falar bem

Este grupo foi composto por 13 alunos que entenderam a gramática como estando associado ao “dominar” habilidades linguísticas relativas ao falar bem e também ao domínio de regras ao escrever. O diferencial deste grupo para o primeiro foi que a

fala ou a escrita foram citadas em todas as respostas, enquanto que o primeiro grupo estabelece padrões de regras que devem ser dominadas, não relacionando-as necessariamente ao uso da língua em situações de interação.

Terceiro grupo: Afirmaram não saber o que é gramática

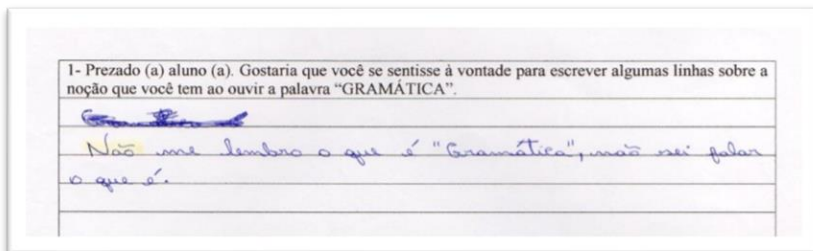


Figura 16: Recorte da atividade do aluno: Afirmam não saber o que é gramática.

Totalizando um grupo de 06, as respostas atribuídas neste grupo foram de que não sabiam o que era gramática. Apesar de não terem cometido nenhum desvio gramatical ou de escolha de registro, os alunos alegaram não saber conceituar nem entender o que é gramática.

Com intuito de saber a opinião sobre o livro didático de LI, uma vez que minhas reflexões partem do livro didático, mais especificamente no primeiro capítulo, apliquei atividade objetivando conhecer a visão que os alunos tinham sobre o livro. (Cf. Instrumento: Questionário Planejado). Elenco a seguir, duas opiniões divergentes sobre o mesmo.

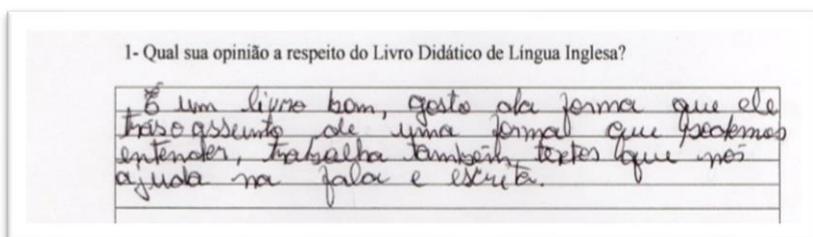


Figura 17: Recorte da atividade do aluno: aspecto positivo

Como percebido, o aluno refere-se ao livro como sendo positivo, de fácil compreensão e relacionando-o como um referencial de ajuda no falar inglês e também na habilidade da escrita.

Houve relatos de que o livro deixa a desejar em alguns aspectos como: atualidade e complexidade textual em se falando de vocabulário. No relato abaixo, o aluno reconhece a importância do livro, mas critica o atraso na distribuição do mesmo, aborda a complexidade das atividades e reconhece certa lacuna com relação à possíveis explicações didáticas.

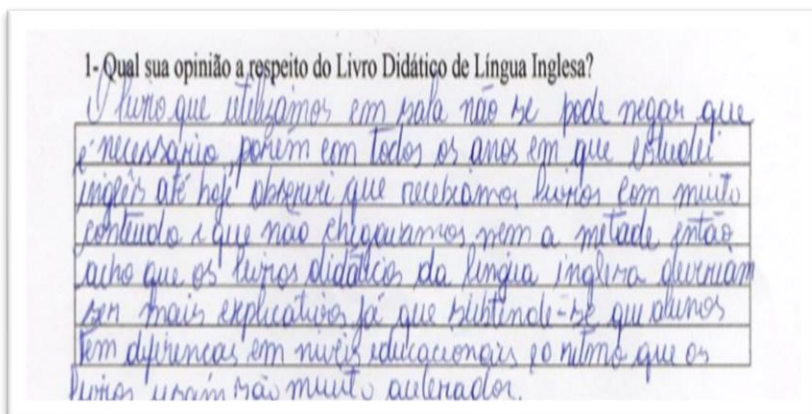


Figura 18: Relato da atividade do aluno: aspecto negativo

À medida que trabalhávamos com o livro, mais especificamente nas questões que abordavam estudo de gramática, pedi que produzissem um diário em forma de narrativa sobre tópicos que íamos discutindo ao longo das aulas. Desta feita, sugeri que escrevessem narrativas livres sobre temas como: livro didático, o ensino de LI na escola e sua utilidade fora dela, a apresentação da gramática na escola e se este estudo gramatical tem utilidade para o aluno. As referidas discussões, o conteúdo do livro e minha prática pedagógica serviram de base para a produção de meu diário reflexivo que era feito sempre ao término das aulas. (Cf. Instrumento: Diário Reflexivo do pesquisador, Apêndice F, p. 215)

Apresento um dos diários produzidos e análise sobre o mesmo:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno (3)

<p>O livro de inglês é interessante porque em algumas partes fala sobre coisas do cotidiano.</p> <p>O conteúdo em inglês que vejo na escola em alguns lugares também fora da escola eu encontro nas redes sociais em músicas em inglês, filmes, séries etc. Quando eu fa sei aquele assunto eu fico feliz pois dessa forma vejo que aprendi bastante.</p> <p>O inglês da escola é pobre, pois tem muitos recursos que podem ser utilizados, mas por falta de recursos o único instrumento utilizado é o livro didático ou em músicas.</p> <p>Foi uma gramática pobre pois não foi representada da forma que poderia ter sido, eu poderia ter aprendido mas não quis disso eu adicionei só pra hora da prova e depois esqueci foi como se não tivesse aprendido nada.</p> <p>Não, eu só estudei porque é o assunto passado na escola se eu não aprender não passo de ano.</p>

Figura 19: Narrativa de um aluno

Nesta narrativa, o aluno atribui adjetivo “interessante” ao LD. É justificável esse atributo por nele (no livro), segundo o aluno, conter “algumas” atividades encontradas no cotidiano. Constata-se que quando o livro apresenta atividades, textos,

projetos e exercícios que se interligam com o mundo real, consequentemente torna-se mais prazeroso estudá-lo.

A narrativa prossegue mencionando a importância dos temas encontrados nas redes sociais. *“O conteúdo que vejo na escola em alguns lugares também fora da escola eu encontro nas redes sociais em músicas em inglês, filmes, séries, etc. Quando eu já sei aquele assunto eu fico feliz pois dessa forma vejo que aprendi bastante”*. [sic]. É feita neste excerto uma ponte entre tópicos estudados na escola e vistos no âmbito virtual. A esta ligação é associada a palavra felicidade, quando o aluno afirma que o conteúdo da sala de aula facilitou a compreensão de tópicos que ele viu no âmbito virtual.

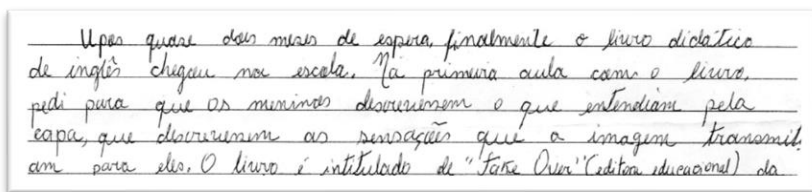
O texto continua discorrendo sobre o livro e o ensino de inglês na escola: *“O inglês da escola é pobre, pois tem muitos recursos que podem ser utilizados, mas por falta de recursos o único instrumento utilizado e o livro didático ou em músicas”*. [sic] Infere-se aqui que o livro o ensino de LI não têm alcançado os objetivos almejados. Dentre os diversos materiais que podem ser utilizados em sala de aula, o livro continua sendo o principal. Apesar de não citar os numerosos recursos que poderiam ser utilizados, percebe-se que ao mencionar a palavra “música”, o aluno reconhece outros instrumentos pelos quais também poderia aprender inglês, e sugere que a hegemonia do LD seja superada, ou ao menos diminuída. Ao discorrer sobre gramática, o aluno prossegue: *“Foi uma gramática pobre pois não foi apresentada da forma que deveria ter sido, eu poderia ter apredido mas ao ives disso eu decorei so pra hora da prova e depois esqueci foi como se não tivesse apredido nada.”* [sic] Aqui, o aluno se refere ao ensino de gramática como normas. Normalmente este tipo de ensino é pautado por exercícios de preencher as lacunas, marcar a alternativa correta descontextualizada, e por práticas de memorização. Como mencionado no excerto, essa regras são decoradas para uma possível prova escrita, e depois são esquecidas.

Questionado se o ensino de inglês na escola tem utilidade para o aluno, ele responde: *“Não, eu so estudo porque e*

o assunto passado na escola se eu não aprender não passo de ano". [sic] Neste ponto, é mais uma vez reforçada a ideia de que o binômio: “decorar para passar”, ainda continua sendo praticado pelos alunos.

5.2 Análises dos Diários Reflexivos do Pesquisador

Nesta etapa, apresento análise de partes dos diários reflexivos produzidos por mim ao término das aulas ministradas. Saliento que foram retirados trechos considerando sua importância para pesquisa em sintonia com o objetivo geral deste trabalho. Aqui busquei ser mais minucioso nas análises uma vez que meus diários relatam um novo olhar epistemológico de minha noção e prática sobre ensino de gramática. Os recortes seguem a ordem cronológica das aulas ministradas.



Uma quase dois meses de espera, finalmente o livro didático de inglês chegou na escola. Na primeira aula com o livro, pedi para que os meninos discutassem e que entendiam pela capa, que discutassem as sensações que a imagem transmitia para eles. O livro é intitulado de "Face Open" (editora educacional) da

Figura 20: Recorte do Diário 1 do professor

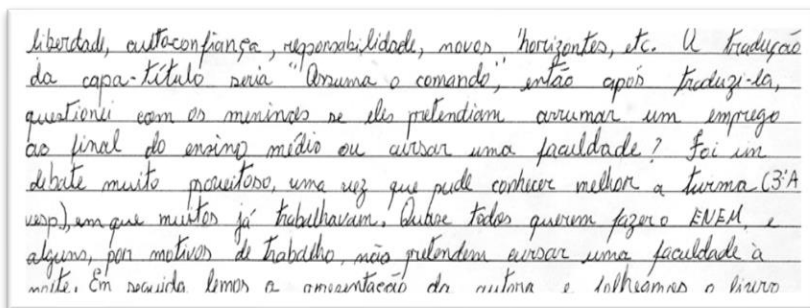
Início o diário reflexivo questionando a demora em ter em mãos o livro didático escolhido por nós professores sempre com antecedência. Essa demora, de certa forma, proporcionou ao longo desses anos que buscasse alternativas para ministrar aulas enquanto o livro não chegava. Observando esse atraso por um prisma positivo, pode-se ter mais liberdade uma vez que é necessário buscar outros recursos como: textos na internet e em livros, revistas e jornais, músicas, games, trava-línguas em inglês, caça-palavras, dentre outros.

Segundo relato dos próprios alunos, com a chegada do livro, as aulas ficam mais metódicas e monótonas, os mesmos

reconhecem não gostar do método tradicional de ensino e o alcunham como cansativo e desestimulante.

Partindo para uma autoavaliação de meu proceder, nas primeiras linhas do diário mencionado, hoje percebo o lugar de privilégio que o livro tinha em minha prática pedagógica. Ao usar o termo “finalmente o livro chegou”, inconscientemente assumo uma postura de supremacia do livro didático, poder-se-ia admitir que implicitamente o uso de “finalmente” significa que a partir de agora o ensino e aprendizagem de LI vai fluir melhor, uma vez que temos o livro para nos guiar.

Caso tivesse continuado a usar o livro como apenas mais um instrumento à disposição para enriquecer as aulas, sempre buscando outras fontes pelas quais pudesse ministrar as aulas, essas, por sua vez teriam sido menos “gramatigueiras”, mais contextualizadas às realidades do público a que me dirigia.



liberdade, autoconfiança, responsabilidades, novos horizontes, etc. A tradução da capa-título para "Obrama o comando", então após traduzi-la, questionei com os meninos se eles pretendiam arrumar um emprego ao final do ensino médio ou cursar uma faculdade? Foi um debate muito proveitoso, uma vez que pude conhecer melhor a turma (3ª A esp), em que muitos já trabalhavam. Outros todos querem fazer o ENEM, e alguns, por motivos de trabalho, não pretendem cursar uma faculdade à noite. Em seguida lemos a apresentação da autora e trabalhamos o livro

Figura 21: Recorte do Diário 1 do professor

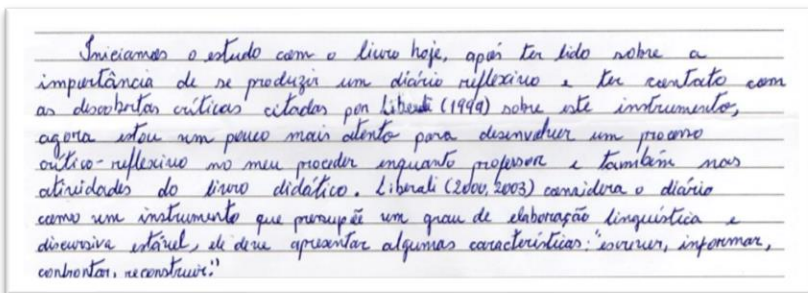
Neste próximo recorte, chamo a atenção para o binômio de minha pergunta: “questionei com os meninos se eles pretendiam arrumar um emprego ao final do ensino médio ou cursar faculdade?”

Como estava em uma turma de terceiro ano de ensino médico, desconsidere o fato de muitos alunos já trabalharem, já serem casados, terem seu próprio negócio, ou simplesmente não desejarem cursar uma faculdade no momento. Minha pergunta contribui para um apagamento das múltiplas identidades com

quem convivia. Há na pergunta um direcionamento para o conceito de que para se alcançar sucesso na vida, ou trabalha-se ou se cursa uma faculdade. Inconscientemente eu me aliava a uma posição positivista no que concerne à realização pessoal, uma vez que esta corrente filosófica que surgiu no século XIX, e tem como seu maior representante o francês Auguste Comte, defende a premissa de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. Para os positivistas, o progresso da humanidade depende exclusivamente dos avanços científicos. Naquele momento, eu era um professor positivista que lançara apenas dois caminhos para o sucesso “comprovados” cientificamente para o sucesso: estudo ou trabalho.

Ainda no mesmo recorte, escrevo sobre a tradução do título. No excerto, traduzida como “Assuma o comando”. Em se referindo do livro didático, hoje, tendo passado por esse processo de pesquisa, observo que a metodologia dos enunciados dos exercícios das questões de vários livros limita a autoridade do professor, uma vez que são em sua maioria frases imperativas que direcionam o docente a ficar limitado aquilo que se pede na unidade estudada. Como exemplos desses tópicos, pode-se citar: Comente com os alunos, sublinhe, pergunte..., passe para a próxima página, diga que..., etc.

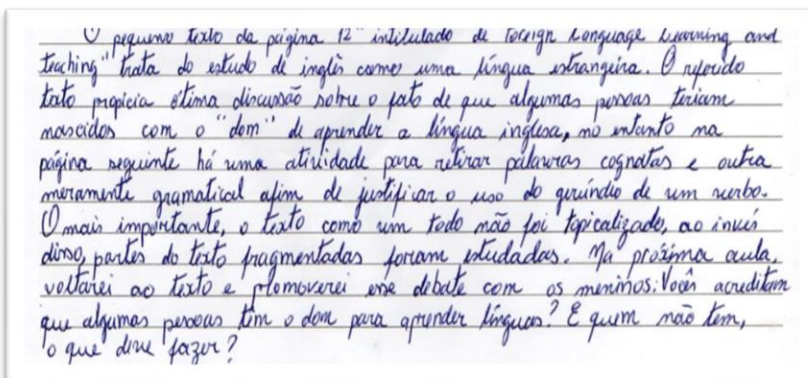
Ainda voltando ao título “Assuma o comando” e minha pergunta com relação ao que os alunos iriam fazer ao final do ensino médio, percebo que também pudei qualquer possibilidade de que os alunos fossem responsáveis por suas escolhas ao longo de suas vidas, uma vez que limitei as possibilidades a eles oferecidas.



Iniciamos o estudo com o livro hoje, após ter lido sobre a importância de se produzir um diário reflexivo e ter contato com as descobertas críticas citadas por Libardi (1999) sobre este instrumento, agora estou um pouco mais atento para desenvolver um processo crítico-reflexivo no meu proceder enquanto professor e também nas atividades do livro didático. Libardi (2000, 2003) considera o diário como um instrumento que pressupõe um grau de elaboração linguística e discursiva estável, de deve apresentar algumas características: "enunciar, informar, confrontar, reconstruir."

Figura 22: Recorte do Diário 2 do professor

Após leituras indicadas pelos professores do PPGLL/UFAL, a respeito da importância de escrever diários nos quais possamos informar, confrontar e reconstruir, passei a ficar mais atento com relação à minha prática em sala de aula, buscando assumir uma postura crítico-reflexiva sobre o lugar que eu mesmo estabelecera da gramática em minha vida, bem como a supremacia do LD com relação a outros recursos que fossem além do mesmo.

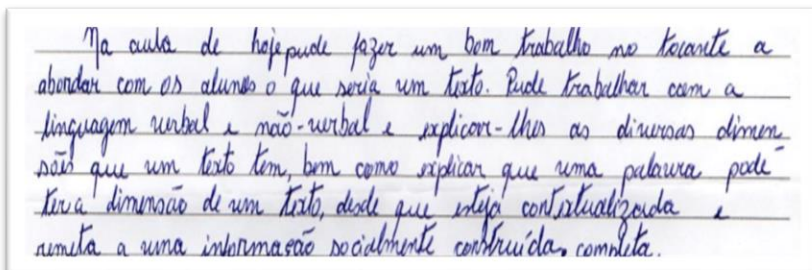


O primeiro texto da página 12 intitulado de "foreign language learning and teaching" trata do estudo de inglês como uma língua estrangeira. O referido texto propicia ótima discussão sobre o fato de que algumas pessoas tenham nascidas com o "dom" de aprender a língua inglesa, no entanto na página seguinte há uma atividade para retirar palavras cognatas e outra meramente gramatical a fim de justificar o uso do quindio de um verbo. O mais importante, o texto como um todo não foi tipografado, ao invés disso, partes do texto fragmentadas foram estudadas. Na próxima aula, voltarei ao texto e promoverei um debate com os mesmos. Você acredita que algumas pessoas tem o dom para aprender línguas? E quem não tem, o que deve fazer?

Figura 23: Recorte do Diário 2 do professor

No trecho acima, retifico no diário que foi escrito após a aula, a lacuna que poderia ter sido preenchida caso o texto tivesse sido de fato explorado tendo em vista sua temática. A atividade

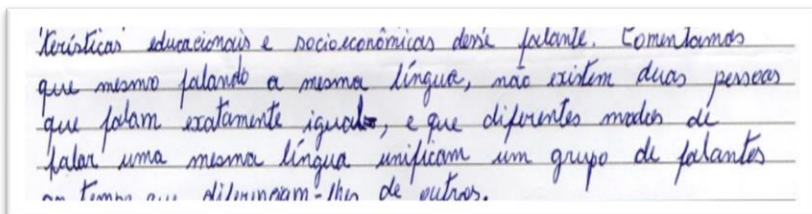
que segue após o texto trata de aspectos de vocabulário e gramática, no entanto, a temática principal que seria a discussão sobre ter o dom para aprender línguas ou não, de fato não foi abordada. Finalizo este diário afirmando a necessidade de voltar ao texto e promover as discussões que ele sugere.



Ma aula de hoje pode fazer um bom trabalho no tocante a abordar com os alunos o que seria um texto. Pode trabalhar com a linguagem verbal e não-verbal e explicar-lhes as diversas dimensões que um texto tem, bem como explicar que uma palavra pode ter a dimensão de um texto, desde que esteja contextualizada e remetida a uma informação socialmente construída completa.

Figura 24: Recorte do Diário 3 do professor

Neste excerto, ao escrever o diário penso que demonstro certo amadurecimento no tocante à minha visão do que seria um texto. Tendo sido exposto a um ensino tradicional, continuava achando que um texto só poderia ser de gênero escrito. Agora, trago esta reflexão para os alunos sobre as variadas dimensões que um texto pode assumir, bem como os infinitos gêneros textuais, tendo em vista que estão sempre em processo de fusão.



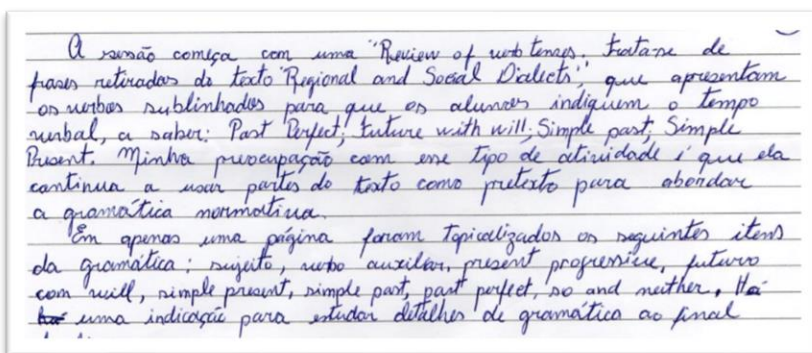
Características educacionais e socioeconômicas do(a) falante. Como falamos que mesmo falando a mesma língua, não existem duas pessoas que falam exatamente iguais, e que diferentes modos de falar uma mesma língua unificam um grupo de falantes no tempo e os distinguem de outros.

Figura 25: Recorte do Diário 4 do professor

Aqui, questiono minha prática de supervalorizar a pronúncia do inglês britânico em detrimento dos demais. Tratava-se de uma prática hegemônica de pronúncia que por sua vez,

apagava as identidades dos aprendizes de inglês. Eu buscava o ideal de uma língua pura, de um inglês “perfeito”, sem sotaques da língua materna, e que atendessem as demandas do mercado em se falar inglês com sotaque britânico ou americano, em um processo de sempre imitar o outro. Com relação a este aspecto, no diário, demonstro minha mudança de postura em referência ao ideal de língua única como modelo a ser seguido. Agora, levo os alunos a pensarem e opinarem sobre isto. Se em língua materna não há duas pessoas que falem exatamente iguais, como isso seria possível em se falando de LE?

Neste tópico, faço uma observação a respeito de uma revisão sobre tempos verbais, que tem como pano de fundo um texto intitulado “*Regional and Social Dialects*”(p.16). Minha preocupação com a atividade é que ela usa o texto como pretexto para abordar tópicos de gramática.



A semana começa com uma "Review of verb tenses. Extracte de frases retiradas de texto "Regional and Social Dialects", que apresentam os verbos sublinhados para que os alunos indiquem o tempo verbal, a saber: Past Perfect, future with will, Simple past, Simple Present. Minha preocupação com esse tipo de atividade é que ela continua a usar partes de texto como pretexto para abordar a gramática normativa.

Em apenas uma página foram topicalizados os seguintes itens da gramática: sujeito, verbo auxiliar, present progressive, futuro com will, simple present, simple past, past perfect, so and neither, the ~~to~~ uma indicação para estudar detalhes de gramática ao final

Figura 26: Recorte do Diário 6 do professor

No excerto a seguir, passo a demonstrar minha preocupação com exercícios de preencher lacunas, marcar x, e outros descontextualizados que não têm surtido bons resultados. Comento a necessidade de contextualizar esses tópicos gramaticais para que haja sentido no estudo dos mesmos.

(Grammar practice p.21) (3)

Terho ficado um pouco reticente com relação a atividades que pedem para que os alunos apenas completem as lacunas com o past tense dos verbos irregulares (e outros tópicos). Percebo que há um reticência na turma quando pergunto as respostas. Sempre há um ou dois alunos que acertam, mas a maioria não consegue. Puro que explicar a irregularidade de um verbo em contexto "vivo" seria mais natural. Essa sensação: "Grammar Practice" é sempre desorganizada, pois surgem muitas dúvidas com relação à gramática. Para um melhor aproveitamento, tentei transcrever o livro dando exemplos reais do dia a dia.

Figura 27: Recorte do Diário 7 do professor

Outra reflexão advinda com a escrita dos diários reflexivos foi a de questionar os imperativos nos LD. No livro em estudo, as atividades são seguidas com instruções para serem seguidas pelo professor. Nesse estágio da pesquisa, passo a questionar esses imperativos e transgredi-los, não mais os seguindo como fazia ao longo desses anos enquanto professor de LI. Abaixo, apresento recorte onde reflito sobre esta prática.

muita coisa pode ser trabalhada nessa sessão, NO ENTANTO, bem acima da página, com letras minúsculas (ruimelhas), encontram-se alguns direcionamentos para que eu siga à risca. Todas as instruções estão no IMPERATIVO, literalmente ditando o que devo fazer. Terho ficado muito reticente com relação a essas instruções. Será que elas ajudam ou podem, reduzem, diminuem a capacidade e criatividade do professor? Ao instruir: professor, faça isso; diga isso; comente aquilo; explore isso; comente aquilo com relação a isso... então sempre tenho a ideia de forma indisciplinar no tocante a esse tipo de abordagem. Obviamente sigo várias instruções que considero relevantes, mas não todas. Terho visto o livro como uma bússola que pode apontar a direção, mas o caminho sou eu e os alunos que vamos trabalhando ao longo das aulas. Vale a pena citar que tendo 10 aulas com a mesma temática ao dia, elas nunca são iguais. Finalizei a aula pedindo para que em duplas os alunos criassem uma conversa virtual no caderno sobre um tema que os atrai. Pedi para que alguns lêssem depois.

Figura 28: Recorte do Diário 8 do professor

A escrita dos diários reflexivos proporcionou-me uma visão de fora sobre minha prática. Trata-se de proceder de observar a si mesmo, e, de forma crítica pensar sobre minha própria prática e tentar aperfeiçoá-la. Não só no tocante aos estudos gramaticais, mas também no trabalhar com livro e outros instrumentos, sinto mais autonomia após ter passado por esse processo de pesquisa. Os diários proporcionaram uma olhar para fora de mim mesmo. Pude através deles entender as várias vezes que sucumbi a um processo de “apagamento” de minhas atitudes e pensar crítico, seguindo a moldes que me eram apresentados sem questionar a necessidade ou importância deles.

Relendo os diários, tornei-me mais reflexivo, crítico, e incentivo os colegas a reconhecerem a importância do estudo e da pesquisa em nossa área de atuação. Busco meios para promover o diálogo entre os professores de inglês, e a troca de ideias e experiências com intuito de enriquecer nossa prática, baseada também na no olhar e nos relatos do outro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, sintetizo aspectos da pesquisa realizada e aponto algumas contribuições deste estudo para o cenário da pesquisa em linguística aplicada, com ênfase em reflexões sobre minha prática pedagógica. Discorro sobre mudanças ocorridas ao longo deste processo de pesquisa e considero também as limitações como: conciliar trabalho e tempo para a pesquisa, sem que tivesse redução de carga horária, ausência de bolsa de estudo, períodos de greve na escola em que a pesquisa foi desenvolvida e também na Universidade - que de certa forma influenciaram no tempo de conclusão da dissertação, deslocamento, dentre outros. Mesmo com tantas intempéries, almejo ter contribuído para que outros estudos surjam envolvendo o livro didático de LI e a postura do professor mediante estudos de análise linguística (gramática).

Como reportado ao longo deste trabalho, os índices de aprendizagem em Alagoas não demonstraram grandes avanços no

ensino de LI. Em pesquisa feita por Stella e Cruz (2014), a contratação de profissionais para ministrarem aulas na rede estadual fez surgir a expectativa de que esses professores abordassem novas metodologias no ensino de LI, no entanto, o ensino de inglês parece continuar limitado ao estudo de análise linguística e tradução de texto. Muitos desses profissionais contratados não possuem formação na área e desconhecem as legislações sobre ensino de LI, que pregam que a gramática seja apresentada pelo método dedutivo e não normativo-estrutural. Ainda segundo essa legislação, comunicação oral e escrita estão no mesmo patamar de importância, em nenhum momento pode haver a supremacia de uma sobre a outra. Talvez por desconhecimento desse documento, a reprodução de práticas pedagógicas e metodológicas baseadas apenas em tradução e ensino de análise linguística ainda ocupa lugar de destaque na escola. Essa prática vem fortalecendo a hegemonia e as barreiras entre língua e cultura na sociedade, contrariando o fato de que ambas não podem ser separadas.

Esta pesquisa foi empreendida em uma turma de 3º ano do Ensino Médio em uma escola pública no município de Arapiraca/AL. Foi um total de 15 aulas ministradas em que os alunos responderam a questionários, escreveram diários em formas de narrativas e eu, enquanto pesquisador produzia meu diário reflexivo com base nas aulas ministradas e, principalmente, no que tange aos tópicos gramaticais. A coleta de dados teve início com uma pergunta de pesquisa sobre a opinião dos alunos no que tange ao que entendiam por de gramática e continuou à medida que eu escrevia meus diários após cada aula.

Concebendo a língua como estando ligada a processos de interação, o capítulo teórico apresenta discussões de Bakhtin/Volochínov ({ 1929 }) que discorrem sobre a língua e seu processo evolutivo e ininterrupto. Busquei os documentos oficiais que guiam o ensino de LE no país PCN-LE (2006) e as OCEM-LE (2006).

No tocante às aulas, comecei observando a capa do livro didático, folheando o livro por inteiro com os alunos, tecendo

comentários sobre aspectos estruturais e semióticos da obra. E, mais especificamente, o primeiro exercício de análise linguística serviu de base para que avançasse neste trabalho, uma vez que o mesmo me permitiu fazer releituras sobre o que entendia por gramática e assim poder avançar no estudo de minhas reflexões sobre minha prática docente no ensino de inglês.

No capítulo de análise, discorri brevemente sobre alguns instrumentos de pesquisa, no entanto, me ative às respostas dos alunos sobre o que entendiam ao ouvir a palavra gramática e aos meus diários reflexivos ao final de quinze aulas ministradas onde escrevia sobre os procedimentos da aula e minha prática pedagógica.

Conforme mencionado nesse trabalho, apresentei as seguintes perguntas de pesquisa:

- Qual meu posicionamento ao ministrar aulas de gramática de língua inglesa?
- Quais as concepções de gramática internalizadas pelos alunos, no decorrer de sua formação?
- Houve mudanças durante ou após esse processo de pesquisa?

A primeira pergunta faz menção ao meu posicionamento com relação ao ensino de gramática de LI. Para responder a essa pergunta, recorro às estruturas extremamente formais que utilizei ao produzir os instrumentos de pesquisa. Esses registros formais excessivos me direcionavam para uma prática e visão também extremas, hegemônicas, centralizadoras e conservadoras em referência ao estudo de gramática. Eu continuava com as práticas seculares, muitas vezes sem que percebesse isto, melhor dizendo, que “ensinava” estruturas que descreviam uma língua imóvel, fria e sem vida – que sucumbia em exercícios do tipo: “Passem para negativa e interrogativa”. Para mim, estudar para a prova bimestral se restringia a decorar regras e exceções para os alunos se saírem “bem” na prova escrita, conforme eles mesmos descreveram nos relatos dos diários. Os alunos esqueciam o que haviam decorado, mas eu me dava por satisfeito com o preenchimento das lacunas da maneira que a gramática normativa

os impunha. Eu ignorava, por exemplo, que o estudo de gramática por si só “nada mais é que um método escolar de exercícios gramaticais, pedagogicamente mal elaborado e inadmissível”, que não possui nada em comum com “a vida dos lugares comuns na língua” (BAKHTIN, 1981, p. 158).

Na segunda pergunta, há o intento em saber as concepções de gramática apresentadas pelos alunos. Mediante as respostas, foi percebido que, apesar de alguns avanços, a gramática ainda continua sendo ministrada sob os moldes estruturantes. Um grupo maior de alunos classifica gramática como estando ligada ao ato de decorar regras. Este resultado corrobora com as pesquisas de Stella e Cruz, (2014) ao apontarem que: o ensino de LI na escola pública termina se resumindo em estudo de gramática descontextualizada, tradução de texto e estudo de vocabulário.

Na terceira pergunta, investigo se: houve mudanças durante ou após esse processo de pesquisa? Para responder a esse questionamento, alio-me com o pensamento do filósofo grego Heráclito: “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”. Entendo tal metáfora aqui por dois caminhos: primeiramente, entre a primeira aula no PPGLL e o momento em que me encontro, posso reiterar que houve transformação, pois as ricas discussões nas aulas na Pós-Graduação engendraram o lugar em que ocupo atualmente. Hoje, mediante meu percurso acadêmico, não sou o mesmo sujeito que ingressou no mestrado. Em segundo lugar, em decorrência desse primeiro caminho, o encontro com novos professores e as leituras por eles indicadas, promoveram significativa mudança em minha prática pedagógica, uma vez que epistemologicamente pude ter diferentes experiências. Disto isto, também a sala de aula não permaneceu a mesma, tendo em vista as reflexões que eu fazia após leituras que coíbiam em outras práticas mais inclusivas. Saliento dois aspectos que mudaram consideravelmente no que tange ao meu proceder:

A gramática: agora é ministrada sob o viés comunicativo e dialógico. Busco exemplos contextualizados a partir de usos da própria sala de aula, da vida real dos alunos. Ministro tópicos gramaticais negociando com os alunos e fazendo com que eles entendam que o estudo de gramática descontextualizada não proporciona o domínio do idioma alvo, tampouco é o único meio de se aprender inglês. Obviamente que, ao topicalizar gramática, a estrutura da língua está presente, mas essa agora é apresentada por meio de diálogo com a turma, sempre negociado e procedendo de uma abordagem interativa, comunicativa e dialógica.

O Livro Didático: não mais é visto como o único recurso disponível no ensino de inglês, tampouco seu uso em ordem sequencial é seguido como outrora. Na concepção de Bakhtin e Voloshínov ({1929b} 2004: 123) “o livro é uma simples gota no rio da comunicação verbal”. Há textos interessantes que são apresentados nos capítulos finais que nem sempre conseguimos alcançar. Agora, sinto-me à vontade para abordar outros temas que necessariamente não precisam ter sido abordados no livro, mediante negociação com a turma. Outros recursos como: textos da internet, jornais, revistas, caça-palavras, games, textos, bem como outros assuntos de interesse da turma são trazidos para sala sem que me sinta culpado por não estar seguindo o livro à risca.

Ainda tratando do percurso de pesquisa, propus como objetivos específicos neste estudo os seguintes pontos por ora elencados:

O primeiro objetivo foi a) identificar por meio de minha própria experiência docente, o modo de ensino utilizado durante as aulas de gramática, visando refletir sobre minha prática pedagógica no ensino de LI. O ato de repensar sobre a própria prática, segundo Freire (1979) proporciona reflexão embasada nas experiências humanas. Para esse autor, ao refletir sobre nossa prática estamos cumprindo a função de analisar e refletir sobre esta realidade e sendo críticos sobre ela, isto é, partir sempre de vivências do homem com a realidade na qual o mesmo se insere. Com base nesse pressuposto, avaliei e concluí por meio do

percurso metodológico deste trabalho, que minha postura e modo de ensino eram de base tradicional no ensino de gramática.

O segundo objetivo foi b) observar nos alunos as concepções de gramática construídas ao longo de sua formação escolar. Esse objetivo foi alcançado mediante questionário em que os alunos responderam acerca de suas impressões ao ouvirem a palavra “gramática”. As impressões dos alunos, ao responderem, por meio de seus relatos, foram classificadas em três: 1) gramática é falar e escrever bem; 2) é um conjunto de regras; 3) não souberam definir. De modo geral, pode-se observar que as respostas estão relacionadas à visão de gramática como um instrumento normativo, bem como vigilante com relação ao uso da língua. Para a grande maioria dos alunos, no geral, gramática é o uso de determinada língua em situação monitorada. Vale salientar que mesmo aqueles que atestaram não saber o que é gramática, não cometeram erros de escolha de registro ortográfico ou semântico.

O terceiro objetivo foi, analisar se ocorreram mudanças em minha prática docente, através das minhas ações didáticas e metodológicas, realizadas ao longo do processo de pesquisa. Esse último foi alcançado mediante estudo dos registros nos instrumentos de pesquisa, esses extremamente formais, causando de início um impacto nos alunos que responderam as questões de pesquisa. O relato em meu diário reflexivo proporcionou a observação de mim mesmo e de minha prática enquanto professor, ou seja, propiciou reavaliar o lugar de onde eu falava e me reposicionar ao abordar estudos gramaticais na sala de aula. Pude refletir sobre esta prática e intervir nesta abordagem buscando outras formas de ensino de gramática, a saber: uma gramática ligada a situações reais de uso da língua alvo.

Tendo analisado os tópicos a que me propus ao longo desta pesquisa, vejo como muito positivas as ressignificações ocorridas ao longo deste trabalho e mais firmes ao término deste estudo. Sei que não é fácil convencer os coordenadores e até outros colegas professores de que há outras formas de se aprender inglês e se estudar gramática, formas estas diferentes em relação

aos estudos guiados pelo livro didático apenas. No entanto, o fato de poder levar essa discussão para o âmbito escolar, trazer essa problemática à baila, já é um bom passo que pode ser dado. Se não posso convencer a alguns com quem convivo no meio profissional e acadêmico, que ao menos eu possa fazer essa diferença.

Meu objetivo geral era “**Refletir sobre minha própria prática pedagógica, ao ministrar aulas de língua inglesa em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio**”. Penso que as atividades aplicadas viabilizaram reflexão sobre minha prática e que pude ir além dessa reflexão, de sorte que as mesmas levaram a uma ação de mudança com relação à visão restrita de gramática que tinha enquanto professor, bem como outras possibilidades para ministrar aula que topicalizem análise linguística.

No tocante às contribuições com colegas professores de LI, atualmente, nas reuniões pedagógicas e nas reuniões de área de conhecimento, sempre sugiro que outras possibilidades sejam incluídas no âmbito do ensino de inglês. Para aqueles que são mais resistentes no que tange ao uso de outros materiais, reitero o pensamento de Paiva (2009), a referida autora se arrisca a dizer que os alunos se beneficiariam muito mais se, ano após ano, cantassem músicas de sua preferência e tentassem traduzi-las ao invés de ficar estudando gramática. Baseado nessa afirmação, comento com colegas professores que sejamos reticentes com programas baseados em itens gramaticais, deixemos que os alunos vivenciem a língua e se sintam estimulados a procurar outras experiências de forma autônoma. Assim a aquisição acontecerá naturalmente. Anuncio aos colegas professores a importância do processo pelo qual passei, que culminou em um professor mais reflexivo, que admite os lapsos advindos de um certo amadorismo acadêmico, mas que consegue repensar sobre eles de forma crítica, e assim evoluir. Conjecturo que há em meu trabalho um deslumbramento com relação às teorias estudadas, e uma necessidade pueril de dar conta de todas elas – algo impossível em um trabalho desta envergadura.

Meu estudo aponta para novos caminhos na área de pesquisas em Linguística Aplicada e no estudo de LI, principalmente com o aumento de pesquisa autoetnográficas (ELLIS; BOCHNER, 2000) no âmbito das ciências sociais e humanas. Estes pesquisadores corroboram que o treinamento em autoetnografia pode contribuir para a formação de professores melhores. Pesquisas autoetnográficas em Psicologia, Sociologia e Educação vêm sendo publicadas em revistas científicas reconhecidas e o método está sendo ensinado em universidades americanas. Esse método evidencia uma perspectiva de pesquisa centrada no “mergulho em si mesmo”, nas ideologias presentes na forma de pensar e executar. Em consonância com o meu trabalho, esse estudo sugere autoanálise que, nesse caso, se associa a um repensar sobre a própria prática no ato de ensinar.

Finalizo almejando que a escola se esforce para ir além do que é postulado pelo ensino de uma norma-padrão isolada, descortinando para o estudante que existem outras formas linguísticas não previstas nesta norma. Compreendendo que gramática está atrelada à língua viva, conseqüentemente também às culturas inerentes a esta língua alvo, como pressupõe Rajagopalan (2005), ao denominar o inglês como *World English*, abordando sua transnacionalidade e refletindo diversas culturas ao redor do mundo, bem como a impossibilidade de ter uma única estrutura linguística ou pronúncia como padrão. Almejo que essas diferentes culturas sejam apresentadas aos alunos, advindos das mais diferentes regiões, de diversos estratos sociais, faixas etárias, gêneros etc. Assim, a escola estará conscientizando os alunos de que a língua não é compacta, homogênea, nem tampouco parada no tempo. Seja a língua materna ou estrangeira, está inserida em um universo complexo, não desvinculado da cultura, que por sua vez é rica, dinâmica, heterogênea, e exige cada vez mais que o profissional da área da educação reflita sobre esta língua em movimento, e acima de tudo, sobre sua própria prática, compreendo-a como sendo inacabada, consoante o que nos evoca Paulo Freire, somos (e sempre seremos), por natureza, seres incompletos.

Encaminhamentos para futuras pesquisas

Com o desenvolvimento da pesquisa, surgiram alguns questionamentos que podem direcionar outras investigações. Relato alguns a seguir:

- 1) Como desenvolver trabalhos autoetnográficos na área de língua inglesa?
- 2) Em que medida a autoetnografia pode ser encarada como um percurso metodológico na Linguística Aplicada?

REFERÊNCIAS

- ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. **Focus on the language classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Ontem e hoje no ensino de línguas no Brasil. In: STEVENS, C. M. T; CUNHA, M. J. C. (Orgs.). **Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, p.19-34.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- ANTUNES, I. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. 1. ed. São Paulo. Parábola Editorial, 2014.
- AUTHIEZ-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: **DRLAV**, v. 26, 91-151, 1982.
- BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Trad.: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. - São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org). **Bakhtin: conceitos-chave**. – São Paulo: Contexto, 2006. p. 9 -30.

_____; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 61-78.

BRASIL. **Ministério da Educação – Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2001. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume1).

BRASIL. **Ministério da Educação Guia de Livros Didáticos PNLD 2011: Língua Estrangeira Moderna**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. **Ministério da Educação. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o PROGRAMA Nacional do Livro Didático – PNLD 2011**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/SEF, 1998. p.34.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Trad. Renato Aguiar. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAVALCANTI, M C. **Applied Linguistics – Brazilian perspectives**. The Annual Review of Applied Linguistics, 17, 2004, p. 23-30.

CLANDININ, D.J; CONNELLY, F. M. (2000) **Narrative inquiry: experience in story in qualitative research**. San Francisco: Jossey Bass. 2000.

COMRIE, D. **Cambridge textbooks in Linguistics**. Aspect. Cambridge. University Press, 1995.

CORACINI, M. J. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**, 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2011.

CROKER, R. A. An introduction to qualitative research. In: HEIGHAM, Juanita; CROKER, R. A. **Qualitative researches in Applied Linguistics**. United Kingdom, Publisher: Palgrave Macmillan. 2009, p. 324-372.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da. (Orgs.). **Linguística**

centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, p. 13-39.

DE GRANDE, P B. **O pesquisador interpretativo e a postura ética em pesquisas em Linguística Aplicada.** Revista Eletras, vol. 23, n.23, dez. 2011, p.11-29 Disponível em: www.utp.br/eletras. Acesso em 17/01/2015.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Orgs.) **Handbook of qualitative research.** 2. ed. California: Sage Pubs, 2000, p. 733-767.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTRICK, M. C. (Ed.) **Handbook of research in education.** New York: Macmillan. 1986, p. 119-161.

FABRÍCIO, B.F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2002. p. 95-111.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FREIRE, M. M; ABRAHÃO, M. H. V; BARCELOS, A. M. F. **Linguística aplicada e contemporaneidade.** São Paulo: Pontes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 13. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1983.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 17. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1979.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1984.

GIMENEZ, T. Prefácio. In: DIAS, R; CRISTÓVAO, V. L. L. (Orgs.). **O livro didático de Língua Estrangeira.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009, p. 17-20.

HOLDEN, S. **O ensino da língua inglesa nos dias atuais.** São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009.

KRASHEN, S. D. **The input hypothesis:** issues and implications. London/New York: Longman, 1985.

_____. Some issues relating to the monitor model. In: BROWN, et al. (Ed.). **On Tesol 77.** Washington. D.C: Tesol, 1977, p. 139-144.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Editora Parábola, 2013, p. 129 -146.

LARSEN - FREEMAN, D. Teaching grammar. In CELCE-MURCIA, M (Ed.) Teaching **English as second or foreign language**. 3 ed. Boston: Heilen & Heilen, 2001.

LEFFA, V. J. Por um ensino de idiomas mais incluyente no contexto social atual. In LIMA, D. C. (Org.). **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 118-121.

LÉVY-STRAUSS, C. Aula inaugural. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, p.211-244

LIBÂNEO, J. C. **O essencial da didática e o trabalho com o professor**: em busca de novos caminhos. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBERALI, F.C. “O papel do multiplicador”, in: CELANI, M.A.A. (Org.) **Professores e educadores em mudança**: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. “Agente e pesquisador aprendendo na ação colaborativa”. In: GIMENEZ, T. (Org.). **Trajetórias**. Londrina: Ed. da UEL, 2002.

_____. “Argumentative processes in critical reflection”. In: **The especialista 21(1)**, 2000, p. 69-75.

_____. **O diário como ferramenta para a reflexão crítica**. Tese de doutorado. São Paulo, PUC, 1999.

MAGALHÃES, C. Interdiscursividade e conflitos entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras. **Linguagem em (Dis)curso**. vol 4, n. especial, 2004.

MAGNO E SILVA, W. Livros didáticos: Fomentadores ou inibidores da atomização? In: DIAS, R; CRISTÓVAO, V. L. L. (Orgs.). **O Livro Didático de Língua Estrangeira**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009, p. 17-56.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez,2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOHR, A. A saúde na escola: análise de livros didáticos de 1ª a 4ª séries. In: **Cad. Pesquisa**. 1995, n. 94, p. 50-57. Acessado em 20/11/2016.

MOITA LOPES, L. P. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI, In: MOITA LOPES (Org.). **Português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 101-119.

_____. Da Aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In PEREIRA, R.C. e ROCA, P. **Linguística Aplicada: Um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: Contexto, 2011. P. 11-24.

_____. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Editora Parábola, 2008, p. 85-107.

_____. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

_____. “A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política”. In BARBARA, L.; RAMOS, R. C. G, (Orgs.). **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas.** Campinas: Mercado de Letras. 2003, p. 29-57.

_____. Fotografias da Linguística Aplicada no campo das Línguas Estrangeiras no Brasil. In: **D.E.L.T.A.**, v.15, n. especial. São Paulo: PUC-SP, 1999, p.419-435.

NARO, A. J.; VOTRE, J. S. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. In: VOTRE, J. S. **A construção da gramática.** Niterói: Eduff, 2012, p.43-48.

NEVES, M. H. de M. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2010.
OLIVEIRA, L. A. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias.** São Paulo: Parábola, 2014.

PAIVA, V. L. M. de O. História do material didático de língua inglesa no Brasil. In: DIAS, R. e CRISTÓVÃO, V. L. L. (Orgs.). **O livro didático de Língua Estrangeira:** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009, p. 17-56.

_____. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In LIMA, D. C. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 31-38.

_____. **Projeto AMFALE:** aprendendo com memórias de falantes e aprendizes de língua estrangeira. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.** São Paulo: Editora Parábola, 2013, p. 67-84.

_____. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: CAVALCANTI, M; SIGNORINI, I. (Orgs.).

Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1999, p. 23-49.

PESSOA, R. R. O livro didático na perspectiva da formação de professores. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, 2009, 48 (1): p. 53-69, Jan./Jun. Acessado em 14/09/2016.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

RAJAGOPALAN, K. The concept of “World English” and its implications for ELT. In: **ELT Journal**, v.58, n. 2, p. 111-117, 2004. Acessado em 25/02/ 2016.

RODRIGUES, R.H. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas considerações teóricas. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão - Santa Catarina, v.4, n.2, jan./jun. 2004. Acessado em 22/03/2016.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Cortez, (2007) In: SANTOS, B. de S; MENEZES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**, Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 23-72. Acessado em 21/03/2016.

SANTOS, D. **Take Over 3**. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SARMENTO, S; SILVA, L. G. A reconfiguração do Programa Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira pelos atores sociais. Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 10. In: Anais do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-21, 2013. Disponível em: <http://www.alab.org.br/images/stories/alab/CBLA/ANAIS2013/sarmento-e-silva.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2014.

SCHULTZ, R. A evolução do aprendizado de línguas ao longo de um século. **English Made in Brazil**. <http://www.sk.com.br/sk-apren.html>. On line. 4 de outubro de 2005. Acessado em 02/03/2016.

SILVA, P. V. B. **Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2005. 241 f.

SOBREIRA, P. H. A. **Astronomia no ensino de Geografia: análise crítica nos livros didáticos de geografia**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP, São Paulo, 2002.

- SOUZA, D. M. Autoridade, autoria e livro didático. In: CORACINI, M. J. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. 2.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2011, p. 27-31.
- SPADA, N. Communicative language teaching: Current status and futures prospects. In: Cummins. J; Davidson. C. (Eds.). **Kluwer handbook of English language teaching**. Amsterdam: Kluwer Publications. 2005, p. 2-22.
- STELLA, P.R. As minhas palavras e as palavras do outro: um estudo de representações de professores de inglês da Escola Pública a respeito da língua que ensinam. In: **Interdisciplinar: revista de estudos em Língua e Literatura**. Ano 8. v. 19. N.1. Itabaiana/Sergipe: 2013, p. 115-128. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1798/1584>. Acessado em 02/12/2016.
- _____; CRUZ, D. **Formação de professores pré-serviço em Alagoas**. Belo Horizonte: RBLA, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S198463982014005000002>. Acessado em 29/11/2016.
- _____; TAVARES, R. **Novos letramentos e formação de professores em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2014.
- _____.; IFA, S. Uma perspectiva letrada para o referencial curricular em Alagoas: perspectivas e desafios. In: STELLA, P.R.; CAVALCANTI, I.; TAVARES, R.; IFA, S. (Orgs.). **Transculturalidade e de(s)colonialidade nos estudos em Inglês no Brasil**. Maceió: Edufal, 2014, p. 163-178.
- TÍLIO, R. A representação do mundo no livro didático de inglês como língua estrangeira: uma abordagem sócio-discursiva. In: **The specialist**. v.31, n. 2. São Paulo: PUC, 2010, p. 167-192.
- TRAVAGLIA, L. C.. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau**. São Paulo: Cortez, 2002.
- VASCONCELOS, S. D.; SOUTO, E. O Livro Didático de Ciências no Ensino Fundamental – Proposta de critérios para análise do conteúdo zoológico. In: **Ciência & Educação**, v. 9, n. 1, 2003, p. 93-104. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n1/08>. Acessado em: 20/04/2016.
- VYGOSTSKY L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ZABALZA, M.A. **Diários de sala de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Porto: Porto Editora, 1994.

APÊNDICE A - PLANOS DE AULA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - PPGLL
SUBJECT: ENGLISH LANGUAGE
TEACHER: JOSENILDO FARIAS

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio (primeira aula)

Tópico: Apresentação do Livro

Duração: 50 minutos

Descrição: Apresentação do Livro didático de inglês e possíveis comentários sobre a obra. Aplicação de uma atividade com o intuito de entender a noção de gramática concebida pelos alunos.

Objetivo Geral:

1. Despertar a curiosidade dos alunos em conhecer todas as sessões do livro que iremos trabalhar durante o ano letivo.

Objetivos Específicos:

1. Conhecer partes que compõem o livro;
2. Promover debate sobre a capa do livro;
3. Pedir para que os alunos discutam sobre os tópicos trabalhados em cada unidade.

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: Pedirei para que os alunos observem a capa do livro didático e atribuam sentidos à figura e ao título (Take Over). Em seguida iremos explorar todas as partes que compõem o livro, tecendo comentários, buscando o objetivo de cada unidade. Observaremos a apresentação da gramática, do vocabulário, do listening e outras partes que compõem o livro.

Avaliação: Observarei o posicionamento da turma, suas aspirações quanto ao que gostariam de encontrar no livro, bem como temas que desejam estudar.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio (2)

Tópico: Take Action

Duração: 50 minutos

Descrição: Um pequeno teste para verificar o conhecimento prévio do aluno com relação a tópicos que a autora considera importantes, a saber: cognatos, uso de dicionário bilingue, gramática, false friends, skimming, scanning, e key words. Em seguida há um texto de abertura intitulado de "Foreign Language Learning and Teaching" para leitura e compreensão.

Objetivo Geral:

1. Identificar o conhecimento prévio que os alunos têm ao tratar de tópicos que são recorrentes nos textos.

Objetivos Específicos:

1. Escutar o que os alunos falam sobre os tópicos;
2. Explicar algum item caso algum aluno não conheça;
3. Iniciar trabalho com o texto que segue após a referida atividade.

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: Iniciarei pedindo que os alunos respondam a atividade que segue, e explicarei algum tópico caso algum aluno tenha dúvida. Em seguida, darei início ao trabalho com um pequeno texto que aborda o ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Avaliação: Será feita à medida que os alunos responderem aos tópicos e em seguida lerem o texto. Vou pedir para que alguns alunos se voluntariem para lerem em voz alta com intuito de avaliar a pronúncia e tirar alguma dúvida de pronúncia caso aconteça.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio (3)

Tópico: Exercício sobre o texto "Foreign Language Learning and Teaching"

Texto: Language in Society

Regional and Social Dialects

Duração: 50 minutos

Descrição: Atividade de múltipla escolha envolvendo interpretação e gramática.

Objetivo Geral:

1. Responder atividade após leitura do texto.

Objetivos Específicos:

1. Promover debate sobre o tema: Language in Society;
2. Comentar sobre os diferentes usos do inglês no mundo;
3. Iniciar estudo do texto principal do capítulo.

Materiais: Livro Didático, aparelho de som e cd.

Procedimento: Os alunos deverão responder a atividade de múltipla escolha e em seguida iniciaremos o estudo do capítulo principal abordando interpretação do texto, leitura e estudo da atividade que segue após o texto.

Avaliação: Ao passo em que forem surgindo dúvidas, avaliarei o nível da turma e pedirei para que alguns alunos façam leitura em voz alta, de preferência aqueles que se voluntariem. Pedirei para aqueles que têm dificuldade que escutem o CD de áudio em casa, afim de melhor entenderem o texto lido por um falante nativo.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio (4)

Tópico: Further Action / Critical Thinking

Duração: 50 minutos

Descrição: Atividade que faz inferência ao texto e um cartoon que sempre desperta alguma curiosidade com relação ao estudo de línguas.

Objetivo Geral:

1. Possibilitar discussão sobre os diferentes "accents" no uso da língua inglesa e fazer comparação com o português falado no Brasil.

Objetivos Específicos:

1. Discutir sobre língua e poder;
2. Comentar sobre preconceito linguístico;
3. Abordar a riqueza da oralidade na língua falada.

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: Após responder atividade que topicaliza as diferentes pronúncias no tocante à língua inglesa, deverei passar para a sessão "critical thinking" que apresenta um cartoon que dá margens para a promoção de um bom debate sobre o uso de uma língua viva.

Avaliação: Observar o conceito que os alunos têm de língua.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: IN FOCUS (5)

Duração: 50 minutos

Descrição: Exercício que aborda questões de vocabulário com frases que foram retiradas do texto. A atividade finaliza com a sessão intitulada de *Words for Thought*, que apresenta uma frase de uma personalidade famosa para reflexão e construção de argumentação.

Objetivo Geral:

1. Oferecer oportunidade de estudar vocabulário contextualizado, inferindo significados sem necessidade de dicionários.

Objetivos Específicos:

1. Apresentar vocabulário em contexto;
2. Desenvolver argumentação;
3. Trabalhar o senso crítico do aluno.

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: Os alunos deverão responder os exercícios que abordam o vocabulário do texto, alguns seguidos de explicações para melhor entendimento. Ao término da atividade há uma frase para que os alunos deem seu ponto de vista sobre o que foi dito, e a mesma sempre trata de um tema que pode ser trabalhado sobre vários postos de vista.

Avaliação: De forma contínua, ao passo que vou conferindo os itens respondidos.

Referências: Santos, Denise. *Take Over 3/* Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: IN USE(6)

Duração: 50 minutos

Descrição: Trata-se de tópicos gramaticais da língua apresentados em duas subseções: *Discovering Grammar* (reflexão sobre exemplos de usos retirados do texto da seção *In Action*) e *Grammar Practice* que almeja a sistematização e a prática das estruturas em foco.

Objetivo Geral:

1. Apresentar a gramática em uso.

Objetivos Específicos:

1. Estimular o aluno a construir conhecimento sistêmico a partir da linguagem em uso;
2. Oferecer oportunidade de sistematização gramatical.

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: Os alunos deverão responder os exercícios que abordam tópicos gramaticais presentes no texto. Os exercícios são de múltipla escolha e alguns são seguidos de explicações para melhor entendimento.

Avaliação: De forma contínua, ao passo que vou conferindo os itens respondidos.

Referências: Santos, Denise. *Take Over 3/ Denise Santos*. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: GRAMMAR PRACTICE (7)

Duração: 50 minutos

Descrição: Atividade que aborda a normatividade gramatical, buscando a compreensão da sistematização dessa gramática. A autora sugere que os alunos façam essa tarefa em casa, e busquem explicação na sessão *Grammar Reference* no final do livro.

Objetivo Geral:

1. Promover o entendimento de que a gramática é um sistema que perpassa por uma normatização.

Objetivos Específicos:

1. Desenvolver o conhecimento sistêmico;
2. Promover a pesquisa recorrendo à explicação ao final do livro

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: Os alunos deverão responder os exercícios que abordam tópicos gramaticais, bem como recorrer ao final do livro em busca de informações que embasem suas respostas.

Avaliação: Será feita mediante correção da atividade na aula posterior.

Referências: Santos, Denise. *Take Over 3/* Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: IN SYNCH (8)

Duração: 50 minutos

Descrição: Trata-se de uma sessão que apresenta usos de novas tecnologias (por exemplo, *blogs*, *e-mails*, fóruns de discussão, *sites*, dentre outros), com sugestão de debates e de aplicação da tecnologia.

Objetivo Geral:

1. Estabelecer conexões entre o tema da unidade e tecnologias de comunicação da atualidade.

Objetivos Específicos:

1. Ativar o conhecimento prévio dos alunos sobre novas tecnologias;
2. Instrumentalizar o aluno para participar da produção de linguagens associadas a diferentes tecnologias.

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: Por tratar-se de uma conversa informal na internet, os alunos deverão refletir sobre a linguagem informal recorrente neste meio de comunicação, e também produzirem seu próprio texto em pares com os demais colegas.

Avaliação: O texto produzido será lido por aqueles que assim o desejarem para que haja uma observação sobre os diversos usos da linguagem.

Referências: Santos, Denise. *Take Over 3/* Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: INTEGRATING (9)

Duração: 50 minutos

Descrição: São atividades de compreensão escrita e oral (*Reading e Listening*, respectivamente) e expressão oral e escrita (*speaking e writing*) integradas ao trabalho com o tema da unidade. Há preocupação em contemplar diversos gêneros e propósitos de usos linguísticos e de desenvolver estratégias associadas a esses usos.

Objetivo Geral:

1. Propor atividades de escrita que ressaltam os aspectos interativos, contextualizados e progressivos de escrita e da oralidade.

Objetivos Específicos:

1. Propiciar a prática integrada de habilidades linguísticas;
2. Oferecer oportunidade de compreensão e produção oral e escrita em diversas situações comunicativas;
3. Desenvolver estratégias de compreensão e produção oral e escrita;
4. Oferecer acesso aos usos orais da língua inglesa.

Materiais: Livro Didático.

Procedimento: A sessão aborda diferentes gêneros textuais, finalizando com uma discussão em que o aluno poderá apresentar seu ponto de vista com relação à temática da atividade.

Avaliação: Por tratar-se de leitura, convém que o professor leia em voz alta, e em seguida, pedir para que alguns alunos leiam também.

Referências: Santos, Denise. *Take Over 3/* Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: LISTENING (10)

Duração: 50 minutos

Descrição: Trata-se de uma atividade em que a habilidade de compreensão de textos gravados por falantes nativos de inglês é trabalhada. Os alunos deverão preencher os espaços com palavras ou frases que entenderam no *listening*.

Objetivo Geral:

1. Propiciar o contato com textos gravados por falantes nativos de língua inglesa.

Objetivos Específicos:

1. Desenvolver a capacidade de compreensão audiovisual;
2. Oferecer acesso a diferentes pronúncias de inglês;
3. Promover a compreensão individual e em grupo através das tarefas;
4. Refletir sobre o gênero textual ouvido.

Materiais: Livro Didático, aparelho de som e cd.

Procedimentos: Os alunos deverão ler a atividade que está sendo proposta, com o intuito de prever o assunto principal do *listening*. Em seguida escutarão o texto, responderão à atividade e deverão trocar ideias entre si sobre suas respectivas respostas.

Avaliação: Ao término, o professor vai intervir para checar as respostas dos alunos, corrigindo-as caso seja necessário.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: SPEAKING (11)

Duração: 50 minutos

Descrição: Exercício objetivando a leitura em voz alta.

Objetivo Geral:

1. Desenvolver a capacidade de leitura em voz alta.

Objetivos Específicos:

1. Incentivar a leitura de textos em sala de aula;
2. Corrigir algum erro de pronúncia se necessário.
3. Promover debate sobre a temática do texto, bem como sobre a dificuldade de ler em voz alta em inglês.

Materiais: Livro Didático.

Procedimentos: O professor lerá o texto em voz alta para que os alunos escutem e em seguida pedirá para que alunos se voluntariem em ler o texto. Em seguida, será promovido um debate sobre possíveis dificuldades em leitura em voz alta e também a temática do texto.

Avaliação: Caso seja necessário, o professor deverá reler o texto e pedir para que alunos que tiveram dificuldades o façam novamente.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: WRITING (12)

Duração: 50 minutos

Descrição: Atividade que culmina com produção escrita.

Objetivo Geral:

1. Trabalhar a capacidade de escrever textos em inglês.

Objetivos Específicos:

1. Promover debate sobre o tópico abordado;
2. Incentivar os alunos a escreverem um pequeno texto em inglês.

Materiais: Livro Didático.

Procedimentos: Perguntar aos alunos o que eles acham do tema proposto e ouvir suas dificuldades em escrever em inglês. Em seguida deverei iniciar um texto na lousa sobre a temática abordada e pedir que falem suas ideias para que as escreva no quadro. Depois, deverei pedir para que eles prossigam a escrita escrevendo palavras ou frases que já conhecem em inglês. Poderei pedir para que pesquisem em casa no dicionário ou usem outras ferramentas (online, por exemplo) para concluírem a tarefa.

Avaliação: Recolherei os textos e devolvarei com minhas observações.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

UNIVERSIADE FEDERAL DE ALAGOAS - PPGLL
SUBJECT: ENGLISH LANGUAGE
TEACHER: JOSENILDO FARIAS

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: IN CHARGE (13)

Duração: 50 minutos

Descrição: Atividade suplementar de leitura que envolve compreensão, gramática e vocabulário.

Objetivo Geral:

1. Oferecer oportunidade de aplicação autônoma dos novos conhecimentos.

Objetivos Específicos:

Materiais: Livro Didático.

Procedimentos: Neste ponto pretende-se que os alunos consigam realizar a leitura do texto sem interferência direta do professor e resolvam questões propostas que abordam conteúdos ministrados na unidade trabalhada.

Avaliação: Correção em grupo da atividade proposta.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: SELF-EVALUATIVO (14)

Duração: 50 minutos

Descrição: Tarefa objetivando autoavaliação.

Objetivo Geral:

1. Estimular a prática da autoavaliação.

Objetivos Específicos:

1. Oferecer oportunidade de reflexão e sobre a aprendizagem;
2. Desenvolver a capacidade de elaborar planos de ação sobre a aprendizagem.

Materiais: Livro Didático.

Procedimentos: Os alunos devem responder aos tópicos propostos, avaliando sua capacidade cognitiva no tópico citado. A cada unidade é feita a mesma pergunta para que o aluno acompanhe seu desempenho ao longo do ano.

Avaliação: Por tratar-se de uma autoavaliação, esta atividade não tem cunho avaliativo ligado a nota ou interferência direta do professor.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: Present Continuous (15)

Duração: 50 minutos

Descrição: Apresentar o tópico gramatical abordado no livro na página 13, exercício 3, sob o viés comunicativo, buscando uma abordagem funcional da gramática, partindo de exemplos em sala de aula. A aula será uma revisão, para em seguida abordar outros tópicos do uso do tempo verbal mencionado.

Objetivo Geral:

1. Permitir que os alunos tenham a experiência de revisar o "present continuous tense" sob uma ótica diferente de abordar a gramática de língua inglesa.

Objetivos Específicos:

1. Incentivar a conversação através de perguntas;
2. Desenvolver argumentação;
3. Trabalhar o senso crítico dos alunos, uma vez que estarão estudando gramática sem perceber.(gramática funcional)

Materiais: Quadro e caderno.

Procedimento: Darei início à aula perguntando aos alunos o que eu estou fazendo no momento, em seguida, mediante as respostas, escreverei no quadro as frases que eles sugerirem, em seguida, perguntarei o que outros alunos estão fazendo no momento. Juntos, vamos construir um texto em forma de narrativa, dispoendo de exemplos práticos e reais. Propositamente, vou pedir para que alguns alunos desenvolvam algumas ações como: ler, escrever, sorrir, tomar água. A partir deste ponto, produziremos um texto em conjunto e em seguida irei aplicar uma atividade em forma de pergunta com o intuito de saber o que os alunos acharam dessa forma de aprender gramática.

Avaliação: Ao colher as respostas dos alunos, a avaliação será feita mediante o que escreveram.

Referências: Santos, Denise. Take Over 3/ Denise Santos. 2.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

APÊNCIDE B - Proposição de aula baseada numa abordagem comunicativa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - PPGLL
SUBJECT: ENGLISH LANGUAGE
TEACHER: JOSENILDO FARIAS

LESSON PLAN

Data: _____

Série: 3º ano do ensino médio

Tópico: Construções com substantivos contáveis e incontáveis: O uso de "How many [subst.]/How much [subst.]" (Gramática Contextualizada)

Duração: 50 minutos

Descrição: Iniciarei a aula com um debate sobre o uso de estrangeirismos tomando como ponto de partida comidas e bebida de uma rede de *fast food*. Apresentar os pronomes interrogativos *How many* e *How much*, sob uma perspectiva que leve o aluno a deduzir seus usos por meio de um pedido em uma rede de lanchonete com exercícios contextualizados.

Objetivo Geral:

1. Proporcionar com que os alunos aprendam o uso dos pronomes descritos acima e percebam a diferença dos substantivos contáveis e incontáveis.

Objetivos Específicos:

1. Incentivar a conversação através de perguntas;
2. Desenvolver argumentação e ponto de vista no tocante ao uso de estrangeirismos;
3. Trabalhar a diferenciação entre substantivos contáveis e incontáveis, bem como o uso de *How many* e *How much* em frases interrogativas que acompanham esses substantivos.

Materiais: Quadro e atividade com material impresso

Procedimento: Darei início à aula perguntando aos alunos o que eles acham a respeito do uso de estrangeirismos no Brasil. Em seguida, pedirei para que observem as comidas e as bebidas no pedido, e que passem para a próxima atividade que leva à reflexão sobre o uso de *How many* e *How much*. A aula será finalizada com uma atividade em forma de "tirinhas" em que o uso dos pronomes estudados aparece em contexto real de uso.

Avaliação: Ao final da aula, mediante respostas dos exercícios, como forma avaliativa, poderei pedir para conferir as respostas pedindo para que leiam em grupo ou individualmente. Vale salientar que este proceder não tem fins quantitativos.

Referências: A atividade foi elaborada pelo próprio professor e as figuras usadas são de domínio público.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE PERGUNTA INICIAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE



ALUNO(A) [REDACTED]

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

*É difícil pronunciar ou escrever palavras de qual-
quer língua.*



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Em poucas palavras, Gramática é o estudo do fala, o estudo das palavras, dos verbos, o estudo da linguagem verbal e escrita.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Creio que se a "Gramática" não fosse existente nos não falaríamos as palavras de modo correto, a "Gramática" nos ajuda a compreender o texto, quase e entre vari as outras metades de escrita (escrita formal, correta), ~~no~~ seja no seu sentido ~~denotativo~~ denotativo ou conotativo (figurado ou real).

FALÉ



ALUNO(A)

Professor pesquisador Joséildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

É uma linha de regra que são impostas pela língua portuguesa.

Como por exemplo: como devemos falar de maneira correta, escrever certo e entre outros.



ALUNO(A) [REDACTED]

Professor pesquisador: Josenildoarias neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Acho que a gramática ~~é~~ mais ajuda na forma de falar e escrever.

ajuda



ALUNO(A):

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Gramática fala sobre, a fala, interpretação, textos etc, a fala é para conhecer melhor o que o autor expuser, interpretação para saber o que o texto realmente significa e o texto é algo que pode ser imaginário ou real.



ALUNO(A)

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

A Gramática é uma das divisões do nosso preado Português. nela estudamos alguns assuntos como: verbos, preposições, oração, período, sujeito e entre outros. nela também em que podemos interpretar ações do ser humano, as flexões das palavras.

A fala é um modo em que nos podemos ^{se expressar} então também faz parte da gramática.

gram e fala



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Em todas as línguas o estudo da gramática é importante, pois nela estudamos a maneira certa de se escrever.

Gramática é a parte da língua que estuda a maneira certa de se escrever em qualquer idioma.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

~~_____~~
Não me lembro o que é "Gramática", mas sei falar o que é.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

*Não estou lembrada muito desse assunto
"Gramática"*



ALUNO(A)

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Não me lembro o que é gramática. **



ALUNO(A) !
Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Gramática é o estudo de línguas, que usamos no nosso dia a dia, usamos sinais de pontuação. Não sei falar muito bem o que é gramática



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Gramática, não gosto muito ~~quando~~ quando
o professor fala "hoje vamos estudar gramática"
mas apesar de não gostar tenho que ler
e estudar todos os anos. Mas sei que lá
no futuro vou agradecer esse "esforço"...



ALUNO(A) [REDACTED]

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Estudo da língua que tem por objetivo auxiliar a escrita. Mostrando as regras e formas adequadas de escrever as palavras, organizar frases e textos.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josênildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

A gramática varia os palavras os verbos de
um determinado idioma (~~de~~)



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Gramática é uma forma de aprender como escrever bem, pois como negação
& etc.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Para mim, a gramática serve para nos ajudar a elaborar um texto corretamente, sem erros ortográficos.



ALUNO(A)

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

A gramática faz parte do nosso cotidiano, como devemos usar a nossa escrita e o modo que devemos ~~usar~~ usar, como devemos cuidar as frases certas, entre outros motivos.



ALUNO(A)

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Gramática serve para aprendermos as várias formas de es-
crevermos tal frase ou palavra, a jeito certo de entendermos
as coisas que nela ensina, etc.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

A gramática serve para nos ensinar como as palavras são escritas, como as frases são formadas, como construir um texto, também ajuda a entendermos melhor a nossa língua.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Jôsenildo Farias Neto*

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

É uma forma de se ligar mas ao português
no mesmo dia - a - dia.



ALUNO(A) _____
Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Gramática é o estudo contextualizado das regras do português que obrigatoriamente devemos saber.



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

É uma palavra muito clara que quando ouvimos nós da uma lição direta ao português, e principalmente as formas que falamos e escrevemos



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Gramática é uma forma de ensinar certo



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

A Gramática, estuda a escrita, as orações, os
sujeitos e períodos. Aprofundando os conhecimen-
tos da escrita correta e impondo regras
para nossa escrita.



ALUNO(A)

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Estudo as palavras; Vale palavras que existem regras,
p. menções, análises sintáticas, variações verbais, entre outras.
tudo isso se uniu no gramático



ALUNO(A) _____

Professor pesquisador: Josenildo Farias Neto

PROJETO DE PESQUISA

1- Prezado (a) aluno (a). Gostaria que você se sentisse à vontade para escrever algumas linhas sobre a noção que você tem ao ouvir a palavra "GRAMÁTICA".

Gramática é todo o conteúdo da língua Portuguesa, - uma escrita com todas as suas propriedades, etc.

estrutural

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE PERGUNTAS PLANEJADAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
ALUNO: JOSENILDO FARIAS NETO
ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO ROGÉRIO STELLA

Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um bom livro desde que se tenha tempo para ser trabalhado, e ~~tem~~ para professores capacitados.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Vê como uma língua importante, mas usa com frequência a língua inglesa e não entende muita.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Vê com muita frequência nas lojas e a usa bastante.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Da pior maneira possível.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Não.



Aluno (a): _____

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro de inglês deveria melhorar mais.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Como uma maneira dos alunos aprenderem mais a língua inglesa.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

É importante que saibamos o básico da língua inglesa.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

É apresentada de uma maneira muito prática, ela deveria melhorar com o passar do tempo.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, apesar dela não ser muito aprofundada nos ajuda a em situações do dia a dia.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

Bom, porém poderia ter mais conteúdos.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Vejo a língua inglesa como muito importante, pois trata-se de um idioma universal e nos proporciona muitas oportunidades. Uso para aprender músicas e entender o básico.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Na escola tenho a língua inglesa apenas para o entendimento da matéria, entretanto, não uso muito para comunicação.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

É apresentada apenas o básico.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Não muito, pois a gramática apresentada na escola não é muito aprofundada.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

Acho que o livro, é bom

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Mas gosto muito de ingles tenho muita dificuldade em aprender, por que praticamente não tem um professor da lingua inglesa no 3º ano, me vejo como uma aluna de primario, na aula de ingles. E não tem muito material na aula.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

apenas de tudo acho que uso muito ingles fora da escola

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Mas gosto de gramatica, mas não li gramatica nem no primeiro nem no segundo ano mas professores se passava traducao

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro é sempre bom, pois sem ele não poderíamos ter algumas palavras que não sabemos escrever, mas poderia melhorar um pouco.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Apesar de ser um pouco complicado, o professor sempre dá um jeito de todo mundo entender, mas ainda assim sei apenas o básico.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Fora da escola, é muito difícil uma pessoa falar inglês, ou algo parecido, uso somente algumas palavras no dia-a-dia.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Isso depende muito do professor, alguns sinceramente não sabem ensinar, e acaba prejudicando o aluno, mas também o aluno tem que procurar aprender fora da escola também.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois todo conhecimento é sempre bom ainda.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro que utilizamos em sala não se pode negar que é necessário, porém em todos os anos em que estudei inglês até hoje observei que recebemos livros com muito conteúdo e que não chegamos nem a metade destas coisas que os livros didáticos da língua inglesa oferecem em mais explicativos já que bibliotecas - há que alguns tem diferenças em níveis educacionais e no livro que os livros usam não muito acelerador.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Na escola geralmente eu não uso mesmo nas aulas de inglês, mas quando bem na mesma na escola quando estou lendo textos de outras disciplinas tem que aparecer um nome de algum movimento, ou filosofia ou tecnologia com um nome inglês que precisa ou melhor ainda que de certa forma eu domine alguma coisa de inglês.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Eu não entendo a língua inglesa fora da escola como exemplo na matéria das profissões, e nesse dia a dia também nas aulas, o computador tem seu sistema quase todo em inglês, então consigo perceber de inglês.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Durante todo esse tempo a gramática da língua inglesa foi passada de forma muito básica e com muita prática, as professoras acabam se perdendo dentro do próprio assunto então talvez precisamos de profissionais mais qualificados.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um bom livro para ser trabalhado em sala de aula.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Não entendo muito a língua inglesa mas sei que ela é muito importante.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Vemos muito a língua inglesa com frequência através de filmes e etc. Não uso muito.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Sem comentários.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Não muito.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

Ele é bom e prático. Porém, é preciso tomar cuidado com as atividades. O livro apresenta poucos exercícios, e que tem a prática de inglês apenas formal. As aulas e os textos são interessantes e despertam a curiosidade de ler em inglês e a tradução. O nível das atividades é fácil, comparado ao que um aluno do ensino médio que já tem uma noção para aprender inglês em qualquer idioma.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Com nosso professor, estudamos apenas a língua inglesa de forma simples e prática. Entendo perfeitamente suas palavras, informações que coleta e "listening" usando nos outros livros. Não tem o professor, é possível tirar dúvidas e usá-las dentro da escola.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Novo professor sempre diz que a língua inglesa não aprende se apenas vai sala de aula. É preciso usar a língua que lêmos em inglês, assiste séries legendadas e muitas vezes não precisa a legenda pois, e assiste vídeos. É legal, pois permite que entenda quando parte das falas dos personagens.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Nos anos anteriores, a gramática foi apresentada como um "trabalho de sete semanas". Porém, com o novo método do professor, aprendemos mais rápido e entendemos com facilidade e praticidade.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Claro! Quando estudar fora do país um dia. Quero aprender a língua e se fluente na língua. Para isso é preciso estudar, e o que aprendemos na escola é o primeiro passo para isso. Quero ler livros em outros idiomas e ter acesso ao mundo inteiro. O inglês é essencial em muitos locais. Afinal, como posso aprender um idioma sem estudar gramática?



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

R: O livro não é muito interessante. Tem algumas falhas, como por exemplo ele não utiliza o presente e tem os passados, além disso ele não utiliza recursos da coligação.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

R: Entendo situações do professor que utiliza exemplos da coligação.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

R: Entendo situações de filmes, músicas e...

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

- Nesse ano a gramática foi apresentada através de professor de forma clara, onde a gente consegue entender melhor.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois, sem ela você não consegue se comunicar com pessoas que falam essa língua, além disso vou utilizá-la em minha profissão.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um livro bom, gosto da forma que ele
traz o assunto de uma forma que podemos
entender, traz também textos que nos
ajuda na fala e escrita.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Na escola vejo a língua inglesa de
uma forma acima a cada dia aprendo
algo novo, um significado de uma
palavra que não sabia.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Fora da escola a língua inglesa é muito
usada, sempre vemos alguma palavra em
placas, anúncios, lojas etc.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

É apresentada muito bem, de uma forma que
eu entendo e posso utilizá-la depois.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, a gramática nos ajuda a dar sentido
do ao que escrevemos, por exemplo, em
uma mensagem mandada por tel um
amigo no dia-a-dia.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro é bom e interessante, mas que o aluno entenda melhor o que nos está escrito, é necessário haver dinâmicas da parte do professor.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

É de suma importância, já que o inglês é a segunda língua mundial.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

É de grande importância usá-lo fora da escola, mas comunico com pessoas de outros lugares, já que vivemos num mundo globalizado.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Alguma gramática é apresentada de maneira dinâmica e fácil de compreender, outras não.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois com a questão do estrangeirismo, que são palavras de outras línguas, usadas no nome vocabulário, que muitas são entendidas.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro didático de língua Inglesa é apenas um auxílio para o aluno, é como um dicionário de conteúdos didáticos, onde necessita de um profissional da educação para ser bem usado.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Vê-se como uma disciplina indispensável, assim como todas as outras.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Usa, entende, usa, ou seja, entende como uma língua adaptável que seja independente do lugar da hora, bem como, a facilidade de ser usada de forma correta.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Nos anos anteriores, com mais ou menos, foi apenas dada de maneira qualquer, onde a compreensão foi dificultada, porém, este ano, a mesma está sendo dada de uma forma que os alunos também possam que a língua inglesa não é tão simples como muitos acreditavam até então.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, porque, em todo lugar a língua inglesa está sendo usada.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

Não tenho opinião, é uma prova o livro é bom, mas é muito difícil ler e não adianta.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

De muitas formas.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Vou ao tempo todo em jornais, internet, produtos, até outras coisas. Não uso com muita frequência, mas muitas vezes vem à tona.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Não nos ensinaram de maneira correta, só em meu primeiro ano, que foi com frequência, porém não me ensina de maneira adequada e até pode me atrapalhar pela má compreensão. Não sei mais sobre o assunto, por conta de esquecer por um tempo de qualquer.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, quando se tem noção em inglês ou possibilita entender melhor os livros, também me ajuda em alguns jogos de RPG, até outros coisas.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um livro que está repleto de textos com palavras estrangeiras e isso é ótimo para quem aprende a língua inglesa, use termos mais fáceis, eu considero um livro bom.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Sim, pois da forma que o professor explica, porque alguns não sabem o professor que fala mais essa matéria para alguns não era total mente qualificado para isso. E hoje já consigo aprender mais rápido.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Bem, quando chegamos em alguns lugares sempre vimos algumas palavras em inglês e algumas eu conheço por causa dos textos dos livros.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

De uma forma que aqueles que tem uma grande dificuldade para aprender mais.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um livro bom, gosto da forma que ele trata o assunto, pois é de uma forma que podemos entender, trabalhar também textos que é muito bom, pois nos ajuda na escrita e fala.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Na escola vejo a língua inglesa de uma forma muito boa, pois a cada dia aprendo palavras que não sabia.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Fora da escola a língua inglesa é muito usada, principalmente em anúncios e lojas etc.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

É apresentada de uma forma que entendo e posso utilizar lá depois.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois a gramática nos ajuda a dar sentido ao que escrevemos.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro é bem pouco, ele deveria ter mais atividades que estimulem discussões em to sala

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Como uma maneira de ajudar o aluno a adquirir conhecimentos na linguagem estrangeira

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Vejo como uma forma de estrangeirismo

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

De uma maneira simples.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois sendo básica nos ajuda em ~~nessa~~ situações do nosso dia-a-dia.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um livro com pouco conteúdo, pois
nem todas as páginas explicam
detalhadamente o que pedem... mas
há imagens que ajudam um pouco.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Vejo como um meio de aprender uma
língua estrangeira para se comunicar
na escola e inglês é mais entendido
com palavras do dicionário...

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Fora da escola palavras de músicas
ou palavras frases em roupas etc

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Neste ano a gramática foi usada
de uma forma clara com exemplos
de dicionário...

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim pois usei na minha profissão



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro é excelente, aborda vários conteúdos importantes para o ensino de língua inglesa. E ainda vem com um CD, que possibilita a leitura acompanhada por ele.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Eu vejo a língua inglesa como uma matéria muito importante, difícil e muito boa de se aprender. Eu entendo o básico de inglês.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Eu uso o inglês como uma forma de cultura, em que trata as partes, nos autômatos, em emissões, propagandas, etc. Eu uso o inglês o máximo possível em todos os momentos possíveis, seja ouvindo música e acompanhando com a letra, me comunicando, mesmo me comunicando com a minha irmã, então eu amo o inglês.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

A gramática é apresentada através do livro, ou às vezes fora dele.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Para mim tem, porque eu gosto de estudar inglês, mas no dia-a-dia não uso muito.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

~~Sim~~ Não é muito bom, pois é um pouco desatualizado.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Procurando buscar artigos e professores.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

~~A língua inglesa em~~
usa bastante em jogos e acaba procurando a tradução.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Esta matéria apresentada de uma forma bem clara
com exemplos do dia-a-dia

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, no futuro vou usar para o trabalho.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

*é bom, pois se for utilizado por professores experientes ficará
muito melhor ainda.*

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

*que o inglês é uma língua fundamental para
os alunos.*

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Do mesmo modo que utilizado na escola.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

De um modo que o aluno entenda muito mais.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

Não sou suficientemente bom para, tem algumas falhas, não utiliza exemplos que mostra o presente. Além disso não utiliza coisas do nosso cotidiano.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Através da aplicação da proposta de curso entendi, compreendi a língua inglesa.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Procurando a tradução de algumas músicas, informações, assistindo alguns filmes entre outros.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

A partir deste ano, a gramática foi apresentada de forma clara, com exemplos do cotidiano.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois, não possui utilidade para alcançar melhor qualificação profissional.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um bom livro pois oferece
exercícios e muitos exercícios que
ajudam a praticar o que o aluno
está aprendendo.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

É uma boa língua a ser aprendida,
com o bom auxílio do livro
e do professor.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Utilizo bastante no dia-a-dia, por
que até mesmo sem perceber, pois
algumas palavras são de origem
inglesa, mas usamos tanto
que não percebemos.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

É apresentada de forma que
podemos usar e entender de
forma clara.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois uso no dia-a-dia.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

Ele não é muito bom, pois tem uma folha. Não se utiliza de exemplos que mostre o presente, além disso, não utiliza exemplos de nosso cotidiano.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Procurando buscar entender através do professor.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Assistindo filme, ouvindo músicas, procurando a sua tradução.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

~~Alguns~~ a gramática foi apresentada de forma clara, com exemplos do cotidiano.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois, seu estudo utilizado para uma ^{melhor} qualificação profissional.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro didático de língua inglesa é ótimo tem várias informações.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

A língua inglesa na escola é fundamental para o conhecimento dos alunos.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

A língua inglesa fora da escola está presente em todos os lugares com uma música.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

É apresentada na escola de forma simples com a ajuda do livro didático e outra forma que o professor prefere para ajudar os seus alunos.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, a gramática que estudamos na escola é muito útil para muita pessoas.



Aluno (a): _____

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

<i>O livro didático de língua Inglesa contém várias informações e passa um bom entendimento para seus leitores.</i>

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

<i>A língua inglesa é fundamental para o aprimoramento da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.</i>

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

<i>A língua inglesa está presente em vários lugares, seja em lojas ou até mesmo em embalagens de produtos.</i>

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

<i>É apresentada de forma leve através do livro didático e atividades passadas pelo professor.</i>

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

<i>Sim, para conhecer novas palavras e aprimorar o conhecimento sobre o inglês.</i>



Aluno (a): _____

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

Eu considero um ótimo livro. Pois, a vários
atividades que nos ajuda a compreender melhor
os assuntos, tendo também textos onde podemos
treinar mais nossa leitura, facilitando nosso
aprendizado.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Com grande importância, nos ajudando a com-
preender muitos textos.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Com as aulas que tenho na escola tenho
melhor compreensão dos palavras estrangeiras
que vão usar no nosso dia-a-dia.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

De forma simples, com exemplos e exple-
cões que ajuda mais na compreensão

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Como conhecimento.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

Ele não é muito bom pois tem algumas falhas e não é utilizado o presente em algumas coisas.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Procurando entender junto com o professor.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Através de músicas, filmes e outras coisas.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Neste ano a gramática foi utilizada de forma clara, com exemplos de nosso cotidiano.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, pois vou utilizá-la para alcançar algo melhor no meu futuro.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um ótimo livro, as regras são para ser entendidas as vezes não.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Sim, é uma língua estrangeira e diferente, mas não para ser entendida.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Não usa - a - ou a língua inglesa e não ~~está~~ utilizada.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

De uma forma ~~que~~ ^{que} aqueles que têm mais dificuldades no português por não entender o inglês.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

O livro didático de língua inglesa é completo e trata os assuntos apropriado para os alunos de ensino médio.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

A língua inglesa na escola é totalmente fundamental para o desenvolvimento dos alunos e aprimoramento de conhecimentos.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

A língua inglesa fora da escola é totalmente fundamental em toda parte que vamos, podemos observar a presença da língua estrangeira.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

é apresentada de forma clara, de fácil entendimento.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

sim, a gramática é totalmente necessária, além de estar presente em nosso cotidiano.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um bom livro, com exercícios e questionamentos de fácil compreensão. Porém, seria interessante se os conteúdos abordados fossem explicados de maneira mais aprofundada e fácil de entender.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

Como uma disciplina tão importante quanto as demais, que nos ajuda tanto na vida quanto fora dela. Pois, a língua inglesa nos faz entender coisas simples, fáceis e que visamos bem, nem mesmo perceber, como o uso de estrangeirismos.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Com certa importância. Porém, não faço uso tão frequente. Apesar da presença de estrangeirismos cada vez mais frequente.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

De maneira simples, não sendo tão aprofundada como na língua portuguesa. Pois, apesar das diversas abordagens gramaticais entre português e inglês, os professores têm a tendência de inglês focarem muito em traduções deixando de lado a gramática.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Até o momento não tanto, mas os conhecimentos de gramática pode ser muito útil na minha vida em algum momento. Porém, o uso mais frequente de inglês em minha vida é de estrangeirismos que não há como fugir disso. E, além disso, faço uso de inglês apenas para cumprir minhas responsabilidades escolares.



Aluno

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

*É bom, ~~se for~~ mas se for utilizado por pessoas profes-
sores qualificados fica bem melhor.*

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

*Vejo como uma língua importante, porém acho
um pouco chata.*

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

*Vejo em diferentes lugares, como em alguns meses de
lojas e principalmente em shopping. É fala frequentemente
quando falamos em ~~→~~ show, blog, marketing e entre
outras.*

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Através do livro, e através de professores qualificados.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Não au menos.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

É um bom livro para o nosso aprendizado, mas é preciso tempo e professores de qualidades, capacitados.

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

É boa língua para nosso aprendizado, uma língua importante.

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

Vejo com frequência no dia a dia, nas lojas, no shopping e em vários outros lugares.

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

Através do livro.

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

Sim, porque inglês é uma língua muito importante para nosso dia-a-dia.



Aluno (a):

Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

1- Qual sua opinião a respeito do Livro Didático de Língua Inglesa?

<i>É bom para nós o aprendizado na língua inglesa.</i>

2- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa na escola?

<i>Uma forma de aprendizado de outra língua</i>

3- Como você vê, usa ou entende a língua inglesa fora da escola?

<i>Vejo em vários lugares como loja em shopping</i>

4- Como a gramática de língua inglesa é apresentada na escola?

5- A gramática de língua inglesa estudada na escola tem alguma utilidade para você?

<i>Não</i>

APÊNDICE E - DIÁRIO REFLEXIVO DO PROFESSOR



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

Após quase dois meses de espera, finalmente o livro didático de inglês chegou na escola. Na primeira aula com o livro, pedi para que os alunos discutessem o que entendiam pela capa, que discutessem as sensações que a imagem transmite em para eles. O livro é intitulado de "Tense Over" (Contexto educacional) da autora Denise Santos. Foram várias as respostas: o livro transmite liberdade, autoconfiança, responsabilidade, novas horizontes, etc. A tradução da capa-título seria "Assuma o comando", então após traduzi-la, questionei com os alunos se eles pretendiam assumir um emprego ao final do ensino médio ou assumir uma faculdade? Foi um debate muito proveitoso, uma vez que pude conhecer melhor a turma (3ª A vesp), em que muitos já trabalhavam. Outros todos querem fazer o ENEM, e alguns, por motivos de trabalho, não pretendem assumir uma faculdade à noite. Em seguida, lemos a apresentação da autora e folheamos o livro por inteiro para entender a distribuição do conteúdo. Alguns se identificaram com algumas unidades que tratavam de: música, teatro, cultura, etc. As respostas dos alunos me fazem refletir sobre minha abordagem nas temáticas que o livro aborda. Já percebi que a turma gosta muito de participar, dar sua opinião. Espero que esse interesse pelas aulas continue.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

2

Iniciamos o estudo com o livro hoje, após ter lido sobre a importância de se produzir um diário reflexivo e ter contato com as descobertas críticas citadas por Liberali (1999) sobre este instrumento, agora estou um pouco mais atento para desenvolver um processo crítico-reflexivo no meu proceder enquanto professor e também nas atividades do livro didático. Liberali (2000, 2003) considera o diário como um instrumento que pressupõe um grau de elaboração linguística e diversidade textual, ele deve apresentar algumas características: "escrever, informar, compor, reconstituir."

O pequeno texto da página "12" intitulado de "Foreign Language Learning and Teaching" trata do estudo de inglês como uma língua estrangeira. O referido texto propicia ótima discussão sobre o fato de que algumas pessoas teriam nascidas com o "dom" de aprender a língua inglesa, no entanto na página seguinte há uma atividade para retirar palavras cognatas e outra meramente gramatical além de justificar o uso do gerúndio de um verbo. O mais importante, o texto como um todo não foi tipografado, ao invés disso, partes do texto fragmentadas foram estudadas. Na próxima aula, voltarei ao texto e promoverei esse debate com os meus alunos: Vocês acreditam que algumas pessoas têm o dom para aprender línguas? E quem não tem, o que deve fazer?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

③

Na aula de hoje pude fazer um bom trabalho ao tentar a abordar com os alunos o que seria um texto. Pode trabalhar com a linguagem verbal e não-verbal e explicar-lhes as diversas dimensões que um texto tem, bem como explicar que uma palavra pode ter a dimensão de um texto, desde que esteja contextualizada e remeta a uma informação socialmente construída, completa.

O tema é "Language in Society" e apresenta figuras com pessoas falando inglês em diversos países: Índia, Austrália, Inglaterra, Estados Unidos. Promovi debates questionando se o "inglês" seria o mesmo falado nesses países? Alguma forma tem mais prestígio que outras? E o português, é o mesmo de Portugal? Foi uma reflexão muito rica e os alunos entenderam que "imitar" um falante-modelo não contém, que cada país tem suas peculiaridades e, sotaques e influências, e que, cada pessoa é falante único com sua alteridade, individualidade e particularidade que o diferencia dos demais. Em seguida partimos para o texto: "Regional and Social Dialects." Temos audição, leitura acompanhada de CD de áudio e atividade escrita relacionada a interpretação, vocabulário e gramática.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

Essa aula propiciou boas reflexões sobre os usos de determinadas línguas. A aula começou ~~sobre~~ abordando aspectos geográficos que nos permitem identificar a origem do falante, bem como características educacionais e socioeconômicas desse falante. Comentamos que mesmo falando a mesma língua, não existem duas pessoas que falam exatamente iguais, e que diferentes modos de falar uma mesma língua unificam um grupo de falantes ao tempo que diferenciam-nos de outros.

Comentamos também sobre língua e poder e sobre a hegemonia da língua inglesa como língua universal.

Abordei os termos de Libardi (2009, 2003): "confrontar/reconstruir"; para despertar nos alunos os interesses advindos de uma imposição cultural americana e também "reconstruímos" como ideal do que seria falar "bem" uma língua, abordamos a necessidade de respeitar a particularidade de cada falante, bem como preconceitos linguísticos como: língua difícil, língua bonita, língua ideal, etc.

No geral foi uma aula muito proveitosa, uma vez que proporcionou que refletíssemos sobre vários conceitos que muitos alunos e "eu" também, tínhamos como verdades, imutáveis e intocáveis.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientador: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

5

Os dois primeiros exercícios pedem para que os alunos indiquem a ideia que o advérbio em destaque assume na frase retirada do texto. Essa versão denominada "In Focus" (pág. 18) seria mais produtiva se os alunos tivessem dicionários, mas a grande maioria não tem, então preciso estar sempre traduzindo para que eles respondam. Temo que a aula de língua inglesa acabava sem tempo a recumbir em uma aula de língua portuguesa, por isso, passo a me preocupar com relação a que os alunos assumam autonomia nesse tipo de exercício, não esperando que eu responda às questões, afinal eles não terão um assistente nos exames a que irão prestar.

O exercício "5" apresenta uma pequena tabela explicando o uso "gramatical" dos intensificadores (pretty, rather, very, really, quite), no entanto, o fato da explicação ser em inglês tem gerado reclamações por parte dos alunos, dessa forma eu sempre traduzo e explico no quadro dando exemplos. Ainda no exercício 5, a explicação, em minha opinião deveria vir antes do exercício afim de evitar erros de interpretação, e não após o exercício.

A aula finalizou com a frase "Words for thought," com uma frase de Martin Luther King, Jr, que promoveu uma boa reflexão sobre a incapacidade das palavras ao descrever os céus.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

A sessão começa com uma "Review of verb tenses". Trata-se de frases retiradas do texto "Regional and Social Dialects", que apresentam os verbos sublinhados para que os alunos indiquem o tempo verbal, a saber: Past Perfect; future with will; Simple past; Simple Present. Minha preocupação com esse tipo de atividade é que ela continua a usar partes do texto como pretexto para abordar a gramática normativa.

Em apenas uma página foram topicalizados os seguintes itens da gramática: sujeito, verbo auxiliar, present progressive, futuros com will, simple present, simple past, past perfect, so and neither. Há ~~há~~ uma indicação para estudar detalhes de gramática ao final do livro.

Na segunda página, (21) a atividade "Grammar Practice". Nem os alunos nem eu concordamos com a resposta correta. Em nossa opinião, duas alternativas estão corretas. Esta sessão continua abordando tópicos gramaticais até o final; Past tense (regular-irregular verbs) affirm, neg, int. No geral trata-se de uma aula cansativa, uma vez que não passou de uma abordagem expositiva apenas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

(Grammar practice p.21) ⑦

Terho ficado um pouco reticente com relação a atividades que pedem para que os alunos apenas completem as lacunas com o past tense dos verbos irregulares (e outros tópicos). Percebo que há um silêncio na turma quando pergunto as respostas. Sempre há um ou dois alunos que acertam, mas a maioria não consegue. Creio que explicar a irregularidade de um verbo em contexto "real" seria mais viável. Essa sensação: "Grammar Practice" é sempre desapercebada, pois surgem muitas dúvidas com relação à gramática. Para um melhor aproveitamento, tentei transgredir o livro, dando exemplos reais do dia a dia, contextualizando essa gramática com os nomes dos alunos na lousa, partindo de frases reais do cotidiano deles. Tentei valorizar a cultura local criando frases com canções, músicas e comidas que os alunos gostam e conhecem. Aos poucos consegui envolver a turma e ter a atenção de todos para exemplificar a "irregularidade" de um verbo. Em seguida, fomos para uma tabela ao final do livro com a lista dos mais usados. Creio que com exemplos locais eu consegui ir além de uma abordagem gramatical "mossada". Pretendo sempre contextualizar a gramática do livro, mas com certa preocupação de não ficar apenas na normatizabilidade. A língua é fluida, a gramática fazendo parte da língua também deve ser.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

8

A versão "IN SYNC" é sempre voltada para a tecnologia. Ela apresenta uma conversa no "Instant Messenger". Ao olhar para a figura, várias ideias vêm à tona: vou falar sobre a mudança de algumas palavras (vossa meui = Você: c) algumas gírias, o acesso às novas tecnologias, os símbolos para agilizar a conversa; problematizar o uso em excesso dessa tecnologia; citar o jargão da moda: permissão go, permissografia infantil; uso de estrangeirismos, enfim, muita coisa pode ser trabalhada nessa sessão, NO ENTANTO, bem acima da página, com letras minúsculas (vermelhas), encontram-se algumas direções mamíferas para que eu siga à risca. Todas as instruções estão no IMPERATIVO, literalmente ditando o que devo fazer. Tenho ficado muito reticente com relação a essas instruções. Será que elas ajudam ou podem, reduzem, diminuir a capacidade e criatividade do professor? Ao instruir: professor, faça isso; diga isso; comente aquilo; explore isso; comente aquilo com relação a isso... então sempre tenho agido de forma indecisa e indecisiva no tocante a esse tipo de abordagem. Obviamente sigo várias instruções que considero relevantes, mas não todas. Tenho visto o livro como uma bússola que pode apontar a direção, mas o caminho sou eu e os alunos que vamos trilhando ao longo das aulas. Vale a pena citar que tendo 10 aulas com a mesma temática ao dia, elas nunca são iguais. Finalizei a aula pedindo para que em duplas os alunos criassem uma conversa virtual no caderno sobre um tema que os atrai. Pedi para que alguns lessem depois.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

9

A sessão "Integrating" trata-se de um "reading" com diálogos retrocedidos do seriado "Friends". A atividade começa com a pergunta: "Você conhece esses personagens? O que você sabe sobre eles? Não poderia deixar de comentar a inadequação dessa atividade, pois houve um silêncio "tumular" com relação a essas perguntas. Os alunos querendo do interior e também os da cidade não têm acesso a TV por assinatura, alguns têm celular e poucos têm internet em casa. Certamente essa é uma atividade que inclui o aluno que não tem acesso a essa informação. Por isso que é uma atividade interessante, no intuito ela foi elaborada para atender aos alunos mais abastados, talvez da região sul ou sudeste do país. Os alunos não conheciam os personagens nem sabiam do sucesso do seriado "Friends", com raras exceções. Então, para tornar a aula mais interessante e proveitosa, parti para o final da página, após abordar o diálogo rapidamente, e comentei a típica pergunta: "Se não se pode afirmar que os falantes que usam um certo dialeto são mais inteligentes do que os que usam outras variantes linguísticas". Debo que a autora foi muito feliz ao abordar essa temática, e, como temos muitos modestinos que foram a São Paulo com os pés e sofreram preconceito linguístico, a aula terminou com um debate muito proveitoso: Não existe variante feia, bonita nem mais inteligente, não diversidade, e de deve ser respeitada.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

Reflexão sobre atividades de listening

10

As atividades de "listening" estão entre as que oferecem mais dificuldades. O espaço físico não proporciona boa acústica, o som é sempre um "microsystem" que não atende a necessidade de uma turma com 34 alunos. As atividades são gravadas por falantes nativos de inglês e os exercícios do livro são para preencher lacunas, responder perguntas, observar variantes de pronúncia entre falantes de diferentes países, marcar alternativas corretas. O fato de não ter muito contato com a língua inglesa em sua oralidade, faz com que esse exercício seja um dos mais difíceis para os alunos. Para minimizar o problema, passo o áudio primeiro, e depois eu mesmo lido o "tape script" para que eles entendam. Após minha leitura proporcionalmente mais lenta, alguns alunos conseguem responder algumas atividades. Sempre finalizo esse tipo de atividade pedindo que eles ouçam músicas em inglês, assistam a filmes com áudio original com legenda e depois sem a legenda para praticarem essa atividade de ouvir e entender.

No geral, trata-se de uma tarefa de alto grau de dificuldade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

11

Do final da página 24 é apresentada uma atividade de "spoking". O objetivo é que os alunos entendam que alguns marcadores de discurso como: Hey, Well, Oh I see... fazem o diálogo ficar mais fluente. São apresentados dois diálogos. Um mais sintético e outro com marcadores de discurso e outras expressões que deixam o diálogo mais natural e informal. Esse tipo de atividade é muito bem vinda e os mesmos gostam muito. Nessa aula incentivamos a ler em voz alta e explicaram quais motivos levaram a optar pelo diálogo à parte e que gostaram mais. Em seguida os alunos substituíram palavras do diálogo através da pergunta: What's in English? Os alunos usaram palavras que conheciam em inglês para despir outros colegas a responderem corretamente. Essa é uma atividade muito proveitosa, e através de diálogos como esse, os alunos não adquirem autonomia e independência para intervir de maneira direta na conversação proposta. Para finalizar a atividade, fiz perguntas com frases simples e depois mais complexas para revisar tópicos de vocabulário, gramática e conversação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Diário Reflexivo

12
Na aula de hoje trabalhamos um "writing" objetivando reflexão sobre o processo de escrita. Como tratar-se de escrever uma conversação em uma sala de bate-papo, pedi que os alunos pensassem em quais características compõem esse gênero textual. Em seguida, pedi que ficassem em duplas para simularem com o colega a escrita usada em uma conversa informal que esse gênero permite. Precisei ajudar no vocabulário, uso de gírias e outros marcadores de discurso desse gênero textual, uma vez que os alunos não conseguiram elaborar o texto sozinho. De certa forma, apesar das dificuldades, a referida atividade na página 25 começa com perguntas que levaram a um debate muito prazeroso: todos têm experiência como escritores. Todos escrevem da mesma forma. Quando escrevemos é importante pensar em quem será nosso leitor. É sempre necessário reler o texto que escrevemos. Quando escrevemos é importante pensar no gênero textual e suas características. Finalizamos a aula discutindo sobre as dificuldades encontradas, como elas lidaram com elas, e o que farão de diferente quando estiverem em uma sala de bate-papo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Diário Reflexivo

Hoje trabalhei um texto que aborda o multilinguismo presente na Índia e a forte presença da língua inglesa naquele país, devido à ocupação inglesa na Índia por mais de 200 anos. ⁽¹³⁾ O texto é muito interessante e retrata as mudanças que os usuários reais da língua (na Índia) fizeram com o inglês ao longo do tempo. Comentei com os alunos que isso também aconteceu com o português de Portugal e o português falado no Brasil. Aqui posteriormente comentei também que a escrita não é uma tentativa de representar a fala como afirma MARCUSCHI, para este pesquisador, escrita e fala estão relacionadas à língua, cada uma com sua particularidade e características. Chegamos à conclusão de que as citações que abundam o texto poderiam ser melhor contextualizadas, uma vez que sempre há questões que abordam gramática no texto, usando o texto como argumento para trabalhar gramática de forma isolada ou usando recortes do texto para especificar o tempo verbal empregado (p.27, Figueira)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGL

MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Orientando: Josenildo Farias Neto

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Diário Reflexivo

Finalizei a primeira unidade que usarei em meus estudos. Na última página da Unidade I, é pedido que os alunos façam uma "Self-Evaluation" abordando o quão bons eles são nos tópicos descritos. (very good, good, not so good) Alguns dos tópicos em que os alunos devem se auto-avaliar são:

Estratégias de leitura;

Localizar informações no texto;

Identificar os gêneros textuais;

Observar e "imitar" dos falantes;

Usar intonação ao falar;

Revisar tempos verbais;

Usar tópicos gramaticais estudados no capítulo (no, me, the)

Na final da página é solicitado que os alunos escrevam cinco tópicos nos quais eles devem melhorar. Esse exercício foi muito proveitoso, pois permitiu que os alunos explicassem suas dificuldades e porque eles as têm. Lidei algumas ideias para aqueles que desejam praticar o inglês em casa: sites, músicas, crosswords, filmes com áudio original, comic books, etc.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Diário Reflexivo

15

Tendo percebido que muitos alunos não conseguiam se expressar em inglês e também não tinham conhecimentos gramaticais suficientes para responderem as atividades gramaticais propostas no livro didático, resolvi ministrar uma aula sob o sig. comunicativo com enfoque em uma abordagem funcional para ministrar aula de gramática. O tópico escolhido foi o "Present Continuous", uma vez que esse foi o primeiro abordado no livro, não sob seu aspecto de descrever uma ação, mas no uso de preparações. Como apenas "reis" alunos na sala disseram saber o significado do termo "gruindo" apresentado no livro, refletindo sobre isso, preparei uma aula partindo de exemplos práticos na sala de aula para abordar o conteúdo do livro no tocante à gramática. Construímos juntos um texto narrativo, e em seguida apliquei atividade voluntária que os alunos devem registrar opiniões sobre sua forma de entender gramática. O resultado foi muito bom, uma vez que os alunos disseram evidente que sua maneira de estudar inglês além de decorar regras torna o estudo de inglês bem mais dinâmico e prazeroso.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Orientando: Josenildo Farias Neto

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

2

O livro de inglês é bastante interessante, pois além de ser um livro que faz uso de imagens junto a textos, tem o acompanhamento de uma CD que ajuda no aprendizado.

A língua inglesa está se tornando cada vez mais presente no nosso cotidiano, seja nas ruas, em lugares, como restaurantes, cinemas e até mesmo em filmes ou novelas.

O inglês que é usado na escola é muito pouco, pois não temos aulas suficientes, para aprender esse idioma que particularmente acho difícil, além disso as aulas não são interativas, e costumam ficar chatas, poderia fazer uso de slides ou de audios no sala de aula.

A gramática inglesa que foi passada é muito ruim pois tem que decorar grande parte, e a parte que alguns esquece, o certo seria aprender mais o tempo para isso é muito curto, e o professor não diz a desde do fundo, então a importância que tem a língua inglesa.

Embora a gramática exista até o presente momento, não a utilizamos praticamente para nada.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientador: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

3

O livro de inglês é interessante porque em algumas partes fala sobre coisas do cotidiano.

O conteúdo em inglês que vejo na escola em alguns lugares também fora da escola eu encontro nas redes sociais em músicas em inglês, filmes, séries etc. Quando eu fa sei aquele assunto eu fico feliz pois dessa forma vejo que aprendi bastante.

O inglês da escola é pobre, pois tem muitos recursos que podem ser utilizados, mas por falta de recursos o único instrumento utilizado é o livro didático ou em músicas.

Foi uma gramática pobre pois não foi apresentada da forma que eu queria ter sido, eu poderia ter aprendido mas não quis, isso eu poderia só pra hora da prova e depois esqueci foi como se não tivesse aprendido nada.

Não, eu não estudo porque é o assunto passado na escola se eu não aprender não passo de ano.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

4

① Livro é bom porque além de nos ajudar a ^{aprender} ~~aprender~~ um pouco da língua inglesa, nos traz reflexões sobre diversos assuntos do dia-a-dia.

② A língua inglesa ^{nos ajuda} me ajuda em relação a internet, e a entender algumas músicas ^{mais facilmente}.

③ Inglês na escola é sentido em falta, pois não se tem os recursos para ensiná-lo de maneira diversificada.

④ A gramática da língua inglesa foi ensinada de forma a ser decorada, onde não foi ensinado de forma fácil.

⑤ A gramática da língua inglesa não tem muita utilidade no meu dia-a-dia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

5

Com minha esposa e filho "Tabe 05en 3" e Lygal, ajuda o aluno a quando um pouco de inglês.

O ambiente que levo das mãos de meu ensino médio, em relação a matéria de inglês é pouco, pois tenho poucas aulas, mas ajudo no dia a dia, visto que o inglês está presente em todos os lugares, desde quando você pede uma pizza, no delivery, até quando você vai comprar usando o cartão eletrônico.

Inglês em escola pública é muito pobre, visto que tem poucas aulas e falta de estrutura para que se possa mais aprofundar.

A gramática que foi passada, foi passada de uma forma decantada, sem exemplos e exemplos mais interessantes de se aprender.

A gramática que é ensinada nas escolas públicas são passadas dadas de uma forma muito ruim, além disso não é interessante do aluno que depende muito mais ainda, levando assim a ver quase não utilizá-lo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

6

O livro de inglês é muito bom porque tem várias palavras e gírias e isso ajuda muito em nos textos.

A língua inglesa que eu estudo na escola serve quando estou precisando alguma rede social e encontro uma palavra ou texto que foi útil em sala de aula.

Preciso ter mais aulas com os outros alunos interagindo com o professor, mais vídeos, músicas e outras dinâmicas.

A gramática de inglês foi apresentada só pra decorar regras, tu no estudo a gramática da língua inglesa só para passar



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

7

O livro de inglês "Total Contact" para uso escolar, é um livro simples e direto, sem
deixar falta de exploração.

Os alunos de inglês se divertem a compreender de alguma forma de fazer, mesmo que pro-
fundo que tem com língua portuguesa e inglês.

A língua inglesa na escola pública é mal organizada, pois é uma matéria mais
nova para a maioria dos alunos, mas a mesma exige bastante de cada disciplina e
bem organizada do aluno.

A gramática na língua inglesa é ministrada de acordo com o professor, mesmo se
não dependendo do profissional, ela pode ser uma matéria simples ou complexa.

A gramática ensinada nos escolas é a base do básico, mas ainda é útil
para compreender frases simples e de pouca dificuldade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientador: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

8

Com minha opinião, o livro de inglês é legal e interessante, seu nível de dificuldade é mediano, está numa escala de 0 à 10, deu 7.

O inglês que aprendo na escola é bem útil para mim quando ouço música, navego na internet, assisto vídeos, etc.

A língua inglesa na escola ainda é muito pobre, deveriam ter mais aulas durante a semana e estar deixando para avançar, não só como livro, mas com músicas, filmes, vídeos, etc.

A maneira na qual a gramática inglesa foi apresentada a mim, era a aula "decoreba", onde você decora e faz a prova final do ano para ser aprovado, o que gerou um mal aprendizado.

Eu utilizo a gramática na língua inglesa às vezes, durante ferramentas de brincadeira no WhatsApp com amigos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

A minha opinião sobre o livro de inglês é que ele é muito bom, quando usado da melhor forma, há muitos assuntos e tópicos interessantes que nos fazem aprender mais sobre o inglês e suas regras.

Fu uso o inglês que estudo quando vou assistir séries legendadas, usando o computador, sendo jogando ou pesquisando algo e ouvindo músicas.

Ele tem utilidade na aula de inglês (a língua inglesa).

A gramática do inglês foi passada de uma maneira que quem estudava conseguia entender e aprender, pois sempre que estudei ela consegui aprendê-la de forma fácil.

Fu uso esta gramática quando estou assistindo séries ou quase nunca alguns aplicativos e uso as vezes em músicas. E isto lixei quando estou conversando com alguém, porque gosto muito de inglês.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Orientando: Josenildo Farias Neto

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

10

- * Bem eu não gosto muito de inglês, mas a lição bem bacana, tem uns vídeos legais, mas em questão de resolução de atenção e bem complexa, por conta que as atividades são em inglês.
- * Utilizar o inglês no dia-a-dia é um desafio, mas geralmente uso muito em jogos, filmes e principalmente músicas. Também uso em vários lugares.
- * Eu vejo o inglês na escola muito pobre além de não ter métodos instrumentais que utilizem na aula, muitas vezes ainda dão a minha mensagem para começar as aulas.
- * A gramática da língua inglesa foi passada numa mesa de estudo, mas não bem desquidada, a ponto que só consegui aprender de fato nos 22 anos de ensino médio, geralmente meus professores apenas contavam sobre sua vida.
- * Como gramática que estudo na escola, não está apresentando no meu dia-a-dia e por isso não vou levar para nada.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

11

O livro Take Over da autora Gemma Santos é interessante porém não aborda a gramática inglesa de fato, não tem questões a nível de ENEM, por exemplo. Me traz músicas, poemas etc. e isso torna-o um pouco chato.

O que eu estudo na escola, encontro na internet, nos programas de televisão que estão nas embalagens de comidas. Em músicas, propagandas, redes sociais, etc.

Na escola, o inglês é pobre, não é valorizado. Devíamos adicionar mais aulas na semana e deveríamos aprender de fato inglês, falar, cantar, escrever, entender a gramática. Às vezes é mais viável recorrer a um curso de inglês pois a escola não oferece nenhuma alternativa. Inglês é essencial, as escolas precisam entender isso.

A gramática inglesa foi apresentada de forma decorativa, de forma vaga e não contextualizada, tornando-se inútil e sem graça.

Essa gramática é importante tanto quanto a da língua portuguesa, não utilizo hoje porque uso língua nativa e não convivo com pessoas de outros países mas para aprender a falar corretamente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a):

Diário Reflexivo do Aluno

12

O livro de Inglês é agradável, pois tem temáticas que obedecem a realidade prática e não é tão cansativo, porém ele é todo escrito em inglês e isso complica sua melhor compreensão.

Eu acho que o que estude na escola me ajuda em uma melhor compreensão e comunicação a minha volta, pois todo o meio em que vivo contém estrangeirismos.

O inglês na escola deveria ser apresentado de uma forma lúdica, prática e dinâmica, para que seu uso e compreensão foi mais fácil.

A Gramática tem sido muito monótona, nela não consegui aprender suas formas e regras, apenas decorei.

Eu aprendo gramática da língua inglesa somente por ser necessário na escola, mas não a utilizo fora da escola.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientador: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

14

Tendo em vista que o livro *Take Over 3*, é uma ferramenta para o auxílio na aprendizagem de nos alunos, tenho dito que o mesmo superou minhas expectativas, porém espero uma melhor dinâmica para conosco, como mais músicas e etc.

A língua inglesa me ajuda a compreender melhor as músicas que ouço, as séries, filmes, livros, ao obter um conteúdo por exemplo, em produtos diversos, etc.

Na escola deveria oferecer um acervo de livros todo em inglês, através disso teríamos um incentivo a aprender a língua estrangeira, visto o inglês nos diversas matérias através dos nomes de escritores e etc.

Foi de uma maneira avulsa, ou seja, apresentando o básico, tendo em vista que esta é uma base importantíssima para a compreensão de tudo.

Eu não sou em nenhuma situação cotidiana porque primeiramente não sou um fluente na língua e segundo não me relaciono em nenhuma maneira com algum falante, assim sou apenas na sala de aula, nas provas, exercícios e etc. Porém, ela me fez compreender algumas coisas do cotidiano.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

15

Eu gosto do livro de Inglês porque é bastante intuitivo, desde que haja o interesse do aluno em interpretá-lo e torna um livro atraente.

O Inglês, no qual estudo na escola parece muito no meu dia-a-dia porque vejo na internet, em livros e em revistas ou alguns aparelhos que compro e isso me ajuda muito.

Na escola o Inglês não é útil pra mim nos livros de biblioteca porque não há mais meios ^{nem} ~~há~~ uma adaptação ~~de~~ do Inglês dentro da escola.

E dentro da sala de aula.

Durante o Ensino Fundamental a gramática da língua inglesa era apresentada, foi apresentada de forma memorística, só por decoretes, sem exemplos intuitivos. Isso ~~se mudou~~ ~~o~~ não mudou durante o Ensino Médio, porque o professor na aula sempre cita exemplos.

A Gramática que estudo na escola não lembro muito bem, é muito pouco, só temos uma aula por semana, o que estudo é pra passar na prova.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

16

O livro Take Over (3) não é dos melhores para se trabalhar, não sei bem o porquê, mas parece uma didática chata e complicada. A língua ~~está~~ muito na hora de usar a internet, até porque a língua já se tornou universal. ~~nos jogos também~~

Na vida muitas vezes se infere a importância de uma forma sem letra, em todo o meu fundamental só vi o verbo "to be", o que ~~traz~~ muitas vezes uma falta de interesse no alemão. Ela poderia ser focada em ~~gramática~~ "como conversar", sem uma gramática de cara e ~~montana~~ montana.

A gramática da vida não tem muita relevância, porque, além de não ser bem trabalhada durante os anos, ainda não precisa usá-la.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

17

- O livro de inglês, poderia ser mais dinâmico, mas por outro lado é interessante, pois trabalha assuntos da atualidade.
- Vivemos em um mundo globalizado, e onde a língua mais falada é o inglês, que é encontrado em diversas coisas como nos games, nas redes sociais, nas músicas, nos filmes e séries e o que aprendemos no colégio nos ajuda muito, pois conseguimos utilizar esses meios com mais facilidade.
- A língua inglesa ao longo do período escolar é muito pobre, pois apesar de ser ~~uma~~ considerada uma língua fácil se torna difícil, pois aprendemos mais a gramática, que é muitas vezes decorável, do que a prática, no fala, para usarmos no dia a dia.
- A gramática da língua inglesa foi inútil, pois não entendíamos e os professores só ensinava a decorar as regras e todos os anos ~~o pro~~ era ensinada ~~as mesmas coisas~~ as mesmas coisas e ainda assim, não aprendemos.
- A gramática inglesa infelizmente não tem utilidade e muitos alunos acham não se interessando, pois é ~~uma~~ algo repetitivo, e nos faz achar monótono e chato, o que acaba prejudicando, pois precisamos ~~de~~ passar do tempo. ~~quando~~



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

18

O livro é interessante no começo de cada unidade, porque aborda coisas legais de ser comentadas na sala de aula.

Eu uso o inglês que estudo na escola me ajuda a compreender melhor as coisas em inglês que eu encontro no meu dia-a-dia. Mas mesmo assim eu não consigo entender muita coisa.

Desde quando comecei a estudar o material de inglês que não aprendi muita coisa, pois não poucas aulas é divertida mas não mais divertida.

O inglês foi apresentado à mim de uma maneira difícil e muito chata, pois os professores usavam textos difíceis e até agora eu não sei basicamente nada da gramática de inglês.

Eu não uso nada da gramática, tanto porque eu não, então se tiver alguma prova de gramática eu decore, porque eu não aprendi.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientador: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a):

Diário Reflexivo do Aluno

19

- O livro em si é bom, porém tem muita leitura que estimula o aprendizado. Entretanto, falta explicações sobre o conteúdo, mas como estamos no terceiro ano, é aceitável que seja assim.
- Uso jogando e navegando na internet, principalmente quando quero melhorar o meu inglês. Claro, uso ^{um pouco} quando vou ouvir músicas, assistir vídeos, e descobrir outros sites.
- Na aula, aprendo bem mais fora da escola, já que o foco fazenda o que gosto. Para mim, acho difícil aprender inglês na escola, é muito mais fácil para mim aprender no conforto de casa. Na escola é algo muito monótono e chato.
- Maneira divertida, pois é difícil aprender algo por obrigação.
- Tem muita utilidade, é necessário para compreender o conteúdo de jogos ou qualquer outro site que esteja em inglês.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

(20)

É um livro bom, porque tem muitas coisas diferentes e também porque ele faz uma abordagem muito interessante partindo de vários assuntos.

A língua inglesa é bastante utilizada por isso eu acho de fundamental importância, seja para nos comunicarmos ou até mesmo em nossos momentos de lazer, ela sempre está presente no nosso cotidiano.

Na escola o inglês é muito pobre, pois não temos a oportunidade de aprender tanto quanto queremos.

Eu sei de uma maneira decorativa, sinceramente só me serviu para passar na prova no final do ano, ali hoje eu tenho dificuldade na Gramática da língua.

Ela tem utilidade na vida social pois a maioria dos aplicativos exige pelo menos a base da Gramática para melhor compreensão.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGL

MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

(21)

O livro de inglês, é muito bom até porque o próprio o título já dá um pouco do que se trata "Assuma o controle", gosto bastante do livro.

O inglês que vejo na escola em alguns aspectos costumo ver no dia a dia como por exemplo estrangeirismo, músicas, filmes etc.

O inglês da escola, geralmente é uma coisa mais complexa principalmente porque se tem o uso da gramática mas na maioria das vezes se torna complicada de aprender porque não se tem muita aula.

A gramática de inglês foi apresentada de maneira difícil pelo fato que existe regras e de uma forma precisa de ensinar.

Não uso, ^{não} tem utilidade, até porque não entendo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti
Diário Reflexivo do Professor

22

Em minha opinião o livro de inglês é bem complicado porque não entendo muito bem esta língua, todos os exercícios são em inglês.

O inglês que estudo na escola é usado por algumas pessoas de redes sociais em vídeos musicais.

O inglês na escola é muito pobre pois só a gente em sala de aula, maioria das vezes apenas respondendo exercícios do livro. Por isso deveria haver mais contato com estrangeiros e mais vídeos de músicas ou filmes, ensinando a utilizar o inglês no nosso dia-a-dia em vários papéis.

A Gramática da língua inglesa foi muito monótona apenas para decorar regras, que seriam esquecidas com o tempo.

A Gramática da escola não tem muita utilidade no dia a dia pois não fala com pessoas estrangeiras e não sou muito boa em inglês.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientador: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti
Diário Reflexivo do Professor

23

O livro de inglês é muito interessante, porque nele são
têm assuntos diversificados a respeito da sociedade
que podem ser debatidos durante a aula.

O inglês que eu estudo na escola é muito importante
para que eu possa assistir filmes e séries sem
dificuldade e entender um pouco, assim também para jogos
e músicas.

O inglês na escola é legal, mas poderia ser mais in-
teressante, pois praticamos ainda mais essa língua.

A gramática de inglês foi apresentada de uma
forma oposta para deixar os alunos e assim
se tornar chata.

A gramática de língua inglesa não tem muita uti-
lidade na minha vida, elas servem mais para
concluir o curso de Letras.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientador: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

24

O livro de inglês é interessante porque é bem didático e traz exemplos variados, facilitando na aprendizagem.

O que se estuda de inglês na escola geralmente não é muito eficiente, por que não se ensina coisas do dia-a-dia, como seja em filmes legendados e músicas, dessa forma, o que eu aprendo em casa estudando só é mais útil, já que para entender o inglês falado a gramática é o último passo.

O inglês na escola é muito pobre, desde o fundamental é uma matéria que não recebe a importância que deveria, seja dos alunos ou até dos próprios professores, e não é ensinado de maneira "útil" no dia-a-dia, seria mais interessante o uso de músicas, filmes legendados, etc. para que os alunos aprendam a identificar o essencial.

A gramática vem sendo apresentada de forma "não inclusiva", onde os professores pregam a "decoração" e não inserem o aluno no contexto para melhorizar o aprendizado.

A gramática não é muito útil, sendo em vista que ~~aprender~~ ^{para} aprender nos o português, por exemplo, primeiro vai preciso aprender a ~~com~~ nos començar e depois vamos pra escola aprender regras, assim também deve ser com o inglês.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

3º Vespertino

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

25

O livro de Inglês é interessante, e de fácil compreensão. Porém não tenho habilidade no Inglês.

O Inglês estudado na escola, é bem útil quando navego pelo Internet...

Se as aulas de Inglês fossem apresentadas de uma forma mais dinâmica, trabalhando com mais atenção e se a escola fornecesse, toda uma estrutura para melhorar aulas, o índice de aprendizagem aumentaria.

A Gramática da língua Inglesa foi apresentada de uma forma decorada, de uma forma que não me levou a aprender como eu devo ter aprendido.

A Gramática do Inglês estudado na escola eu praticamente não uso, pelo menos até agora nunca usei no cotidiano.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

26

- O livro é bom, porque ensina de forma diversificada o aprendizado do aluno na língua estrangeira.
- Uso pouco a língua inglesa, mas utilizo por exemplo: música, leitura de outdoors, na internet e em legendas.
- Deveria ter mais formas didáticas de aula, como: laboratório de letras e diálogos em inglês durante as aulas.
- Foi uma gramática apresentada de forma difícil pois não ajudou muito no aprendizado, porém muito complexa.
- Não uso, apenas para ajudar a passar de hora.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientador: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

27

O ensino de inglês é bem próximo às atividades avaliativas do aluno e interessante e o conteúdo é fácil de ser compreendido.

O ensino de inglês que eu vejo na verdade é um ensino interessante para os alunos, mas compreendido como conteúdo visto em sala de aula, com situações da minha realidade como em músicas, filmes, placas nas ruas da cidade e etc.

Dentro da escola o inglês só é utilizado na aula de inglês, que nem sempre é interessante para os alunos, pois não possui nenhum recurso para despertar a atenção dos alunos, apenas atividades, conteúdos e quando termina.

A gramática foi apresentada de uma maneira difícil.

Eu aprendo a gramática na verdade mas entendo apenas em alguns momentos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti
Diário Reflexivo do Professor

(28)

O livro de inglês é um livro muito interessante mostrando novas culturas e abordando várias situações se tornando um livro

No meu dia-a-dia eu vejo várias coisas da língua estrangeira que é o estrangeirismo. Nos livros, em casa e também em músicas, na tv e no computador.

Na escola o inglês é mais parte nas aulas de inglês mais também é citado em outras disciplinas como: História, geografia entre outras e inglês no E.A.C. só tem proibido na sala de aula, mas deveria ir além e ser apresentado pelo prof. Josenildo de uma forma clara pelo menos para mim.

A gramática da língua inglesa desde 1º ao 3º foi um terror pois eu não conseguia aprender nada no 9º o prof. ensinou de uma forma mais clara, chegando no 1º e 2º do ensino médio o inglês se tornou mais compreensível e no 3º ficou mais compreensível do que no 1º e 2º do ensino médio.

Nada do que se é ensinado em sala de aula é levado para casa, todo o conhecimento aprendido fica só na escola.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

29

→ Em minha opinião, o livro didático "Take Over" de Denise Santos, apresenta conteúdos muito interessantes para o aprendizado da língua inglesa, porém, o referido livro não está de acordo com o nível de inglês da maioria dos alunos.

→ O inglês que estudo na escola, junto ao meu aprendizado do idioma fora daqui, me ajuda em vários momentos da vida. Consegue entender letras de músicas em inglês, alguns diálogos de filmes e sermões americanos, além dos meus aparelhos eletrônicos, como celular e computador, que configuram no idioma.

→ O inglês na escola é visto, pela grande maioria dos alunos, como algo impossível de aprender e que só é dado porque as escolas têm a obrigação de fazê-lo. O pouco tempo dedicado a disciplina na carga horária, a falta de materiais que auxiliem no aprendizado do dinâmico e a falta de conhecimentos básicos dos alunos no idioma agravam o desinteresse, fazendo a disciplina parecer "chata" para a maioria dos estudantes.

→ A dificuldade que os professores encontram de ensinar o inglês de todos os alunos faz com que os mesmos tenham que ensinar uma gramática, na maioria das vezes, chata e cansativa, que temos que decorar regras para fazer provas. Essa dificuldade prejudica o aprendizado, pois o inglês aparece, para a maioria dos alunos, como uma disciplina inútil que só serve para memorizar regras e esquece depois da prova.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Orientando: Josenildo Farias Neto

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Diário Reflexivo do Professor

30

O ensino de inglês é legal porque as atividades são interessantes e divertidas em outras línguas.

O inglês que eu estudo na escola é interessante por lá porque quanto mais algumas palavras em meu dia a dia.

O inglês na escola eu acho que depende também do professor, porque mesmo não sendo uma tecnologia na escola, mas o professor dando sua aula com competência, o aluno que vem constante a aula.

A gramática da língua inglesa foi apresentada de forma fácil para mim, mas tive algumas dificuldades dependendo do professor.

Eu acredito que a gramática do inglês é uma coisa muito interessante para de alguma forma no dia a dia do gente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL

MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
Orientando: Josenildo Farias Neto
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella
Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti

Aluno (a): _____

Diário Reflexivo do Aluno

31

O livro de inglês é muito interessante, pois aborda assuntos da atualidade e possui um ótimo método de ensino para o aluno aprender mais rápido. Use o inglês para traduzir algumas frases que sei, acho que o que estudo em inglês é muito importante e legal pois além do português sei o inglês básico e consigo desenvolver a língua universal. Também me dá o inglês nos livros, outdoors, filmes entre outros. O inglês é apresentado através do livro didático, mas acho que era pra ter mais métodos para o aluno compreender (entender) entender o inglês mais facilmente, tornando assim o ensino melhor. A gramática da língua inglesa foi apresentada razoavelmente, pois não é fácil aprender a gramática de inglês, meus professores faziam exercícios para adotar mais rápido a gramática. A gramática é muito útil pois ajuda a decifrar as frases com facilidade. Eu sei um pouco sobre a gramática inglesa e gostaria de aperfeiçoar mais meu conhecimento, para assim conseguir ser (fluido) fluente em inglês.

APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), QUE FOI ASSINADO PELOS RESPONSÁVEIS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntári(o,a) da pesquisa e pelo responsável)

Eu _____, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo LIVRO DIDÁTICO DE LINGUA ESTRANGEIRA: UMA PERSPECTIVA TRANSGRESSORA, recebi do PROFESSOR JOSENILDO FARIAS NETO, da ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ QUINTELLA CAVALCANTI, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a: Pesquisa de Projeto a título de Mestrado
- Que a importância deste estudo é a de: contribuir para a otimização no ensino de LE
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: algumas formas de transgredir a gramática proposta no livro didático podem render um resultado melhor do que o proposto de forma mecânica e descontextualizada.
- Que esse estudo começará em **I Semestre de 2015** e terminará em **II Semestre de 2015**.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: através de questionários e atividades que tenham como foco uma diferente perspectiva de lecionar gramática
- Que eu participarei das seguintes etapas: Etapa de coleta de dados e questionários, que correspondem a primeira etapa da pesquisa.
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: **NENHUM**
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: **NENHUM**
- Que deverei contar com a seguinte assistência: Não havendo riscos à saúde, não há necessidade de formas de assistência, sendo responsável(is) por ela : o **professor Josenildo Farias Neto**.
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: melhoras no ensino e aprendizagem de Língua Inglesa.
- Que a minha participação será acompanhada do seguinte modo: com aulas ministradas pelo professor, que será o condutor da pesquisa.



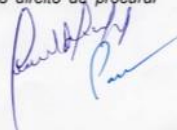
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que eu deverei ser ressarcido por todas as despesas que venha a ter com a minha participação nesse estudo, sendo-me garantida a existência de recursos **OU** Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.
- Que eu serei indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa, podendo ser encaminhado para (descrever instituição que o sujeito da pesquisa poderá ser encaminhado para minimizar ou sanar os danos da pesquisa, caso seja a proposta do pesquisador)
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Nas pesquisas com metodologias experimentais na área biomédica, envolvendo seres humanos, incluir:

V.4 – ...

- a) explicitar, quando pertinente, os métodos terapêuticos alternativos existentes;
- b) esclarecer, quando pertinente, sobre a possibilidade de inclusão do participante em grupo controle ou placebo, explicitando, claramente, o significado dessa possibilidade; e
- c) não exigir do participante da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não deve conter ressalva que afaste essa responsabilidade ou que implique ao participante da pesquisa abrir mão de seus direitos, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.



Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):
Bloco: /Nº: /Complemento:
Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:
Ponto de referência:

Contato de urgência: Sr(a).


Domicílio: (rua, praça, conjunto)
Bloco: /Nº: /Complemento:
Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:
Ponto de referência:

Endereço d(os,as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Josenildo Farias Neto
Endereço : Rua Cícero Torres, 421
Bloco: /Nº: /Complemento:
Bairro: /CEP/ Brasília – 57 313 170, Arapiraca, AL
Telefones p/contato: (82) 9961 6158

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º , de Universitária
Telefone: 3214-1041

Maceió,

	 Programa de Pós-Graduação em Linguística e Linguística - PPG.L.F.Fale/Ufal Prof. Dr. Paulo Rogério Stella Coordenador
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rúbricar as demais páginas)

ANEXO A – UNIDADE 1 DO LIVRO DIDÁTICO

TAKE ACTION

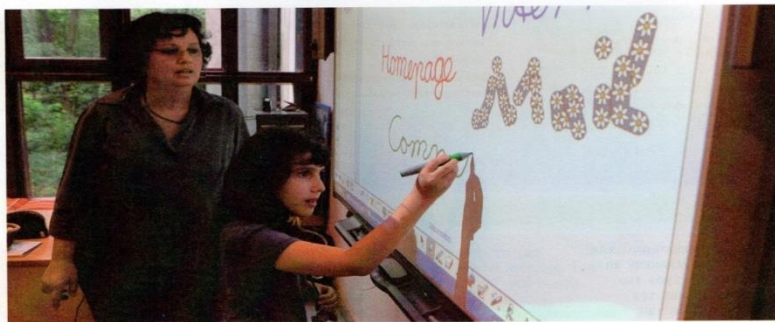
Use o teste a seguir para verificar sua habilidade em ler textos em inglês, bem como para rever alguns pontos de vocabulário e gramática em inglês.

Leia rapidamente o texto abaixo, bem como os Exercícios 1 a 11. Com base nessa leitura rápida, selecione algumas estratégias da lista a seguir para auxiliá-lo durante a realização da atividade.

- Apoio em palavras transparentes
- Uso de um dicionário bilingue
- Uso de uma gramática ou livro didático como referência
- Uso de parte de uma palavra para entendimento de seu significado
- Apoio nas imagens e no título do texto
- Atenção aos *false friends*
- Uso de previsões (do assunto, das respostas) antes da leitura
- Leitura para informações específicas (*scanning*)
- Apoio em conhecimento prévio (de mundo, de inglês, de organização de textos)
- Identificação das *key words* e uso de seu apoio na leitura
- Identificação e compreensão das expressões de tempo usadas no texto

Foreign Language Learning and Teaching

To many people, the most obvious way of reducing some of the power of the language barrier is to promote the teaching and learning of foreign languages in a variety of child and adult education settings. This widely practised approach is undoubtedly very successful, as can be judged by the millions who succeed in mastering a foreign language, even to levels that are comparable to those achieved by 'natural' bilinguals. English-speaking monoglots often express amazement at the linguistic proficiency displayed by foreigners [...] and conclude that foreigners must have a 'gift' for language learning, which they lack, or that English must be a particularly easy language to learn. There is no basis for these suggestions. A few gifted language learners do exist, but most people arrive at their fluency only as a result of hard work, expended over a considerable period of time. (From Crystal, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 3rd edition, 2010. p. 388.)



- 1** Encontre pelo menos 15 *transparent words* no texto.
- 2** Associe os significados em português às expressões correspondentes em inglês. Se necessitar, volte ao texto para contextualização.
- | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|
| a. a força da barreira linguística | () as a result of hard work |
| b. abordagem amplamente praticada | () language learning |
| c. aprendizagem de línguas | () widely practised approach |
| d. uma língua particularmente fácil | () the power of the language barrier |
| e. como resultado de trabalho árduo | () a particularly easy language |
- 3** Marque a alternativa em que o uso do gerúndio em "... the most obvious way of **reducing** some of the power of the language barrier..." é justificada.
- () O verbo "reduce" é normalmente usado no gerúndio.
 - () O verbo encontra-se antes da palavra "some".
 - () O verbo encontra-se depois de uma preposição.
 - () O verbo encontra-se perto da palavra "way".
- 4** Em "... to promote the teaching and learning of foreign languages in a variety of child and adult education settings." o seguinte trecho é omitido entre *child* e *and*:
- () education
 - () education settings
 - () teaching and learning
 - () foreign languages
- 5** A que *who* em "... who succeed in mastering a foreign language..." (line 4) se refere?
- () bilinguals
 - () foreign language learners
 - () the millions
 - () English-speaking monoglots
- 6** Use o contexto para inferir o significado de *gift* em "... foreigners must have a 'gift' for language learning..." (lines 6-7).
- () recompensa
 - () presente
 - () brinde
 - () talento
- 7** Que ideia é expressa por *do* em "A few gifted language learners do exist..." (line 8)?
- () ênfase
 - () repetição
 - () maneira
 - () tempo
- 8** Marque a alternativa verdadeira sobre o texto.
- () Em "... English must be a particularly easy language to learn." (line 7), *must* denota ideia de obrigação.
 - () Em "... even to levels that are comparable..." (line 4), *even* significa "nem mesmo".
 - () Em "... which they lack..." (line 7), *which* refere-se a "'a gift' for language learning...".
 - () O advérbio *undoubtedly* em "... undoubtedly very successful..." (line 3) indica que o sujeito da oração não foi muito bem-sucedido.

9 Qual das alternativas a seguir completa a frase: A maioria dos verbos do texto encontra-se no ___ e este uso é justificado porque o texto trata de ___.

- a. () *Simple Present* – fatos gerais que não se limitam ao momento da fala
- b. () *Present Progressive* – eventos que acontecem no momento da fala
- c. () *Present Perfect* – ações que começaram no passado e têm consequências no presente
- d. () *Simple Past* – fatos que ocorreram no passado

10 Selecione a alternativa que completa cada frase.

- a. My brother ___ Portuguese for foreigners. He has a lot of students.
() teaches () teach () taught () has taught
- b. Listen! That woman ___ English. Let's talk to her.
() speaks () is speaking () spoke () has spoken
- c. Their son ___ English for many years.
() learns () learned () is learning () has learned
- d. Last year my students ___ hard and achieved excellent results in their linguistic proficiency.
() work () worked () were working () have worked

11 Sublinhe a alternativa que contém uma conclusão que pode ser tirada sobre o texto.

- a. () It is impossible to learn a foreign language.
- b. () English speakers usually learn a second language.
- c. () There are many English speakers in the world because English is an easy language to learn.
- d. () Language learning requires a lot of work.

12 Em pares ou pequenos grupos, reflitam sobre o processo de leitura nesta seção, debatendo sobre as perguntas:

- a. As estratégias selecionadas antes da leitura auxiliaram a tarefa?
- b. Como você aplicou as estratégias selecionadas?
- c. O que poderia ser feito para tornar a aplicação dessas estratégias mais eficaz em leituras no futuro?

You can read more about reading strategies in the section *Tools for Learning* on pages 188-192.

Sugerimos algumas respostas possíveis na p. 203. Lá você pode avaliar seu resultado. Você também pode usar as informações na seção *Grammar Reference* na p. 178 para fazer uma revisão sobre tempos verbais e esclarecer alguma dúvida relativa a este assunto nos exercícios acima.

Se achou esse teste difícil, recomendamos que o faça novamente daqui a alguns meses, e de novo no final do ano. Você então notará o progresso que fez no seu conhecimento e habilidades em inglês!

1

Language in Society

BRITISH COUNCIL
Learning

Teaching Exams International experience

LEARN ENGLISH

Whatever your level in English, we can help you test and develop your English language skills. There are a variety of courses in the UK, in your country and online. Explore below the exciting learning opportunities British Council has to offer you to improve your English language skills.

LEARN ENGLISH IN YOUR COUNTRY

We are your best starting point for learning English. We have offices in 110 countries so you can learn English language in your country with us.

LEARN ENGLISH ONLINE

Our free LearnEnglish site can help you learn English through interactive content.

THE AUSTRALIAN

THE HEART OF THE NATION

Blooming marvellous

...deliciously discovers the...
...in the parks of Tokyo



JASWANT SINGH REVOLTS
BUDGET EXPECTATIONS
WHAT INDUSTRY WANTS


www.indiatoday.in

SPECIAL ISSUE

INDIA TODAY

AN EXCLUSIVE SURVEY

India's BEST COLLEGE



IN CONTEXT

Do speakers of the same language speak in the same way?
Are some dialects more prestigious than others?
How would you describe your dialect? How do other people describe it?

ARTS
COMMERCE
SCIENCE
LAW
ENGINEERING
MEDICINE

IN POWER

- 1 Read the text on page 16 quickly and think: What is the text about?
- 2 Read the text quickly and find at least 25 transparent words.
- 3 In pairs, read the text looking for the answers to Exercise 1 on page 17.

Using different strategies at the same time can help your reading. Read more about this strategy on page 188.

Regional and Social Dialects



Telephone rings.

Pat: Hello.

Caller: Hello, is Mark there?

Pat: Yes. Just hold on a minute.

⁵ Pat (to Mark): There's a rather well-educated young lady from Scotland on the phone for you.

When you answer the telephone, you can often make some pretty good guesses about various characteristics of the speaker. Pat was able to deduce quite a lot about Mark's caller, even though the caller had said nothing explicitly about herself. Most ¹⁰ listeners can identify children's voices without any problem. When the caller is an adult it is usually easy to tell whether a speaker is female or male. If the person has a distinctive regional accent, then their regional origins will be evident even from a short utterance. And it may also be possible to make a reasonable guess about the person's socio-economic or educational background, as Pat did.

¹⁵ No two people speak exactly the same. There are infinite sources of variation in speech. A sound spectrograph, a machine which represents the sound waves of speech in visual form, shows that even a single vowel may be pronounced in hundreds of minutely different ways, most of which listeners do not even register. Some features of speech, however, are shared by groups, and become important ²⁰ because they differentiate one group from another. Just as different languages often serve a unifying and separating function for their speakers, so do speech characteristics within languages. The pronunciation, grammar and vocabulary of Scottish speakers of English is in some respects quite distinct from that of people from England, for example. Though there is variation within Scotland, there are also ²⁵ some features which perform an overall unifying function. The letter *r* in words like *girl* and *star* is pronounced in a number of English-speaking areas, and Scotland is certainly one of them. And a Scot is far more likely to say *I'll not do it than I won't do it*.

(From Holmes, Jane. *An Introduction to sociolinguistics*. Third edition. Harlow: Longman Pearson, 2008. pages 127-128.)

1 Are these statements about the text true (T) or false (F)?

- a. () A pessoa que fez a ligação não se apresentou nem deu detalhes sobre ela para quem atendeu o telefone.
- b. () A pessoa que atendeu o telefone fez alguns comentários sobre a pessoa que fez a chamada porque já conhecia aquela pessoa.
- c. () Se uma pessoa tem um sotaque regional marcante, ela precisa falar só um pouco para que outras pessoas identifiquem seu sotaque.
- d. () Todos os falantes de uma língua falam da mesma forma.
- e. () O texto usa o dialeto irlandês para ilustrar algumas diferenças da língua inglesa.

2 Match the words on the left with their translations on the right.

- a. speaker () sotaque
- b. voices () vogal
- c. utterance () ouvinte
- d. vowel () falante
- e. speech () adivinhações, inferências
- f. accent () vozes
- g. listener () fala (específica, uma fala/expressão)
- h. distinctive () fala (geral, a faculdade da fala)
- i. guesses () marcante, característico

3 Find a false friend in "There's a rather well-educated young lady from Scotland".

4 Answer in Portuguese: What is a spectrograph? And what does it do?

5 Find in the text two specific characteristics of the English spoken in Scotland.

6 In which of the following words from the text does the ending -er have the same function as in *speaker* (line 8)?

- a. () caller
- b. () rather
- c. () answer
- d. () however

7 Which of these modals can replace the underlined words in "Pat was able to deduce quite a lot" and "And it may also be possible to make a reasonable guess" with no change in contextual meaning?

- a. () can – might
- b. () could – can
- c. () might – should
- d. () would – will

8 Which of these options contains the same idea as in "And a Scot is far more likely to say *I'll not do it* than *I won't do it*." (lines 27-28)?

- a. () A Scot will certainly say *I'll not do it* rather than *I won't do it*.
- b. () A Scot will never say *I'll not do it*. He or she will always say *I won't do it*.
- c. () A Scot will probably say *I'll not do it* instead of *I won't do it*.
- d. () A Scot may equally say *I'll not do it* or *I won't do it*.

FURTHER ACTION

1 Read the text again and identify the line(s) where you can find those details.

a. O dialeto usado por um falante pode nos permitir inferir a origem geográfica dessa pessoa, bem como algumas de suas características educacionais e socioeconômicas.

b. Não existem duas pessoas que falem da mesma maneira.

c. Diferentes modos de falar uma mesma língua unificam um grupo de falantes e diferenciam-nos de outros.



It's important to be able to identify the place in the text where something is said. Read more about this strategy on page 188.

Critical Thinking

Com base no cartum abaixo, troque ideias com os colegas: Por que o garçom faz esta pergunta? Que ideias um "French accent" poderia trazer ao contexto da cena? Como você reagiria se estivesse no lugar do casal? Por quê?



[From <<http://www.cartoonstock.com/cartoonview.asp?catref=wwe0511>>, retrieved on 5 May, 2013.]

IN FOCUS

1 What idea does the underlined word express?

"... features of speech, however, are shared by groups..." (line 19)

- a. () addition b. () contrast c. () condition d. () purpose

2 What idea do the underlined words express?

"Pat was able to deduce quite a lot about Mark's caller, even though the caller had said nothing explicitly about herself." (lines 8-9)

"Though there is variation within Scotland..." (line 24)

- a. () addition b. () concession c. () cause d. () consequence

Discovering Grammar

Review of verb tenses

1 The sentences below are from the text on page 16. Read them and match the columns indicating the verb tenses used in the sentences.

- a. "Pat was able to deduce quite a lot about Mark's caller..." (lines 8-9) () Past Perfect
- b. "... even though the caller had said nothing explicitly about herself." (line 9) () Future with *will*
- c. "If the person has a distinctive regional accent..." (lines 11-12) () Simple Past
- d. "... then their regional origins will be evident even from a short utterance." (lines 12-13) () Simple Present

2 Now answer: From the verb tenses listed above, which is used to talk about:

- a. facts, events, habits, repeated actions? _____
- b. events and feelings in a definite time in the past? _____
- c. past events that happened before other past events? _____
- d. future events, including predictions? _____

3 Read the sentences below and mark the alternatives that are true about them.

I read about dialects in my Portuguese class last year.

I have been reading about dialects since 2012.

- a. () Both sentences describe events that happened in a definite time in the past.
- b. () The second sentence describes an event that started in the past but continues up to the present.
- c. () The first sentence uses the Simple Past because it describes an event that happened in a definite time in the past.
- d. () The second sentence uses the Present Perfect Progressive.

For more details about verb tenses, see pages 178-179.

So and Neither

1 In the excerpt below, *so* indicates the introduction of:

Just as different languages often serve a unifying and separating function for their speakers, *so* do speech characteristics within languages.

- a. () an opposite idea.
- b. () a conclusion.
- c. () a similar idea.

2 From the sentence above, you can conclude that when *so* is used to link ideas with the same meaning, it is followed by:

- a. () the auxiliary verb + the subject.
- b. () the subject + the auxiliary verb.

3 Mark the alternatives that are true about the following sentences:

I speak English and so do you.

I don't have a Scottish accent and neither do you.

- a. () Both sentences are in the negative form.
 b. () Both sentences are in the affirmative form.
 c. () Both sentences are formed by two parts with similar ideas.
 d. () Neither is used to link negative ideas with the same meaning.

For more details
about So and Neither,
see pages 179-180.

Grammar Practice

1 These sentences are about the text on page 16. Mark T (for true) or F (for false). Then, in your notebook, rewrite the false sentences in the negative form, making them true.

- a. () The lady from Scotland wanted to speak to Pat.
 b. () The lady from Scotland could speak English.
 c. () The caller had identified herself when Pat passed on the phone to Mark.
 d. () We can make reasonable guesses about a person's height when we hear his or her voice.
 e. () A sound spectrograph represents the sea waves in visual form.

2 Complete the sentences with the past tense of the verbs in the box.

study	speak	write	know	read	spend
-------	-------	-------	------	------	-------

- a. Last night I _____ a fascinating text about World Englishes.
 b. Last summer I _____ a month in France, and I ended up learning some French.
 c. Some months ago the students in Class 33 _____ about indigenous languages in Brazil and they _____ an article for the school newspaper about the topic.
 d. The guest speaker _____ a lot about the world's languages and he _____ for thirty minutes about endangered languages.

3 Complete the questions, using the verbs below in the appropriate tense.

read	record	understand	have
------	--------	------------	------

- a. " _____ a carioca accent?" "Yes, I do. I'm from Rio."
 b. " _____ what that guy from South Africa said?" "No, I didn't understand much. I'm not used to South African English."
 c. " _____ that text about dialects?" "Yes, I've read it twice. It's very interesting."
 d. " _____ your voice for that study on Brazilian Portuguese?" "Yes, I will. I think it's very important to participate in things like those."

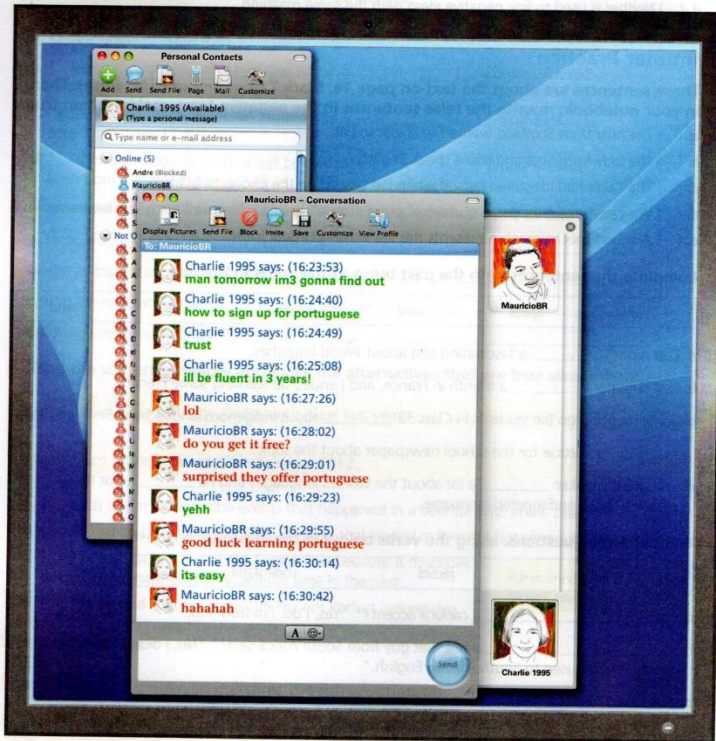
4 Match the columns.

- a. English has many pronunciations for the letter r... () ... and so have you.
 b. I've heard many different words for "ônibus" in Portuguese... () ... and neither will you.
 c. I didn't write about dialects and accents... () ... and so does Portuguese.
 d. I won't study Linguistics at the university... () ... and neither did my friend Pete.

IN SYNCH

> Participating in Instant Messengers

- 1 For each sentence, choose the right alternative based on what you can see on the screen.



- a. A tela reproduz o computador que está sendo usado por () Charlie 1995 () MauricioBR
 b. Os usuários () usam () não usam letras maiúsculas.
 c. Os usuários () usam () não usam pontos finais ao final de suas linhas.
 d. Os usuários () usam () não usam pontos de interrogação para indicar perguntas.
 e. Os usuários () usam () não usam apóstrofes nas suas contrações.

INTEGRATING

Reading

1 **Observe the image and discuss in small groups:**
Do you recognize those characters? What do you know about them?



2 **Read the excerpt below quickly for a general idea and complete the sentences:**

Ross: (arriving in the flat) Hello!

Monica: Hey, how did the lecture go?

Ross: It went great! And I didn't need any jokes, or naked chicks either.

Rachel: Oh, that's great Ross. I'm sorry we weren't more supportive before.

Ross: I knew all I had to do was let the material speak for itself. Everyone is all like, 'Ross, you have to be funny, and sexy'. Well, I proved them wrong. And now, I'm going to pass the news onto Joey and Chandler.

Monica: That you're not funny or sexy?

Ross: That's right.

[...]

(outside the lecture room)

Rachel: Well we're a little early, the lecture doesn't end for fifteen minutes.

Monica: Yeah but you know, we can sneak in and watch.

[...]

(in the lecture room)

Ross: (delivering his lecture, using a British accent) Right, so when Rigby got his samples back from the laboratory, he made a startling discovery. What he believed to be igneous was in fact sedimentary. Imagine his consternation when... (looks to the side and sees Rachel and Monica who look surprised at him) oh, bloody hell.

(Excerpts from the episode "The One where Joey Loses His Insurance", viewed on http://www.youtube.com/watch?v=QLBVKVUSP_Ms on 12 March 2013.)

- The text is an example of a _____.
- The parts in parenthesis indicate _____.
- The names Ross, Monica and Rachel before each part indicate _____.

3 **Read the text again and answer: Are these statements about the text true (T) or false (F)?**

- () In the first part of the text, Ross talks about the success of his lecture.
- () Monica and Rachel decide to videorecord Ross's lecture.
- () In his lecture, Ross speaks in a British accent.
- () Rachel and Monica don't react to Ross's accent with surprise.

4 **In groups, discuss in Portuguese:**

- Em um roteiro, os diálogos são tão importantes quanto as informações sobre as ações que os acompanham, dadas em parênteses.
- Não se pode afirmar que os falantes que usam um certo dialeto são mais inteligentes do que os que usam outras variantes linguísticas.

Listening

1 Before listening, read the instructions in Exercise 2 and talk to your friend: Which of the strategies listed below may help you in your listening?

- | | |
|---|--|
| • Prestar atenção a tempos verbais ao ouvir | • Visualizar o que é ouvido |
| • Identificar diferentes variantes linguísticas | • Perceber ideias gerais |
| • Refletir sobre o gênero textual ouvido | • Identificar informações específicas, incluindo palavras-chaves |
| • Tomar notas ao ouvir | • Ativar conhecimento prévio |
| • Trocar ideias sobre o que se ouve | |



2 Listen to the CD and answer the questions.

a. How many speakers are there in the passage? _____

b. What is the topic of the passage?

c. Are these alternatives true (T) or false (F)? Justify your answer.

() In the USA, everybody uses a flap in words such as *forty*.

() In the UK, nobody uses a flap in words such as *forty*.

d. Which of these words are mentioned in the passage?

() butter () better () later () water () latter () letter

() party () matter () meter () forty () Betty () bitter

3 In groups, discuss in Portuguese:

a. A reflexão inicial sobre estratégias de escuta (Exercise 1) facilitou a tarefa?

b. Alguma estratégia foi especialmente útil ao fazer o Exercise 2?

c. É possível usar estratégias a fim de facilitar a compreensão oral em inglês?

Speaking

1 Read the two dialogues below and discuss in pairs: Which dialogue sounds better? Why?

Dialogue 1

Claudio: What's "caminhão" in English?
Sarah: That depends.
Claudio: Huh?
Sarah: In the US, it's *truck*; in the UK, it's *lorry*.
Claudio: I never knew there were different words for that.

Dialogue 2

Claudio: Hey, Sarah, what's "caminhão" in English again?
Sarah: Well, that depends...
Claudio: What do you mean by that?
Sarah: In the US, they say *truck*; in the UK, *lorry*.
Claudio: Oh, I see! I never knew there were different words for that! Thanks for your help.

- 2** In pairs, make dialogues about the vocabulary in the table below. For reference, use the previous dialogues and your reflections about them in Exercise 1.

					
French fries	batatas fritas	chips	gas	gasolina	petrol
sidewalk	calçada	pavement	awesome	maneiro, legal	wicked
truck	caminhão	lorry	fall	outono	autumn
elevator	elevador	lift	street	rua	road
parking lot	estacionamento	car park	cell phone	telefone celular	mobile phone
soccer	futebol	football	sneakers	tênis (calçado)	trainers

- 3** In groups, discuss: What have you learned in this section about the English language? And about ways of using the English language?

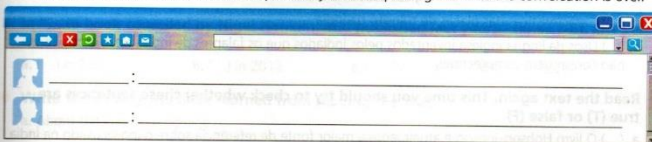
Writing

- 1** What do you think about these statements? Discuss in groups (in English or in Portuguese).

- We all have experience as writers.
- We always write in the same way.
- When we write it is important to think about our potential reader.
- It is always necessary to re-read and revise the texts we write.
- When we write it is important to think about the genre and its characteristics.

- 2** You are going to participate in an instant messaging conversation.

- a. In groups, discuss: What do you know about the language used in instant messengers?
- b. In pairs, choose one topic related to "Language in Society" for your conversation. Some ideas are: learning English / English varieties / Languages around the world / Using English to communicate on the Internet / Using English to understand movies and songs.
- c. Choose a nickname for you to use in your conversation.
- d. In your notebook, create a "computer screen" like the one below for your conversation. Write your nickname and the first message and exchange notebooks with a friend. Then respond to your friend's message and he/she will respond to yours. Keep doing this until the conversation is over.



- 3** Discuss:

- What difficulties did you encounter during the activity? How did you deal with them?
- What will you do differently the next time you participate in an instant messaging conversation?

1 Skim the text and mark the alternative that best summarizes its main idea.

File Edit Favorites Tools View Help
Address http://www.davidcrystal.com/DC_articles/English5.pdf

Mother-tongue India

Talk for Lingua Franca (ABC, Australia), January 2005
David Crystal

[...] Collections of Indian English vocabulary have been around for over a century. A large book known as *Hobson-Jobson* was the first, published in 1886. It is largely of historical interest now, and there have been attempts to supercede it, such as *Hanklin-Janklin* (a book compiled by Nigel Hanklin, and published last year). But no dictionary has yet catalogued the extraordinary stylistic range and regional diversity of Indian English. Just as Australian and New Zealand English have developed in their own directions, so it is with Indian English. We encountered hundreds of distinctive usages on our travels, such as *pre-owned* (meaning 'used cars'). Phone numbers for calling friends and family are called *near and dear numbers*. Something that's free of charge is said to be *free of cost*. A work surface in a kitchen is called a *kitchen platform*. Words are also broken in different ways. In New Delhi the signs warn of an approaching ROUND ABOUT – the two words are separated by a space. Above a store we read SUPER MARKET. A housing ad offers PENT HOUSES. Outside the University of Mumbai is the greeting WEL-COME, with the two elements separated by a hyphen. A roadside warning reads LAND SLIDE PRONE AREA. Another says OVER-SIZE VEHICLES KEEP LEFT. I was continually being surprised by distinctive uses of space or hyphens. [...]

A Índia é um país multilíngue, onde se falam centenas de línguas. Mas o inglês tem presença importante no país devido à ocupação inglesa na Índia por mais de 200 anos, até 1947. Estima-se que cerca de 250 milhões de indianos saibam falar inglês com diferentes níveis de proficiência.

MINI-GLOSSARY

roundabout	rotatória, rôtula (no trânsito)
penthouse	apartamento de cobertura
landslide	deslizamento de terra

(From http://www.davidcrystal.com/DC_articles/English5.pdf, retrieved 10 March 2013.)

- a. () Os livros que descrevem a variante da língua inglesa usada na Índia.
b. () Particularidades da língua inglesa usada na Índia.
c. () Características das placas de trânsito na Índia.
d. () Usos da língua inglesa inventados pelos indianos que os falantes de inglês de outros países não conseguem compreender.

2 Read the text again. This time you should try to check whether these sentences are true (T) or false (F).

- a. () O livro Hobson-Jobson é atualmente a maior fonte de referência sobre o inglês usado na Índia.
b. () Não existem dicionários que apresentem a diversidade regional do inglês usado na Índia.
c. () Na Índia, chamam-se carros de segunda-mão de "used cars".
d. () O inglês usado na Índia é caracterizado pela frequência de hífens e separações especiais entre palavras.

3 From the text, you can infer that the author:

- a. () is from India.
- b. () lives in India.
- c. () traveled in India before writing the article.
- d. () uses Indian English in his everyday life.

4 Which of the following options rephrases the following sentence appropriately: "Just as Australian and New Zealand English have developed in their own directions, so it is with Indian English."?

- a. () Australian and New Zealand English have developed in their own directions, and so does Indian English.
- b. () Australian and New Zealand English have developed in their own directions, and so has Indian English.
- c. () Australian and New Zealand English have developed in their own directions, and so did Indian English.
- d. () Australian and New Zealand English have developed in their own directions, and neither is Indian English.

5 In "We encountered hundreds of distinctive usages on our travels..." (lines 11-12), what uses are being talked about?

- a. () uses of British English
- b. () uses of Australian English
- c. () uses of New Zealand English
- d. () uses of Indian English

6 What does the writer mean in "I was continually being surprised by distinctive uses of space or hyphens." (lines 23-24)? Answer in Portuguese, and give examples.

7 Observe the underlined words in "Collections of Indian English vocabulary have been around for over a century." and answer.

- a. What verb tense is being used?
() Simple Present () Present Perfect () Past Perfect () Past Perfect Progressive
- b. Why was that tense used? Answer in Portuguese.

8 In "... (a book compiled by Nigel Hanklin, and published last year)." (lines 7-8), last year means:

- a. () in 2004.
- b. () in 2012.
- c. () in 2014.
- d. () in 2016.

9 Write something you have learned from reading the text:

- a. About the English language:

- b. About what you need to do when reading in English:



SELF-EVALUATION

Use the space below to record your progress and your study plans.

How good are you at...?		VERY GOOD 😊	GOOD 🙂	NOT SO GOOD 😞
SKILLS AND STRATEGIES	Using more than one strategy at the same time			
	Being able to locate information in a text			
	Identifying the characteristics of a genre when reading			
	Paying attention to "action" and "dialogue" in screenplays			
	Listening for gist (general idea)			
	Paying attention to key words while listening			
	Paying attention to accent while listening			
	Using discourse markers while speaking			
	Expressing doubt and understanding orally			
	Using the appropriate intonation when interacting orally			
GRAMMAR	Chatting on on-line messengers			
	Review of verb tenses			
VOCAB.	So ... / Neither ...			
	Discourse markers for concession: <i>even though, although, though</i>			
	Discourse markers for condition: <i>if, whether</i>			
	Intensifiers: <i>quite, rather, pretty</i> etc.			

Choose five areas in which you need further practice and write your action plan here. Tick the box on the left after you have practiced.

<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____

Don't forget: You can find extra exercises about this unit in the sections *On Your Own* and *Communicating* at the end of the book.

ANEXO B - DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA



ESCOLA EST. DE EDUCAÇÃO BÁSICA
PROF. JOSÉ QUINTELLA CAVALCANTI
Autorização Pelo Processo em:
Tramitação nº 0021438-0/2005
D. O. de 24/07/06 SEE/AL
Arapiraca - Alagoas

ESTADO DE ALAGOAS
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
5ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
Rua João Ribeiro Lima, 101 – Centro – Arapiraca / AL – CEP 57300-300
Fone: (82) 3530-7257 / 3522-1729 / Scre@educ.al.gov.br

ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA PROFESSOR JOSÉ QUINTELLA CAVALCANTI
AV. JOSÉ VENTURA DE FARIAS, S/N – ELDORADO – CEP: 57306-010-ARAPIRACA/AL
E-MAIL: eequintellacavalcanti.see.al@gmail.com FONE: (82)3521-4526

DECLARAÇÃO

Declaramos para os fins que se fizerem necessários que o professor **JOSENILDO FARIAS NETO**, CPF: 842.435.624-15, Matrícula: 83.067-4, lotado nesta instituição de ensino, usará o espaço físico da referida escola, especificamente as turmas da 3ª série do Ensino Médio do turno vespertino, para pesquisa de curso do Mestrado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

A pesquisa mencionada culminará com a dissertação de mestrado do referido professor, que é aluno regular no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da UFAL.

Atenciosamente,

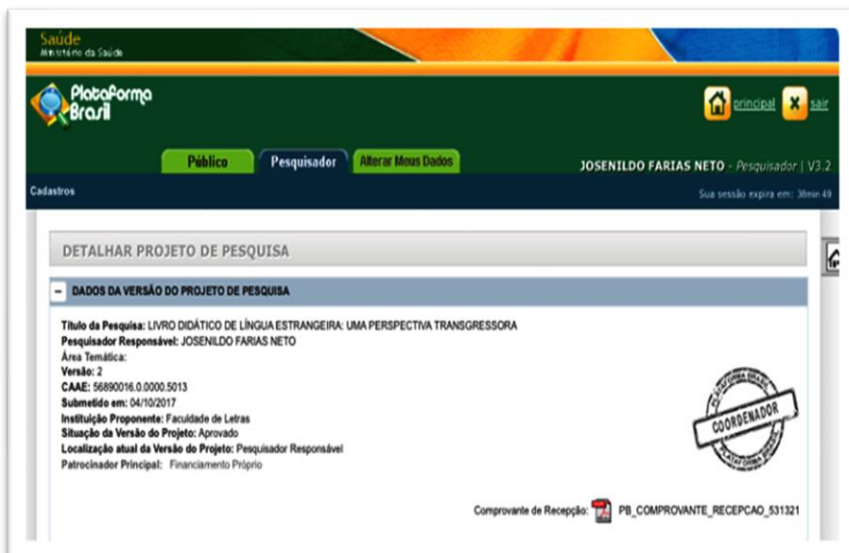

Djaine Luiz da Silva Filho
Diretor Adjunto
Matrícula: 9806416-6
Portaria: 428/2013

Arapiraca, 14 de Julho de 2015

Secretaria de
Educação



ANEXO C - APROVAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA PLATAFORMA BRASIL (COMITÊ DE ÉTICA)



The screenshot shows the 'Plataforma Brasil' web interface. At the top, there is a header with the 'Saúde' logo and 'Ministério da Saúde'. Below this, the 'Plataforma Brasil' logo is visible. The user is identified as 'JOSENILDO FARIAS NETO - Pesquisador | V3.2'. The page title is 'DETALHAR PROJETO DE PESQUISA'. A section titled 'DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA' contains the following information:

- Título da Pesquisa: LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PERSPECTIVA TRANSGRESSORA
- Pesquisador Responsável: JOSENILDO FARIAS NETO
- Área Temática:
- Versão: 2
- CAAE: 56890016.0.0000.5013
- Submetido em: 04/10/2017
- Instituição Proponente: Faculdade de Letras
- Situação da Versão do Projeto: Aprovado
- Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
- Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

A circular stamp with the text 'COORDENADOR' is visible on the right side of the details. At the bottom right, there is a 'Comprovante de Recepção' with the ID 'PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_531321'.



The document header includes the logo of 'UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS' and the 'Plataforma Brasil' logo. Below this, the title 'PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP' is centered. The document contains the following information:

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

- Título da Pesquisa: LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PERSPECTIVA
- Pesquisador: JOSENILDO FARIAS NETO
- Área Temática:
- Versão: 2
- CAAE: 56890016.0.0000.5013
- Instituição Proponente: Faculdade de Letras
- Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

- Número do Parecer: 2.384.557



**Editora
Performance**

www.editoraperformance.com.br

editoraperformanceoficial

E-mail: editoraperformance@gmail.com

(82) 99982-6896